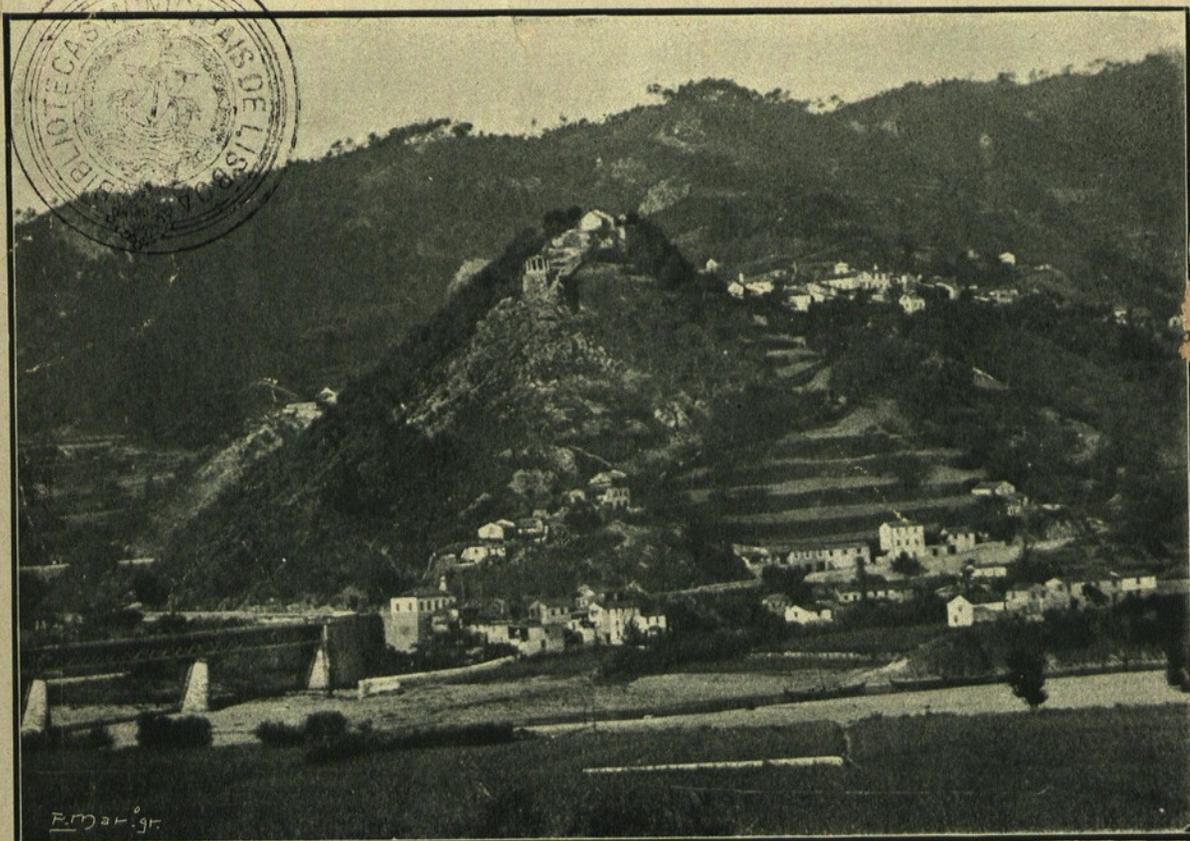
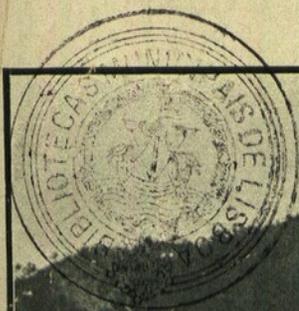


SERÕES

COMPRA
ABR. 1940



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 51 — Setembro

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Anuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

FUNDADO EM 1888

Vaccina animal contra as bexigas—Verdadeiro cow-pox

30, Avenida D. Amelia, 30

Proprietario e Director: CARLOS MONIZ TAVARES

Endereço telegraphico: Vaccina

Numero telephonic: 548

Os animaes que servem á producção da vaccina, escrupulosamente escolhidos, só são inoculados depois de estarem uns dias em observação e adquirida a certeza do seu bom estado sanitario.

A vaccina, antes de ser posta á venda, em tubos ou placas, soffre exame bacteriologico e ensaios clinicos, de modo a poder assegurar-se a sua pureza e efficacia.

Tubos ou placas com vaccina para 1 a 5 pessoas	500 réis
Tubos ou placas com vaccina para 10 pessoas	800 »
Frascos com vaccina para 50 pessoas.	4\$000 »

A vaccina deve ser empregada tal como está nos tubos ou placas sem addicionamento de substancia alguma.

A vaccina deve ser conservada ao abrigo da luz e da humidade e em local cuja temperatura não exceda 20° centigrados, sob pena de se attenuar a sua virulencia.

Vacinações no Parque, em todos os dias uteis, das 2 ás 4 horas da tarde	1\$200 réis
A's quartas feiras, vacinações com vaccina tirada da vitella, com o animal á vista.	2\$000 »

Preços espeziaes para vacinações em collegios

FORNECIMENTOS PARA CAMARAS MUNICIPAES

Para **Africa e Brazil**, acondicionamento especial de fôrma a assegurar a chegada da vaccina ao seu destino em perfeito estado de conservação e efficacia.

Todos os pedidos de vaccina feitos pelo correio ou por telegramma, são satisfeitos immediatamente, seja qual fôr a quantidade

Summario

MAGAZINE

	PAG.
OS MALMEQUERES (<i>Frontispicio</i>)	178
A CARICATURA EM PORTUGAL (<i>14 illustrações e 1 vinheta</i>) de ROCHA MARTINS	179
PENACOVA-LORVÃO (<i>10 illustrações</i>) por L. MANO	187
QUEM CHAMA ? (<i>1 illustrações e 1 vinheta</i>) tradução de AMALIA BARBOSA	193
CARTA A UM PESSIMISTA (<i>2 vinhetas</i>) por JOÃO GRAVE	198
A NOVA GERAÇÃO (<i>8 illustrações e 1 vinheta</i>) por VEIGA SIMÕES	201
CHRISTO (<i>Versos</i>) de RAUL DO VALLE	211
AO PÉ DA COVA (<i>Versos</i>) de ALBERTO CORRÊA	212
O VINHO DO PORTO (<i>5 illustrações</i>) por ALBERTO BESSA	216
A UMA ACTRIZ (<i>Versos</i>) de CARLOS AFFONSO DOS SANTOS	223
MANCHAS SOLARES (<i>11 illustrações</i>) por A. RAMOS DA COSTA	224
AMOR SECRETO (<i>Soneto</i>) de JOÃO PENHA	230
A SITUAÇÃO DO HOMEM SOBRE A TERRA (<i>8 illustrações e 1 vinheta</i>) por CARNEIRO DE MOURA	231
A RENASCENÇA EM PORTUGAL (<i>7 illustrações e 1 vinheta</i>) por ALBRECHT HAUPT	238
A NYMPHA NA FLORESTA (<i>Soneto</i>) de PEDROSO RODRIGUES	243
ARSENAL DA MARINHA (<i>5 illustrações</i>) por HENRIQUE MARQUES JUNIOR	244
PHASES DO AMOR (<i>Soneto</i>) de RAUL DO VALLE	249
A FIGUEIRA MALDITA (<i>1 vinheta</i>) por M. CARDOSO MARTHA	250
A TEIA (<i>Versos</i>) de JULIO COUTINHO	252
ECCOS E REFLEXOS (<i>11 illustrações</i>)	253

A MUSICA DOS SERÕES

NINHARIA, pizzicatti, por LUIZ FILGUEIRAS	4 pag.
---	--------

DIRECTOR LITTERARIO

Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR

Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6\$000 réis	1 pagina	70\$000 réis
1/2 pagina	3\$500 »	1/2 pagina	40\$000 »
1/4 pagina	2\$000 »	1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 500 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha....	{	Anno	2\$200 réis
		Semestre	1\$200 »
		Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	-	Anno	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro...	-	Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS *Serões*

Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27

Telephone **805**

LISBOA

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

POR

MAX PEMBERTON

TRADUÇÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

INDICE DOS CAPITULOS

Capitulos	Pags.	Capitulos	Pags.
I—Bruce Ingersoll principia a sua historia	7	XIX—Na praça de touros	255
II—Adeus a Cambridge	17	XX—O dr. Luthero James	279
III—Jehan Cavanagh	29	XXI—Barcelona	299
IV—A casa do Fen	41	XXII—No palacio da Ponte	321
V—As noticias do jornal	55	XXIII—As desconfianças de Paulina	331
VI—O grito nocturno	65	XXIV—O regresso a Inglaterra	337
VII—A mulher e a creança	77	XXV—Fédoro	351
VIII—O destino de Cavanagh	93	XXVI—Um conhecimento	367
IX—Prospero de Blondel	105	XXVII—Jornada nocturna a Waterbeach	377
X—A festa do Corpo de Deus	119	XXVIII—A dama do bosque	395
XI—A luz da janella	143	XXIX—Na bibliotheca	403
XII—Ainda Paulina Mamavieff	165	XXX—O barco	413
XIII—A prisão de Bruges	177	XXXI—Robiniof	429
XIV—A encarcerada	189	XXXII—A sua familia	437
XV—A segunda intrevista	203	XXXIII—Paulina emmudece	447
XVI—Raiz e tronco	217	XXXIV—O milagre	461
XVII—O homem de cabello ruivo	229	XXXV—A memoria de Jehan Cavanagh	469
XVIII—O expresso de Vienna	249		

PREÇO 500 RÉIS

Á venda nas principaes livrarias

e no deposito, Livraria Ferreira, editora

132, Rua do Ouro, 138

LISBOA

Muita atenção:

Brinde dos SERÕES

Para evitar reclamações de extravio do numero dos **SERÕES**, onde se inclue a **Senha numerada**, que habilita o assignante ao **Sorteio do Brinde (Viagem a Paris)**, desde já declaramos não se fazer envio de nova senha, visto n'esta administração ficar annotado o numero ou numeros enviados, correspondentes a cada assignante — o que fica á disposição de quem deseje certificar-se.

Ao contemplado com o numero igual ao premiado com a sorte grande na loteria do Natal (**que se realisa a 23 de dezembro proximo**), será o seu nome publicado no *Diario de Noticias e Seculo* do dia seguinte. A apresentação da senha numerada, reconhecida a identidade do assignante, ou de quem o represente, ou ainda, no caso de extravio da senha-brinde, documento que legalise devidamente ser o proprio ou quem o represente, será bastante para liquidarmos o nosso prometido offerecimento.

Agosto de 1909.

A administração.

SERÕES

N.º 51 — SETEMBRO



LIVRARIA FERREIRA-EDITORA

139, RUA DO OURO, 138 LISBOA



Os malmequeres

A CARICATURA EM PORTUGAL

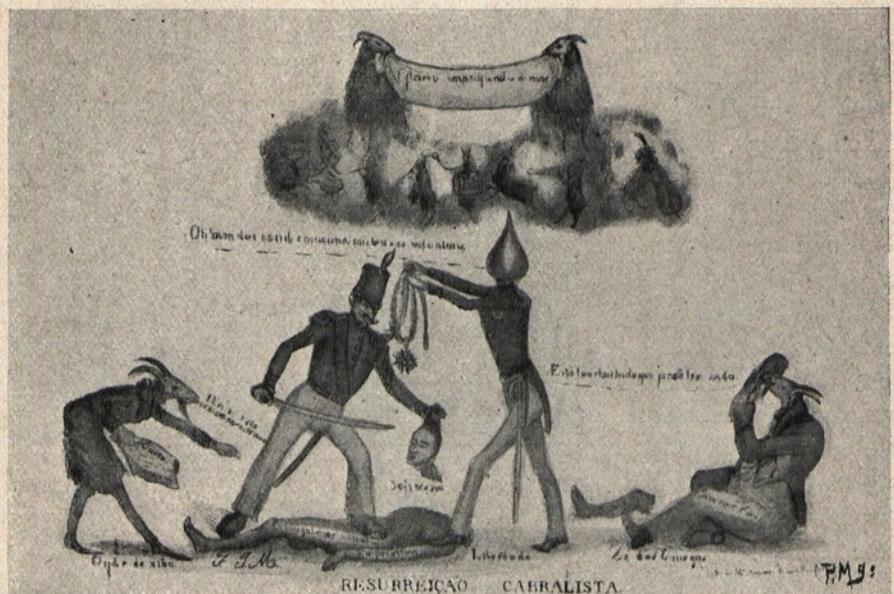
I

Do tempo dos francezes a El-rei D. Fernando

Como appareceu a caricatura — Portugal e os caricaturistas — Arma de troça e de combate

A caricatura deve ter nascido na hora em que o homem sentiu a vontade vingadora de mostrar o seu semelhante exteriorisando-lhe os defeitos e castigando-o em traços que fossem ao mesmo tempo rasgões d'armas afiadas e bordoadas arlequinescas de matracas comicas e ruidosas. A essancia de troça não escaparam nem os deuses nem os imperadores; as faces immortaes alargaram-se, cresceram, tumificaram-se e os vultos augustos e sagrados appareceram de pés de cabra e orelhas de burro com que os artistas, mesmo nas mais remotas edades, se vingaram dos dominadores. Desde Antriphilo, mettido nas en-

xundias d'um suino até Napoleão encarnado na Besta da Apocalypse, desde as macabras exhibições de Goya ás endiabradas cargas de Gavarni, desde D. João VI minotaurisado até ao sr. José Luciano em fralda, a caricatura tem marcado com o seu ferrete contundente e guisalhante, os crimes, os maus actos, as tranquibernias, as affectações, besuntado com irreverencias castigadoras



A RESSURREIÇÃO CABRALISTA

(Do Procurador do Povo)

as faces mais celebres, não poupando, não transigindo, não se curvando. A caricatura é das artes a unica que não pode ajoelhar diante dos poderosos; é aquelle que não



DEPOIS DA BATALHA DE TORRES VEDRAS

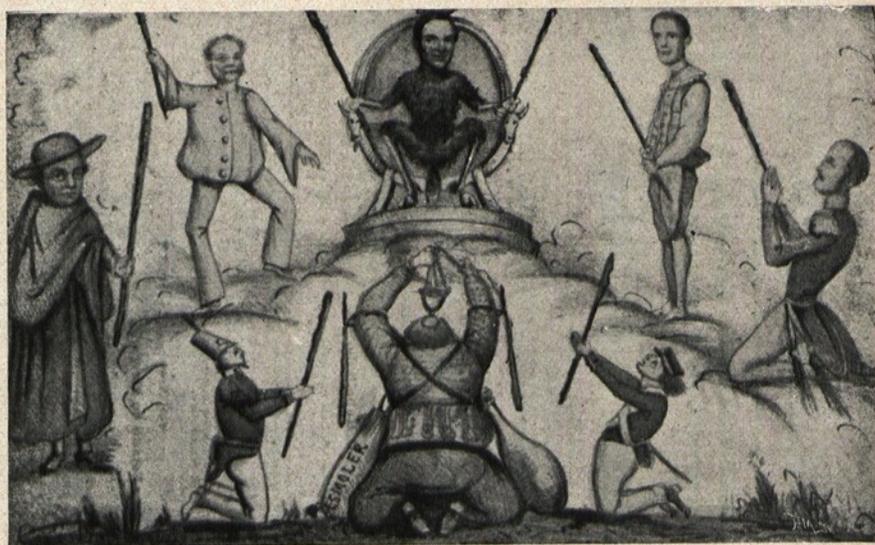
(Do *Procurador do Povo*)

pode viver senão ridicularizando; a unica que ficou filha da revolta e eternamente revoltada como no seu inicio, sem o amoldado facil da litteratura, da musica, da poesia, da esculptura que bastas vezes sagram em apologias, em hymnos, em odes, em monumentos aquelles que a caricatura abexigou com maior justiça.

Emquanto historiadores graves, pintores famosos, poetas celebres, esculptores distinctos e inspirados musicos celebravam os dotes do senhor D. João VI, as bondades e virtudes do principe fugido para o Brazil n'um exodo realengo e cortesanenco, diante dos francezes invasores, apparecia nos muros do paço da Bemposta uma caricatura — uma das mais antigas de

Portugal — onde o marido de Carlota Joaquina apparece de pernas tortas, barriga saliente, a cabeça com os appendices do demonio n'uma caraça de ruminante de cuja bocca sahia uma phrase caracterisadora e uma allusão aos 200 milhões de cruzados que se dizia tinham ido na armada com a côrte acobardada e foragida. A' esquerda surgia a a nação com uma perna de pau e na sua frente o exercito, os empregados, os operarios, os ricos exclamavam: «O meu soldo, o meu ordenado, o meu salario, as minhas tenças!» A nação, segundo uma bandeirola que lhe sahia da bocca, dirigia-se ao principe

n'estes termos bem pouco respeitosos: Ouvi, cruel, a voz dos vossos filhos. O que levas não é teu. És um ladrão. Ficamos pobres



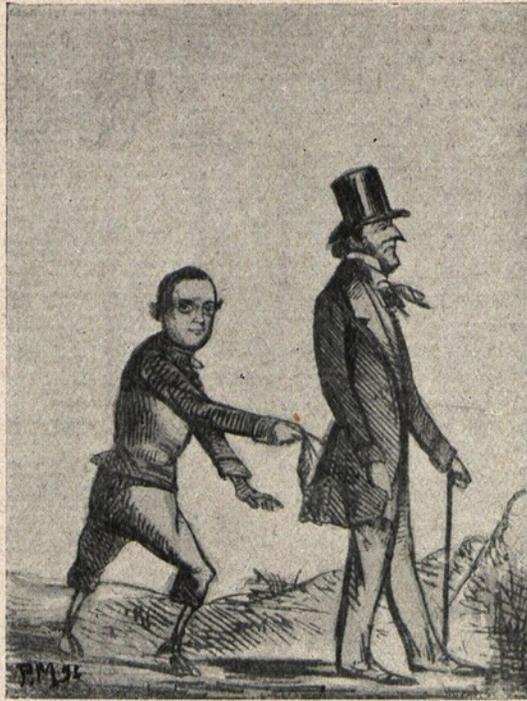
ADORAÇÃO DO GACETE

e infamados! Apparecia ainda uma fileira de frades e de lobinhos, n'uma allusão aos Lobatos, favoritos de D. João; o seu conselho privado e a Inglaterra de gorro d'al-

godão, bradando: Vamos! Vamos! Por detrás do conselho estava escripto: Se veem os 200 milhões, de Londres não voltam, Bella occasião para zombar dos crédores. Nada de satisfações e que se regalem com os francezes! No alto do papel havia o seguinte distico: A nação mais valorosa, mais fiel e menos resoluta!

Tal é a primeira caricatura portugueza em que se castiga um soberano n'uma explosão de colera e com uma risada galhofeira. Em pleno dominio dos francezes o ridiculo das caricaturas

secretas ia attingir Napoleão, Josephina, os reis da casa imperial como n'uma celebre estampa, intitulada o *Dragão e a Besta*, na qual se dá á imperatriz dos francezes o nome com que lhe castigavam algumas das suas escapadas amorosas do tempo de Barras e nas caleças de viagem do periodo das victorias na Italia. Ha n'essa estampa, com um odio profundo, uma superstição marcada e uma satyra terrivel que a expressar-se n'uma gargalhada seria aspera, sarcastica, epileptica. Muitas outras se espalharam pelo paiz e em 1809 apparecia uma que representava Bonaparte de jornada para o inferno. O imperador lá vae, de espada nua, encavalitado no demonio, mais feio que é possível imaginar, com as suas azas de mor-



INSTINCTO DO ROUBO
(Caricaturas do Suppl. Burlesco do *Patriota*)

Virgem, que do céu olhava, nada tinha de caricatura, antes estava mais aformoseado; mas, em compensação, por debaixo do throno tres desgraçados constitucionaes hediondos, um d'elles com orelhas asininas, outro com a trolha dos pedreiros livres, o

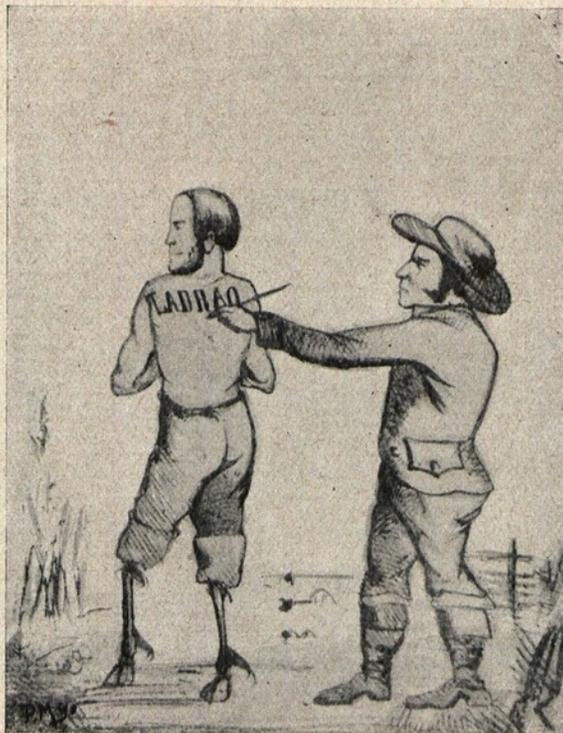
cego, o rabo em fouce, a bocarra aberta, carregando para o seu antro aquelle que devia ainda em Santa Helena receber pelos jornaes os insultos que a caricatura de todo mundo lhe enviava.

Os malhados e a caricatura — Lapis que ferem — O Rei Nabo

Quando D. Miguel reinava tambem n'uma meia caricatura se troçavam os constitucionaes. O rei, com o seu bello rosto, sagrado por um anjo que lhe trazia a corôa, protegido pela

terceiro de guedelha hirsuta, eram bem caricaturaes segurando o seu letreiro onde se lê:

*Pedreiros livres
E malhados
Debaixo do trono
São esmagados.*



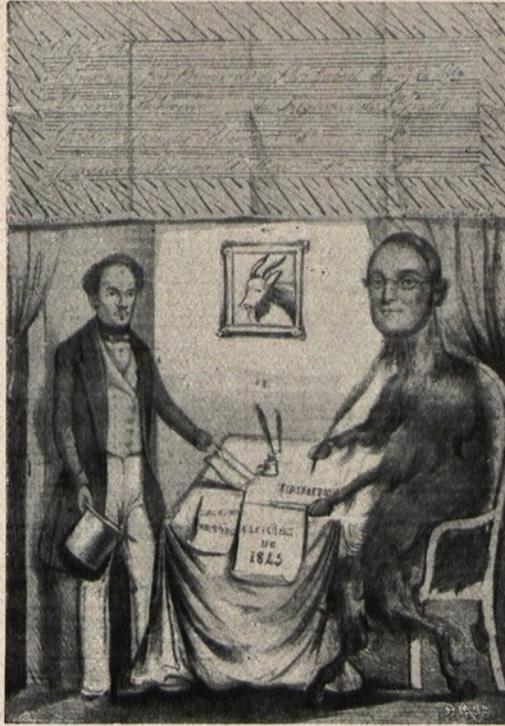
O ESTYGMA DOS GABRAES — A SENTENÇA DO PAIZ

A caricatura, porém, só chega a um certo desenvolvimento em Portugal, quando os jornaes se atrevem a publical-a, após a implantação do constitucionalismo que fôra celebrado em gravuras lisonjeiras e allegoricas nas quaes D. Pedro salvava o

paiz — um barbudo vestido d'arnez — partindo-lhe os grilhões avassaladores e D. Miguel apparecia calcado aos pés do irmão como um demonio sob o archanjo vingador. Era a represalia das orelhas de burro com que se tinham restituído a alguns dos constitucionaes as suas primitivas formas tanto pelo symbolo da sua intelligencia como pela furia com que depois entraram a escoucinar na liberdade. A D. Pedro em vez de caricaturas fizeram cantigas revoltantes e apatacaram-no em S. Carlos outros demolidores mais praticos, mas D. Maria II e seu marido, D. Fernando, que tambem fez caricaturas, soffreram os rudes embates d'essa arte que começava a surgir nas paginas iconoclastas dos jornaes.

No *Procurador dos Povos*, folha volante, um tal Filgueiras traçava, embora sem vigor, pallida, desengonçadamente, os perfis dos soberanos. O rei era um nabo muito alto, fardado de marechal; a rainha uma mulhe-
raça gorda que quasi sempre se parecia e muito com D. Maria II.

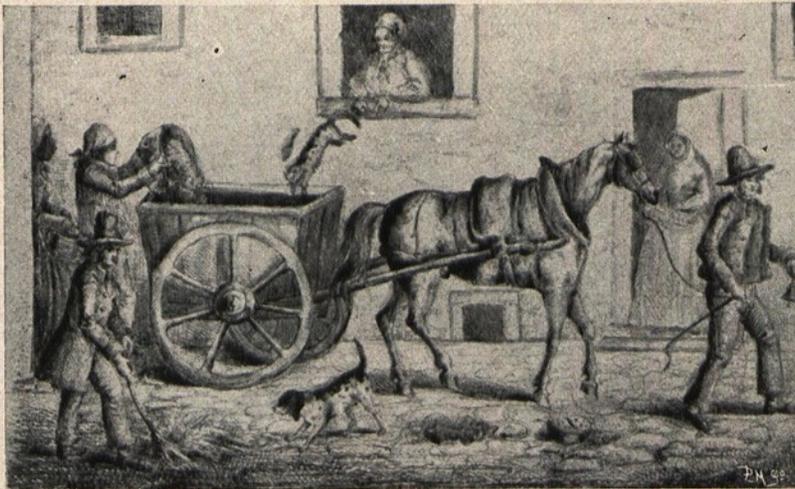
Após a batalha de Torres Vedras lá apparece na janella do paço saudando um



TALENTO PERSPICAZ
SABER PROFUNDO
DAE-LHE DINHEIRO
DAR-NOS-HA UM MUNDO

(Do *Patriota*)

drões! D'um lado estão os religiosos de mão estendida, do outro a ministralhada radiante. Portugal era já representado n'esse tempo por um esqueleto a que se vestia um resto d'armadura e quasi sempre apparecia a pontapear ministros em curvaturas patusticas, de tibia vingadora. Alguns artistas punham os caricaturados apenas com deformações nos corpos, conservando-lhes os rostos ou para serem assim bem conhecidos ou por deficiencias de poderem marcar-
os nas disformidades de tra-



O PODER EXECUTIVO DO PELOURO DA LIMPEZA

(Do *Album de D. Fernando*)

cortejo ratão que desfila grotesca e singularmente e D. Fernando entre os ministros, n'uma outra pagina, está todo empertigado com a sua cabeça vegetal n'uma irreverencia de tal ordem, para o tempo, que chega a admirar. Então apparecem outros artistas, quasi todos assignando os trabalhos com pseudonymos ou com simples iniciaes não indo, na piugada do primeiro, avançando de dia para dia a audacia das legendas que devia chegar ao maximo após o Cabralismo em 1846. Referindo-se á expulsão dos frades dos seus conventos ha uma caricatura com o seguinte titulo: *Os roubados pedindo esmola aos la-*

drões! D'um lado estão os religiosos de mão estendida, do outro a ministralhada radiante. Portugal era já representado n'esse tempo por um esqueleto a que se vestia um resto d'armadura e quasi sempre apparecia a pontapear ministros em curvaturas patusticas, de tibia vingadora. Alguns artistas punham os caricaturados apenas com deformações nos corpos, conservando-lhes os rostos ou para serem assim bem conhecidos ou por deficiencias de poderem marcar-
os nas disformidades de tra-

ço que são a base da caricatura.

As impertinencias choviam: o ataque era constante e, apesar do grosseiro trabalho, algumas d'essas paginas tem graça pelo arrojado e pela intenção, pelo singelo e inexperienced traço com que se procurava ferir aquelles que não cumpriam os seus deveres e que os jornaes muitas vezes, cheios de receios, poupavam. E' n'esse periodo que começa a afirmar-se a caricatura politica mesmo no estrangeiro, como uma arma de rebellião com que a França ia preparando um pouco a sua republica de 48, depois de ter perfurado as enxundias de Luiz XVIII, a cõrte beata de Carlos X e o burguesismo de Luiz Filippe.

Chega-se ao maximo do arrojado; os reis passam a ser do dominio commum desde que transigiram e os grandes personagens, marcados com os seus defeitos faziam rir despedadamente o povo.

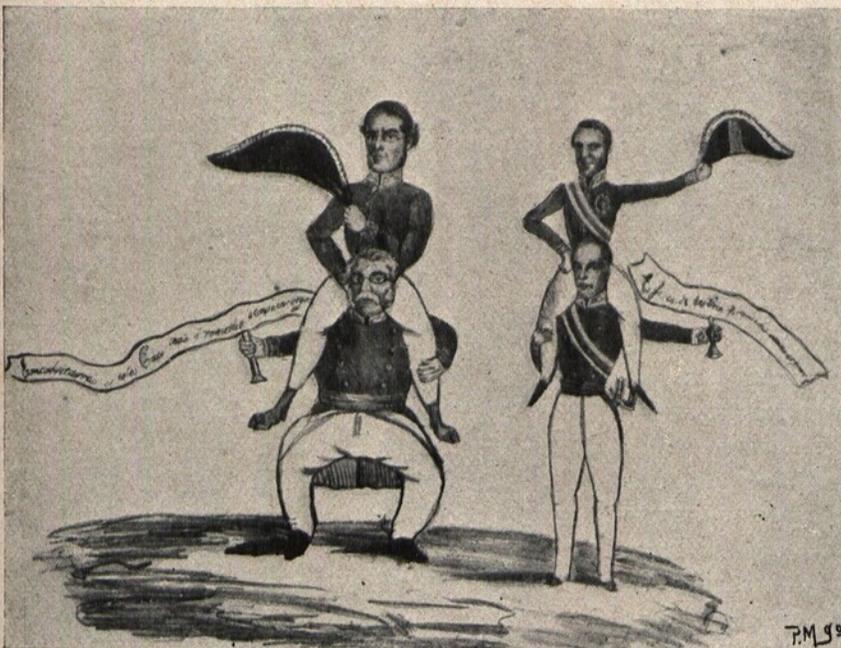


TROÇA AOS CABRAES — UM VERDADEIRO REFORMADOR DE PRADES

No tempo dos Cabraes — A historia do caleche — O Supplemento do «Patriota»

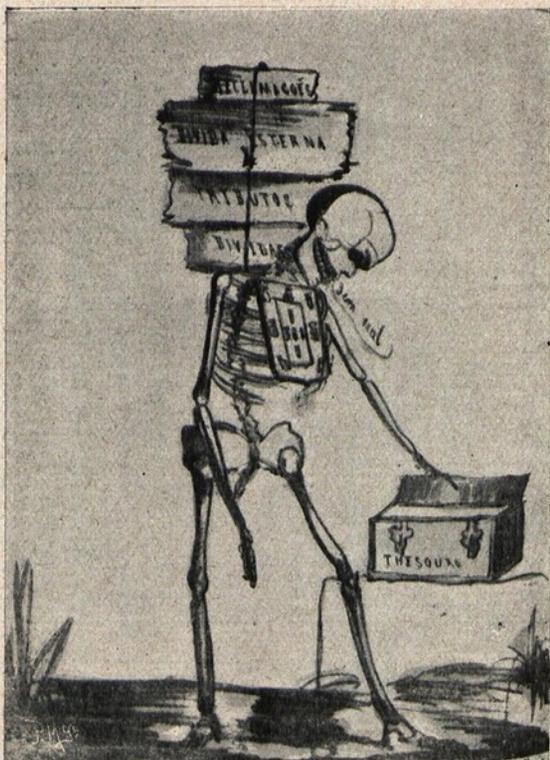
Em Portugal um dos individuos mais violentamente attingidos pela caricatura foi Costa Cabral e d'uma forma que nem mesmo quando a arte perfeita de Bordallo marcou Fontes, Arrobas e todos os politicos do seu tempo, pode ser excedida. O *Patriota*,

jornal d'opposiçã ao cabralismo, lançou o seu *Supplemento Burlesco*, á imitaçã dos jornaes francezes, um pequeno folheto de quatro paginas recheado de injurias e de satyras. Dois caricaturistas, que assignavam *Cecilia e Maria*, a occultarem-se, a ficarem desconhecidos para a posteridade, fizeram sangrar rijamente os Cabraes, sobretudo Antonio Bernardo — depois marquez de Thomar — que a ter realmente os figados ferozes que os seus inimigos lhe attribuiam e a rodear-se dos cace-



OS CABRAES ENCAVALGANDO OS MINISTROS

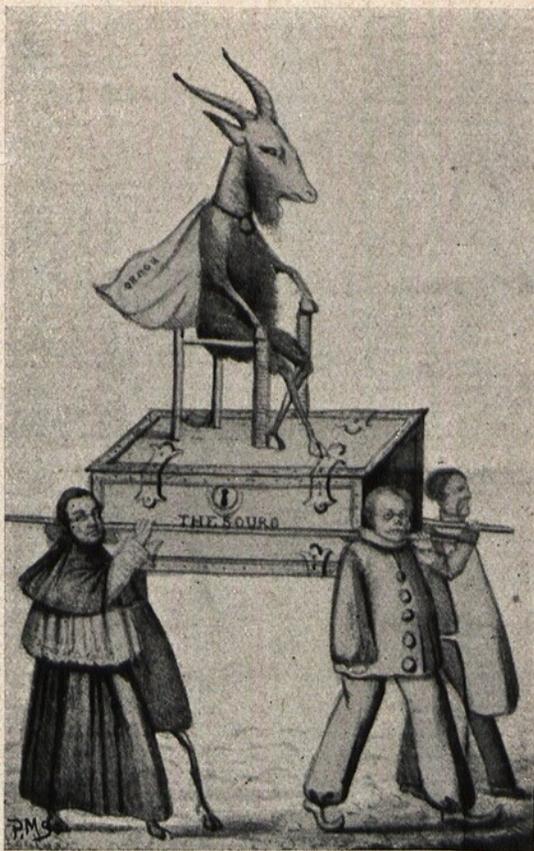
(Do *Procurador do Povo*)



PORTUGAL EXHAUSTO

teiros que, diziam, acaudilhavam os seus sequeiros, teria mandado por mais d'um vez, alguns rijos pimpões de Algodres deslombarem com o estadinho provinciano os seus accusadores. Ha uma caricatura em que o ministro apparece rapinando lenços das algibeiras alheias e que traz a seguinte legenda: *O Instincto do Roubo*; outra intitulada *A Sentença do Paiz*, e levando escripto nas costas a palavra *Ladrão*. São como um estyigma, aquellas letras resaltando na pagina do *Supplemento Burlesco* e mostram-nos a liberdade d'imprensa que então existia e a audacia d'ataque que os nossos avós punham nas suas luctas politicas. As caricaturas teem então um ar de certo capricho, o desenho já é acabado; a idéa é sempre mordaz iniciando assim a arte que faltava nos caricaturistas anteriores. Em 1847 pintavam Antonio Bernardo virando a casaca, transvestiam-no sempre em cabra, referindo-se ao seu appellido de Cabral; os seus partidarios appareciam como um rebanho; o seu brazão tinha animaes estranhos, toda uma violenta obra de ridiculo se fazia pela caricatura que dentro em pouco devia esmorecer para só ressuscitar e engrandecer-se na notavel obra de Bordallo. Em 1850-1851 punham o ministro guiando um caleche que os seus

amigos puxavam, isto n'uma allusão a certo negocio, de resto nunca provado, e que as opposições assacavam ao homem d'Algodres e collocavam-no sobre peanhas ridiculas de um comico atrevido. Fustigavam-no e aos seus com as caricaturas estranhas que são o *Triumpho do Chibo* e a *Adoração do Cete*. A nação despojada, surge com a legenda hilariante: *Estado em que ficou Portugal depois das vantagens de Tomar*. A Maria da Fonte apparece de vez em vez n'essas paginas com as suas armas, ferrendo soccos nos Cabraes, os homens mais feridos pela caricatura terrivel durante quatro annos em que no *Supplemento do Patriota*, *Maria e Cecilia*, pseudonymos d'artistas d'algum valor e muita energia foram luctando contra o governo e firmando em mais solidas bases aquella arte que alvorecera em Portugal nas paredes abandonadas no Paço Real da Bemposta a ferir justamente o principe e a sua côrte que abandonaram a nação no periodo critico em que os invasores vinham chegando para a tomadia infame.



TRIUMPHO DO CHIBO

(Do *Patriota*)



CARICATURAS DE D. FERNANDO EM TORNO D'UM QUADRO

Um rei caricaturista — Um poder executivo chuchado pelo moderador — A aurora d'uma arte nova

Emquanto atacavam os seus ministros com essas satyricas figuras, o rei D. Fernando, artista precioso, principe germanico que trazia no seu lapis evocações de gnomos da sua Allemanha e diatribes aquecidas na vida peninsular, dedicava-se tambem á caricatura que fazia voga, inofensiva, graciosa, leve, mais d'apontamento que de troça, com o seu quê de discreto de risada diplomatica.

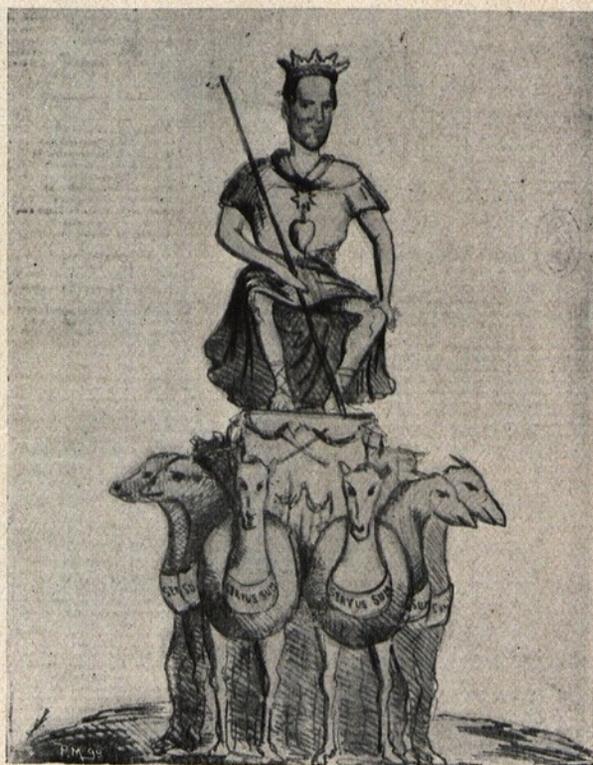
Em 1840, quando o pintavam como um nabo fardado, elle entretinha-se a tracejar na beira d'uma phantasia allemã, com as suas eternas figurinhas gnomicas, episodios margeantes na folha onde a composição resaha: e são trechos de corrida de touros a que assistiu e de que talvez se recordava com saudade enquanto ia desenhando as figuras do seu quadrinho. A letra do rei marca os episodios minusculos, indica o que representam vendo-se então, depois d'uns cavalleiros que vão farpeando, toda a nota comica d'uma tourada no seu intermedio de gargalhada, com uns pretinhos da Guiné desnalgados e de pennas na cabeça correndo para os touros enquanto, já n'uma phantasia, prepassam no meio d'elles anões bem allemães puxados por cysnes. N'outra,

que talvez seja recordação d'alguma festa palaciana ou de S. Carlos, põe um homem cantando com largos gestos e um pianista de longas farripas, corcovado sobre o instrumento n'uma intensa nota de verdade logo desmanhada por ter mettido tudo isso entre animaes fabulosos que a sua phantasia germanica se comprasia em collocar nas cousas mais positivas.

Em 1836 caricaturava dois typos com a seguinte legenda: *Il vecchio Cappuzi e l'amico Pitichenacaoio*. Onde a caricatura, por-

rém, se torna franca, sem receios, feita sem duvida n'uma hora folgazã pelo soberano é n'um trabalho curioso intitulado: *O poder executivo do Pelouro da Limpeza*.

E' a carroça do lixo para a qual se ati-



O REI CABRAL

(Do Patriota)

ram gatos, se despejam caixotes ao som da campanha que o homem agita, n'uma nota viva de satyra que torna realmente engraçado esse poder executivo do pelouro da limpeza todo achinchado por uns traços de lapis attico do Poder Moderador. Mais tarde apparece ainda em Lisboa um periodico *O Jornal para rir* onde Nogueira da Silva fazia caricaturas inofensivas e a arte paralysoou-se para só se tornar dominante e vencedora, arte portugueza, nas mãos portentosas de Bordallo. Taes foram as primeiras phases d'essa arte que, tendo as levezas d'uma satyra burilada, encerra o veneno agri-doce d'uma pasquinada, d'essa arte que ao atacar — ella, a mãe do ridiculo — se vinga divinamente matando, mesmo os mais septicos, cocegando-os, fulminando-os quanto mais não seja pelo riso.

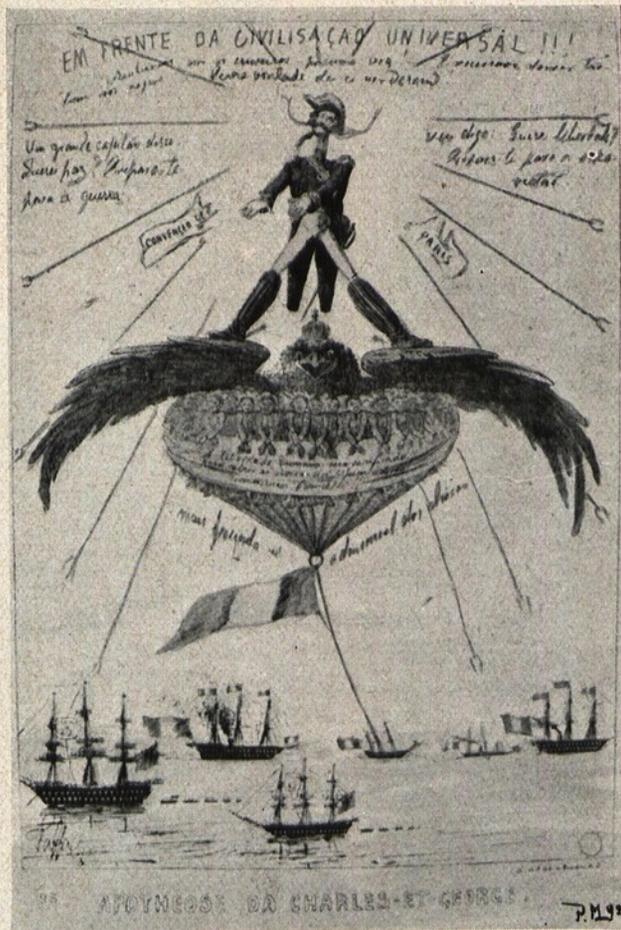
O horror da satyra attaca bem vivamente todos os portuguezes; o ridiculo é a arma que mais os perturba porque havendo no fundo de todos elles o atavismo das velhas quixotadas jámais podem perdoar que se lhes pinte os defeitos no exaggero que a caricatura arranja, umas vezes com o poder artistico como o de Bordallo Pinheiro nas paginas brilhantes dos seus jornaes, outras com uma

forte furia em que menosprezando a arte, alguns caricaturistas como alguns pamphletarios inferiores zurzia os poderosos da terra, os amesquinham exaggerando-as n'um cumulo de paradoxo.

Essa arte, em Portugal, começou pela insania furia de rebellião do cartaz da Bemposta e marcou-se nas violencias anti-estheticas dos collaboradores do *Procurador do Povo* e do *Patriota* até que um dia o inegalavel artista que foi Raphael, que por si só merece um artigo especial, senão um volume, tomou o sceptro d'essa formidavel potencia em que reinou durante a sua vida e em que jamais nenhum portuguez o excedeu. Elle foi como um rei de que se teem muitas saudades ao verem-se os outros, um supremo artista que fez da caricatura portugueza a obra notabilissima e inimitavel, que os proprios alvejados reconheciam como primorosa e que o publico applaudia no seu instincto das cousas bellas.

N'esse periodo que vae da invasão franceza á morte de D. Fernando II e mesmo depois só elle foi o mestre que fazendo rir pelas contorsões dos rostos, pelos defeitos exacerbados, castigou as infamias e as trapaças em que tem sido fertil toda a politica portugueza.

ROCHA MARTINS.



ALLUSÃO AO CASO DA «CHARLES ET GEORGES»



PENACOVA — VISTA DO LADO DO PENEDO

A' esquerda a ponte José Luciano; ao centro, no vertice da colina, a capella da Senhora da Guia; mais abaixo o Mirante; á direita, a egreja matriz

Penacova=Lorvão

No precedente numero dos *Serões* tentei dar uma idéa da rara belesa da estrada de Coimbra a Penacova e do deslumbrante panorama que se gosa uma vêz que se chegá a esta vila; vou hoje completar esse artigo com algumas notas relativas ás excursões que se pódem realizar de Penacova.

O viajante apressado, que limitar a sua visita a Penacova a um simples passeio pela vila, ao adro da capela de Santo Antonio, junto da linda residencia do sr. conselheiro Luiz Duarte Sereno e ao *Mirante Emygdio da Silva*, não viu o mais grandioso dos panoramas penacovensens. Precisa para isso

realisar a primeira e a mais curta das excursões que se fazem de Penacova — a do *Penedo do Castro*.

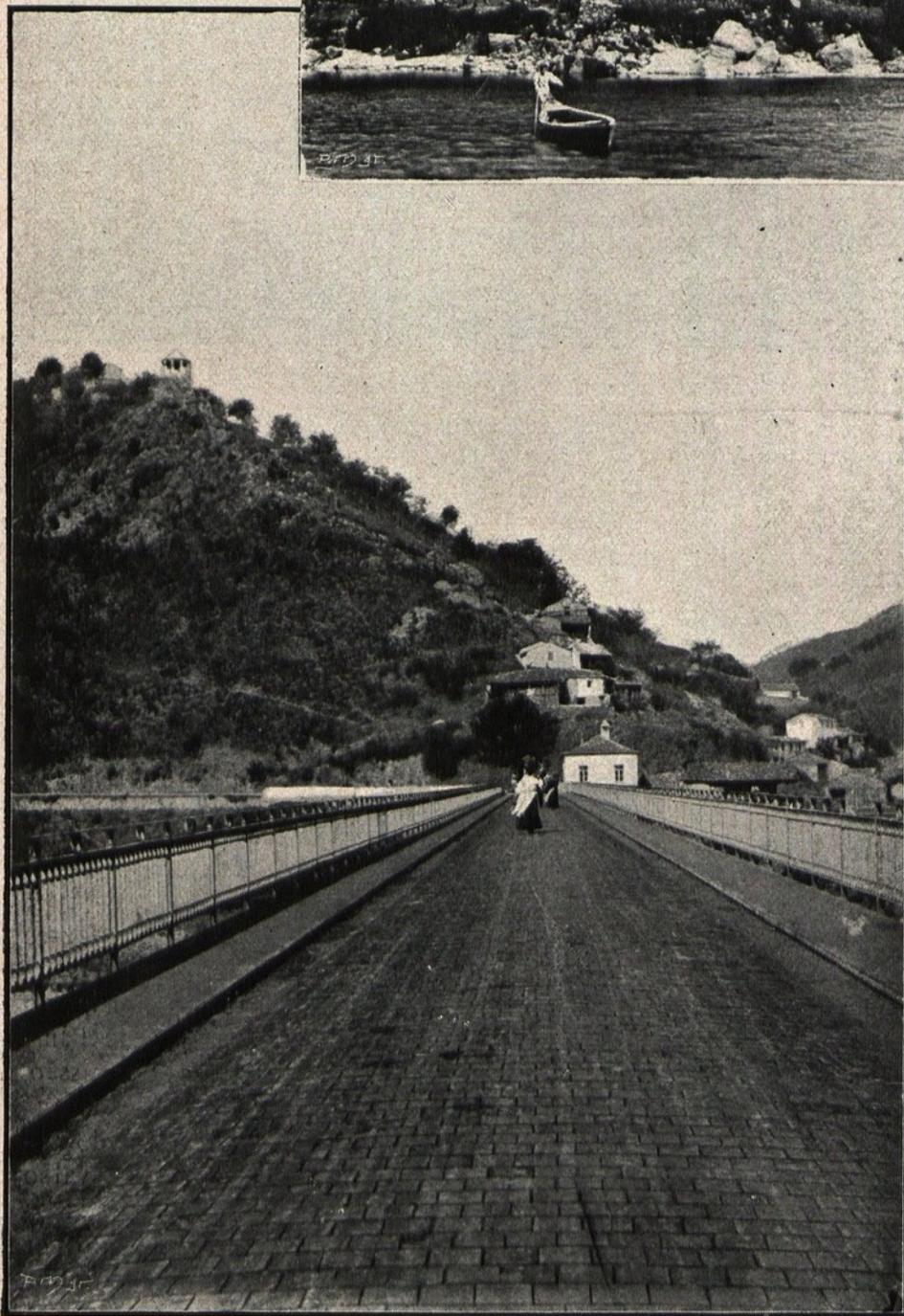
A ascensão do *Penedo do Castro* faz-se por um caminho de pastores, que parte da estrada que atravessa a vila e se dirige ao Botão, aldeia proxima da estação de Pampilhosa ou, obtendo a necessaria permissão, atravez da formosa mata que fica sobranceira á vivenda solarenga do abastado capitalista sr. Joaquim Augusto de Carvalho e que é situada junto da referida estrada.

O *Penedo do Castro*, que é formado por uma aglomeração de rochas de granito que encimam a colina e se destacam da paisagem verdejante que circumda a vila, deve a sua designação actual a uma justa home-

nagem que os habitantes de Penacova e outros admiradores do sabio bibliófilo conimbricense Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, reunidos com a Camara Municipal da presidencia do Dr. José Albino



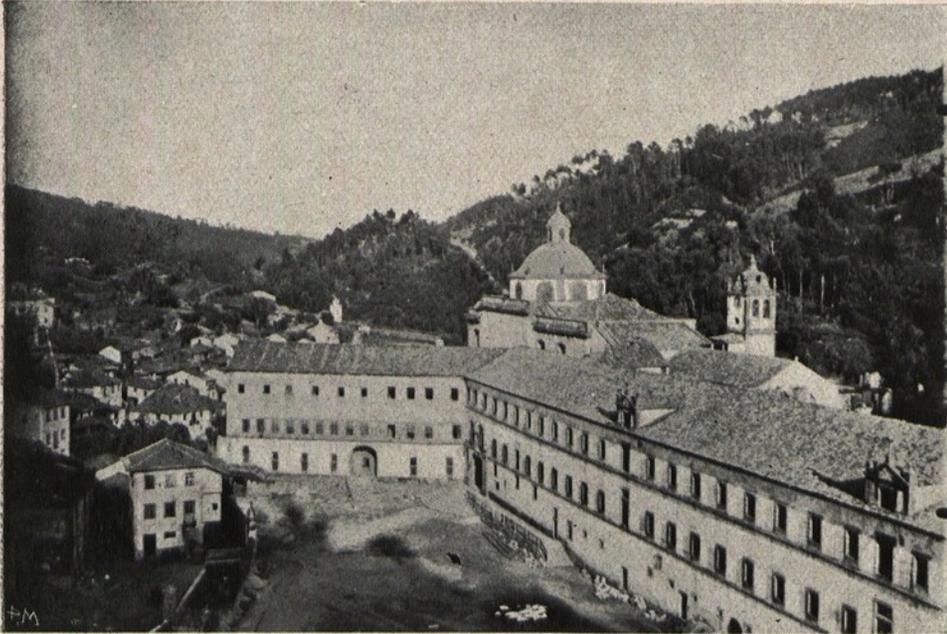
PENEDO DA CARVOEIRA,
FRONTEIRO A PENACOVA



PONTE JOSÉ LUCIANO

No alto, à esquerda, o mirante Emygdio da Silva

Ferreira, resolveram tributar a um dos mais antigos propagandistas das belesas da região, crismando no seu ultimo nome o *Penedo da Cheira*, como era designada até então esta colina, por estar proxima de um logarejo, denominado Cheira. Uma lapide de marmore indicativa do novo nome do *Penedo* foi oferecida á Camara Municipal de Penacova por um grupo de lisboetas, artistas, escritores, homens de ciencia, amigos e admiradores do prestimoso e bemquisto cidadão, tendo um dos oferentes, o architecto Raul Lino, feito o desenho da lapide.



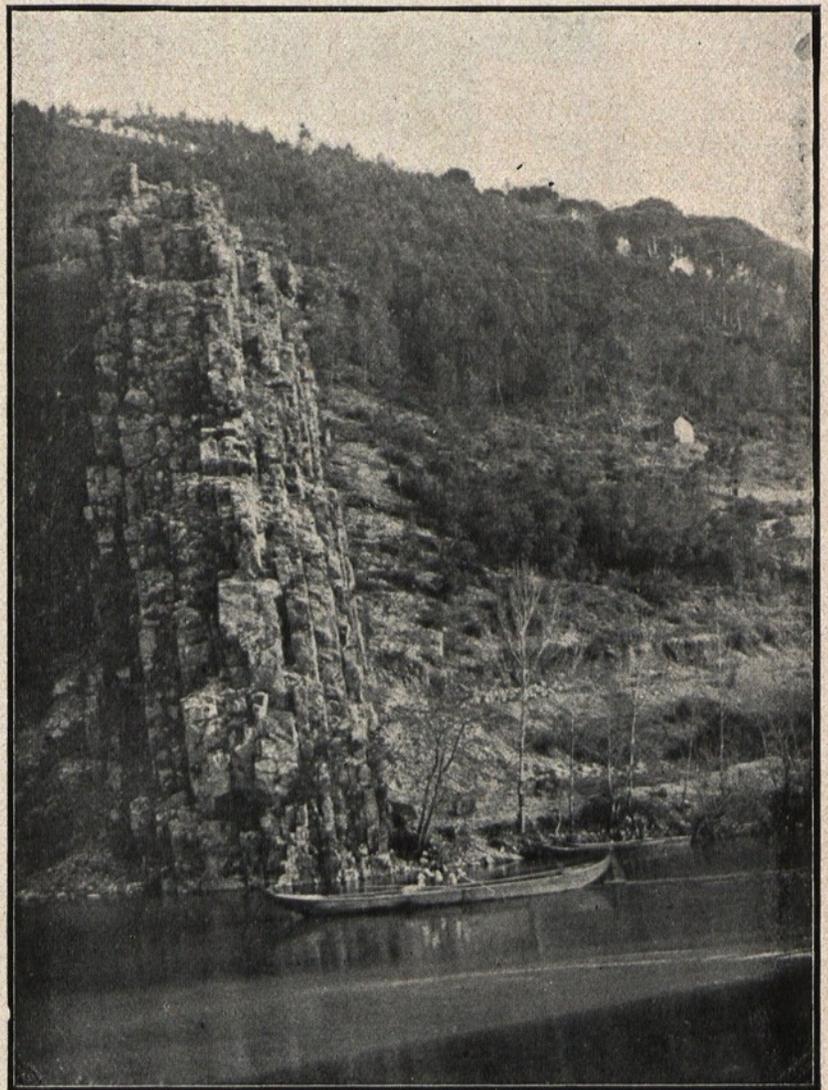
MOSTEIRO DO LORVÃO, EM PENACOVA

minuciosamente, como uma delicada miniatura que caiba na nossa mão; o outro é como uma dessas vastíssimas composições do Veronese ou um dos grandes quadros de Horacio Vernet que só se vêem bem com aqueles binoculos de museu, que limitam o campo visual e permitem que se observem por partes télas de grandes dimensões.

A excursão ao *Penedo do Castro*, que já de si é interessante pelo pitoresco da estrada e caminho que até lá conduz demanda, de poucos minutos e proporciona a vista do grandioso panorama beirão a que nos referimos no artigo anterior.

Ao passo que o *Mirante Emygdio da Silva* é o centro de um grande sector, embora de rara belesa, o *Penedo do Castro* é o centro de um circulo imenso, de que aquele sector representa apenas uma fração.

Se o panorama do primeiro encanta e extasia como um quadro que os olhos abrangem de um só relance e nele ficam pousados longamente, em uma enlevada contemplação, o panorama do *Penedo* arrebatá e estonteia, e não se fixa facilmente, tantos são os sectores que ele tem para observar e quão diversas as paisagens que eles apresentam. Um vê-se devagar,



ENTRE PENEDOS — PENEDO DE JOÃO FREIRE

A excursão a *Entre Penedos* pode-se fazer hoje de duas formas: pelo Mondego acima, de barco, que facilmente se encontra, ou descendo em trem a estrada de Penacova até á margem do rio, atravessando este depois sobre a magnifica ponte metálica *José Luciano* e seguindo a

estrada da margem esquerda, numa extensão de dois kilometros.

A excursão pelo rio tem incontestavelmente maior encanto.

Pretendem os geologos que em épocas remotas não existia a estreita e extensa garganta formada pelos elevados rochedos entre

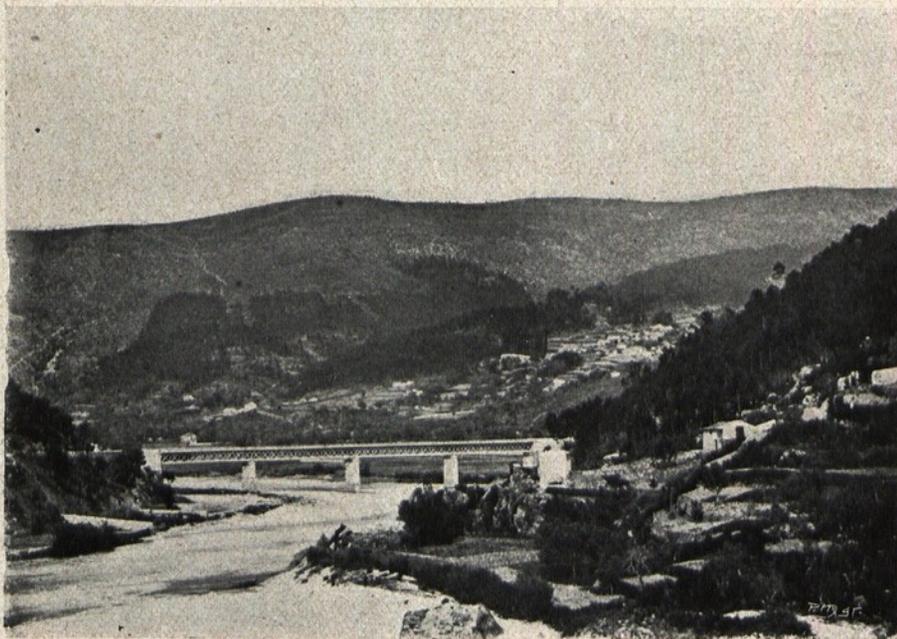


FABRICANTES DE PALITOS

os quaes passa hoje rude e tragico o rio lendario dos idilios.

O que é realmente certo, é que a stratificação das rochas de uma e outra margem se correspondem, camada por camada, como nas monumentaes *Portas do Rodam*, no Tejo, parecendo evidente que nos primeiros períodos da formação

do globo a serra do Bussaco não tinha ainda sofrido o corte que depois lhe fez o Mondego, quando a encontrou no seu curso e lhe escavou essa profunda e pitoresca trincheira que se chama *Entre Penedos* ou *Livraria do Mondego*, nome que o povo tambem lhe deu na imaginosa comparação que fez dos stractos dos schistos ás lombadas regulares de uma biblioteca...



PONTE JOSÉ LUCIANO, SOBRE O MONDEGO

Entre outras excursões interessantíssimas e que constituem verdadeiras ascensões, devem ser preferidas: a do *Penedo da Carvoeira*, do outro lado do Mondego, defronte de Penacova, bastante curiosa pela colina em si, e ainda pelo panorama que se disfruta do ponto mais elevado, avistando-se toda a vila e grandes extensões de montes, vales e rio; e a da *capela da Senhora do Mont'Alto* no cimo deste monte, que é um ponto de vista dos mais notáveis da região, divisando-se de lá as caprichosas curvas que o Mondego descreve num longo percurso e um vastíssimo e também maravilhoso panorama.

Nesse ponto culminante, junto da capela postou Wellington algumas peças de artilharia por ocasião da batalha do Bussaco.

Todas estas e outras excursões tem de ser rematadas, precedidas ou entremeiadas pela excursão classica ao *Mosteiro de Lorvão* que foi um dos mais notáveis do paiz e que apesar de se encontrar hoje em ruínas, e mesmo arrasado em parte, é ainda um monumento de subido valor historico e um repositório de arte muito curioso e interessante. O convento fica ao fundo de um estreito vale, ocupando um local aprasivel que se nos impõe pela sua austera belesa e que podia ser no verão concorridissimo, dada a frondosa arborisação da encosta adjacente ao mosteiro e a frescura dos deliciosos mananciaes de agua que veem dos granitos da montanha.

Mas a laboriosissima aldeia não tem sequer ainda uma estrada que a ligue com

as outras do paiz e para se ir lá, de Penacova, pela estrada do Botão, tem de se deixar esta a dois ou tres kilometros de Penacova e seguir a pé ou em burro por uma extensa ladeira que leva a descer 30 minutos!...

E no entanto, Lorvão bem merecia que os poderes publicos tivessem olhado um pouco mais para ela pois a simpatica aldeia não

vive passivamente da tradição dos seus monumentos, como outras de Portugal, mas do constante e esforçado labor de seus filhos que, desde os de mais tenra idade até aos da mais propecta, se dedicam inteiramente á fabricaçaõ dos palitos de dentes, que tem ali o maior centro de produçaõ do concelho de Penacova, do qual constitue, como é sabido, a industria mais importante.

Mas se os poderes publicos deixam quasi ao abandono os restos do grandioso mosteiro que é um monumento nacional!... O seu pitoresco claustro foi demolido e as cantarias vendidas ou roubadas! No esplendido templo, de grandes e nobres proporções, chove como na rua e o magnifico côro que é um dos melhores exemplares da nossa época do ro-

cóco está destinado a desaparecer, atacado pelo caruncho ou pelas mesmas mãos que destruíram o claustro...

Quando vou a Lorvão e ainda lá encontro perdida naquelas ruínas solitarias, como um naufrago que escapou a cem procelas, a custodia de prata dourada guarnecida de pedrarias — uma reliquia da nossa arte sumptuaria do seculo XVIII — esquecida e inapreciada na vasta igreja, hoje sertaneja, e



A CUSTODIA DE LORVÃO

vejo ao mesmo tempo abandonados os sarcófagos de prata que contem os restos das

aos seus monumentos, compreendendo os tumulares, e do culto não mais carinhoso que



CARVOEIRA, EM FRENTE DE PENACOVA

infantas, filhas de D. Sancho I, não posso deixar de fazer as mais amargas reflexões ácerca da conservação que Portugal dedica

lhe merecem os objetos de arte que andam dispersos ou colecionados por esse paiz fóra...

Clichés Casimiro Guedes Pessoa, Amandio Cabral e Photographia Montenegro.

L. MANO.



N. da R. — Publicando em seguida aos dois brilhantes artigos sobre Penacova, assignados por **L. Mano**, o retrato do illustre e delicado escriptor Manoel Emygdio da Silva, verdadeiro nome do suggestivo articulista, crêmos cumprir um dever que os nossos leitores nos agradecerão.

Collaborador ha muitos annos e de varia secções do **Diario de Noticias**, e principalmente dos artigos financeiros, aos domingos, e das **Coisas e Boisas**, ás sextas feiras, possuindo vastos conhecimentos, tendo viajado largamente, Manoel Emygdio da Silva é uma individualidade em relêvo no nosso meio da alta finança, litterario e jornalístico. Deve-lhe a pittoresca povoação de Penacova uma propaganda activissima, a ponto dos seus amigos o denominarem por gracejo o Christovão Colombo d'aquella adoravel região.

Resta accrescentar que as qualidades de coração de Manoel Emygdio da Silva emparelham bondosa e rutilantemente com as faculdades do seu cerebro e espirito.



Quem chama?

«Mas eu sou branca; não sou indiana. Meu pae era branco. Fui educada como uma rapariga branca e tenho a instrucção que ellas teem.» Levantou-se de subito e com os olhos brilhantes poz-se a passear pela casa por alguns instantes, depois voltou-se e encarou sua mãe — uma mulher escura marcada de bexigas, com olhos somnolentos e pesados — e esperou que ella falasse. A resposta veio vagarosa e taciturna.

«Eu sou uma Blackfoot, vivi durante trinta annos entre os bravos nas margens do Muskwat. Matei bufalos e assisti a batalhas. Tambem já matei homens — Os Crees — quando vinham á noite atacar as nossas cabanas para roubar cavallos! Sou uma Blackfoot. E tu és filha duma Blackfoot. Não ha remedio a dar-lhe. Senta-te. Não tens juizo. Não és uma branca, elles não te querem. — Senta-te.»

O lindo rosto da rapariga corou; levantou os braços num gesto de desesperado protesto, uma horrivel coiera abrigava-se no seu peito arquejante. Não podia falar. Parecia suffocar com o excesso dos seus sentimentos. Por um instante conservou-se em pé tremendo d'agitação, depois deixou-se cair sobre um sofá coberto por macias pelles de veado e de bufalo. O habito de obediencia a esta mulher sombria e dominadora era-lhe innato. Tinha sempre sido governada com firmeza, quasi com tyrannia, e nunca se tinha revoltado. Sentada no sofá, com a cabeça em fogo, sem poder pensar, fixava pela janella aberta a neve que caía. Sentia o desespero em todos os nervos do seu corpo airoso, d'esse corpo gentil que havia apenas vinte annos supportava as tormentas e as intemperies da vida. O vento assobiava e a neve passava em torbilhões offuscantes, escondendo completamente a ci-

dade que jazia lá em baixo, essa cidade onde ha poucos annos ainda as manadas de bufalos faziam tremer a terra com o peso dos seus passos, e que hoje já se dividia civilisadoramente em estradas e ruas flanqueadas de bonitas casas. A cidade estava distante duas milhas e meia do sitio onde estas duas mulheres se encontravam cercadas pela tempestade, uma d'ellas debatendo-se n'uma tormenta que talvez um dia a fizesse sossobrar, contra a qual tinha luctado desde a infancia, lucta que só se tornara violenta depois da morte de seu pae, havia dois annos. Era um branco, forte, descuidado e voluntarioso, vivera a vida dos indios durante muitos annos, mas por fim tinha sido arrastado pela onda civilisadora que se precipitara pelo norte e pelo oeste varrendo deante de si a caça e os indios, acabando para sempre com a vida rude e combatente dos caçadores e exploradores. Enriquecera mais pela sorte que pelo trabalho, tendo propriedades aqui e ali, que adquirira de graça, e das quaes quasi se esquecera e só se apegando a ellas quando lh'as lembravam, com aquella teimosia que os caracteres imprevidentes muitas vezes revelam. Nunca tivera o verdadeiro instincto commercial, e fanfarronar sobre as suas propriedades, receber com desdem os offerecimentos de compra que lhe faziam era a sua unica maneira de alardiar essa capacidade que não possuia. E assim obteve bens e um lar confortavel mesmo depois do antigo negociante de pacotilha ter sido suplantado pelos caminhos de ferro e pelos logistas, escondendo debaixo dessa presumpção e teimosia a sua irritação e o seu protesto contra os preconceitos que a gente nova, vinda do oeste tinha contra o *squaw-man*, o branco casado com uma indiana e vivendo

á moda dos indios ainda que dando a esse modo de vida commodidades que nunca tivera antes. Com o dinheiro da primeira propriedade que vendeu, mandou sua filha para um collegio para os lados do sudoeste, onde ella viveu uma vida que a encantou, ainda que atrophiando-a um pouco; onde tambem sentiu, pela primeira vez, o frio do ostracismo da raça que ella tinha orgulhosamente combatido, tendo por armas o talento, a applicação e uma ambição ardente e provocante.

E assim se tinham passado trez annos de lucta persistente apenas suavizados pela profunda amizade de uma rapariga, cujo rosto ella agora desenhava em todos os bocados de papel que lhe vinham á mão e nas paredes duma grande e arejada agua furtada, onde se fechava durante horas todos os dias quando não percorria as campinas num pony que lhe fôra dado alguns annos antes por seu tio, Ice-Breaker, chefe dos Piegans. Trez annos de lucta; e depois morreu seu pae, unico refugio que o seu coração magoado encontrava. Emquanto elle fôra vivo, podia-se ella apoiar nos direitos de filha de um branco, filha dum explorador que tinha ajudado a civilisar o Oeste; e o orgulho que sentia no seu pae dava-lhe um brilho aos olhos e uma elasticidade aos passos que faziam voltar todos que a viam, estivesse quem estivesse. Nas ruas principaes de Portage lá Drôme os homens paravam nas suas occupações e as mulheres acotovelavam-se quando ella passava. Onde quer que ella fosse inspirava interesse, excitava admiração ou levantava preconceitos — mas emquanto seu pae Joel Renton viveu não se importou com preconceitos. Qualquer que fossem os defeitos d'esse homem, e tinha muitos, ás vezes bebia demais, praguejava bastante, ameaçava e batia o pé — ella fechava os olhos a tudo porque elle pertencia á raça conquistadora, era um branco e tinha desde creança dormido em lençoes lavados e comido com faca e garfo sobre uma toalha de meza; e as mulheres da sua raça tinham usado sempre desde tempos immemoriaveis saias macias, meias finas e roupas brancas na cama, e nos dias de festa traziam vestidos de seda, chapéus de veludo e plumas, sapatos de polimento. Na verdade ella tinha levantado bem alto a cabeça porque era uma d'essas mulheres com todos os

seus direitos e todas as suas prerogativas. Tinha levantado alto a cabeça até áquelle dia tormentoso, um dia como este, com as resacas de neve batendo contra a casa — em que lh'o trouxeram no meio do tumulto do vento e da neve, e o deitaram n'aquelle sofá onde ella se achava agora, e ella deixando cair a cabeça sobre esse peito sem vida lhe pediu na sua angustia que voltasse e não a deixasse assim tão só.

Perante o mundo ainda conservava a cabeça levantada, mas na sua agua furtada e lá nas campinas onde só o coyote e a galinha da campina a viam, a cabeça descaia-lhe, os olhos orvalhavam-se-lhe de lagrimas de sombrio protesto. Uma vez que cruelmente magoada em Portage pela mulher do Bailio da cidade, que tinha duas filhas de puro sangue branco adquirido atraz do balcão d'uma sala de jogo em Winnepeg, no desespero do seu isolamento, tinha aberto a janella do seu quarto de dormir com a temperatura abaixo de zero e ahi se conservava em camisa de noite até de madrugada chamando a morte com vehemente desejo e esperando obtel-a pelo frio. Nada conseguiu comtudo; uma outra vez, querendo morrer, tinha saído n'um temporal desfeito, mas, encontrando um homem perdido na neve, esqueceu a sua propria desgraça, e o seu coração onde girava o sangue forte dos homens das planicies, tinha-a levado a fazer por outrem o que não faria por si mesma. A parte indiana da sua natureza guiou-a com seguro instincto no caminho para Portage, levando sobre o cavallo o homem que tinha as mãos e um dos pés gelados, indo ella ao lado segurando a redea, julgando ter salvo apenas uma vida, quando salvara duas.

Mais um dia como esse. No seu coração revolviam-se tempestade egual áquelle, que já a levava á campina procurando a morte, e mais uma vez aquelle sudario branco se estendia lá por fóra.

«Não tens juizo. Não és branca. Não te querem. Senta-te.» — Estas palavras soaram-lhe aos ouvidos como um dobre funebre. Sentiu um frio que parecia gelar-lhe o coração, roubando-lhe de subito aos olhos todo o brilho e dando-lhe ao semblante uma fixidez marmorea.

«Não és branca; não te querem, Paulina.» Repetiu a indiana depois de alguns

instantes, com um olhar mais sombrio ainda; porque n'ella tambem se revolvía uma escura onda de paixão. Em todo o seu passado a rapariga voltara-se sempre mais para o seu pae branco do que para ella, e ella sentira-se cada vez mais só. O seu homem tinha sido um bom marido, e ella fôra-lhe fiel e dedicada, mas resentira-se do instincto natural que levava sua filha a inclinar-se sempre para seu pae, de quem tinha a côr e os sentimentos, como para um guia superior, para uma influencia e uma authoridade mais alta. Não era ella a descendente dos chefes Blackfoot e Piegans, guerreiros e soberanos durante gerações? Não havia sangue Blackfoot e Piegans nas veias da rapariga? Seria chamado só o sangue branco quando no dia das contas eternas se fizesse balanço ao livro da sua vida ao Deve e Haver das boas e más acções, negligencias e ternuras, censuras e elogios, meiguice e impulsos, iras e caricias? Porque é que o que era indiano havia de dar sempre logar ao que era branco?

«Olha para ti no espelho, Paulina. Es formosa, mas não da formosura dos brancos. O logar que te pertence é o da mulher d'um chefe de tribu. Ahi terás homenagens e honras; entre os brancos és apenas uma mestiça. De que serve lutar? Voltemos á vida dos indios além do Rio Muskwat, muito além. Ainda ha caça, pouca, mas ainda a ha, a vida ahi é socegada e nada nos inquieta. Apenas os cães selvagens ladram á noite, ou o lobo fareja ás portas, e todo o dia se canta. Lá ao longe além do Muskwat ha festas, as velhas acendem grandes

fogueiras e contam historias, chamam o vento norte e fazem falar o trovão; os rapazes montam, caçam e vão á guerra, constroem cabanas para as raparigas da sua tribu; cada homem tem sua mulher e cada mulher esconde no seio o zelo pela sua tribu; e os pequeninos enchem as cabanas de riso. Cada casa é como uma algibeira de pelle de veado, pequena e quente e cheia de coisas boas. Hai-yai, o que vale



— MUITAS FELICIDADES PARA NÓS AMBOS, DISSE ELLE.

esta vida comparada áquella. Ahi serás rainha e soberana porque temos dinheiro bastante para comprar mil cavallos; teu pae foi um branco e n'este tempo os brancos é que governam. Como nuvens adeante do sol assim são as raças dos homens, cae uma, levanta-se logo outra. Aqui não podes ser primeira, és a ultima; e o filho de pae e mãe brancos, ainda que seja vil como a lama que a pata do cavallo salpica, é melhor do que tu! A tua mãe é uma Blackfoot.

Emquanto a mulher falava vagarosamente com muitas pausas, a disposição da rapariga mudava, o olhar tomava uma expressão carregada que não era colera mas qualquer coisa que vinha de mais íntimo. Escutou com subita paciência que dava á sua attitude uma leve parecença de rigidez. O seu olhar deixou de se fixar na tempestade para se deter gravemente no rosto de sua mãe, e com as ultimas palavras da indiana pareceu acordar e a comprehensão entrou-lhe no espirito sem expulsar dos seus olhos a expressão sombria e ominosa.

Houve um momento de silencio, depois ella falou quasi tão monotonamente como sua mãe o fizera. «Vou-lhe dizer tudo. É minha mãe e eu amo-a, mas não quer ver a verdade. Quando meu pae a afastou das cabanas e a trouxe para aqui, a vida indiana acabou-se. Era a si que competia seguil-o, não o quiz fazer. Eu era muito nova mas comprehendi e resolvi seguil-o em tudo. Não sabia quanto me havia de custar esta resolução. Mas no collegio comecei a comprehender. Havia lá uma rapariga franceza e eu queria-lhe muito — Uma rapariga que me disse — : «E's tão branca como eu, teu coração é puro, e és linda.» Sim, Manette disse que eu era linda.

Fez uma pequena pausa e os seus olhos pareciam querer olhar para muito longe, fechava e abria as mãos convulsivamente: accrescentou: — seu irmão Julião — era mais velho que ella — quando vinha visitar Manette falava-me como se eu fosse da raça branca, e era bom para mim. Nunca me esqueci, nunca. Foi ha cinco annos mas lembra-me bem d'elle. Era alto e forte e tão bom como Manette, sim, tão bom como Manette. Eu queria muito a Manette e ella soffria por minha causa, porque eu não era como as outras n'esse tempo; as minhas maneiras eram differentes. Tinha vivido sempre com a nossa gente lá nas cabanas, e não conhecia a vida senão pelo que me dizia meu pae, e elle vivia tanto com os indios! Sentia-me desalentada, ás vezes queria morrer; e uma vez... mas Manette estava ali; ria e cantava e brincavamos juntas, eu falava-lhe francez e ella respondia em inglez, aprendi com ella a esquecer a vida dos indios. Para que a queria eu? Tinha-a amado emquanto a vivi, mas viera para uma vida melhor. A vida dos indios faz da vida dos

brancos a mesma differença que uma bolsa de pelle faz d'esta... e collocou a mão sobre uma delicada bolsa de filagrana de prata que lhe pendia da cintura. Uma vez que se abriu os olhos tem de se ir para deante; não se pode parar, nem voltar para traz. Quando se leu tudo que ha no mundo dos brancos, quando se viu tanta coisa! Então não se pode voltar para traz, isso não! A cabana de um chefe! Ah! se meu pae a ouvisse dizer isso!

A indiana torceu-se pesadamente na cadeira, depois procurou esconder-se d'aquelle olhar que tenazmente a fitava. Uma ou duas vezes pareceu querer falar, mas encolhia-se toda na cadeira impotente e desanimada.

«A cabana de um chefe,» continuou a rapariga em voz baixa e com amargura «o que é a cabana d'um chefe? Um lume fumarento, uma panella, uma cama de pelles, hai-yai! se houvesse milhões de cabanas de indios e eu pudesse ser rainha d'ellas todas, e governar a terra, preferia ser uma rapariga branca, vivendo com um marido branco n'uma choupana, luctando pelo pão de cada dia entre a gente que expulsou o bufalo, mas abriu a terra com o arado fazendo viver mil onde dantes só vivia um. E' de paz que precisa, mãe, da paz onde a alma adormecê socegada. Os seus dias de esperança passaram, agora quer dormir junto ao lume. Emquanto a mim quero ver crescer a cidade dos brancos, e os exercitos de segadores e ceifeiros atravessarem os montes com arados e machinas, quero ver as grandes fabricas, e a vida da mulher branca espalhar-se para todos os lados; porque sou filha d'um branco. Não quero ser indiana e branca ao mesmo tempo. Não quero ser como o sol quando uma nuvem o esconde e faz escurecer a terra. Não quero ser mestiça. Hei de ser ou toda branca ou toda india, e serei toda branca, sómente branca! O meu coração é branco, a minha linguagem a dos brancos, penso e sinto como elles, Quero o que elles querem, vivo como elles vivem, visto-me como as mulheres brancas se vestem.» Quasi que involuntariamente levantou um pouco o vestido azul que trazia e deixou ver uma saia branca e umas finas meias calçando um pé tão pequeno e elegante como os mais elegantes e pequenos que vira ás mulheres brancas. Endireitou-se

com orgulho e o seu corpo tinha a graça e o donaire que as convenções das mulheres brancas ainda não tinham constrangido.

Apesar de todos os seus protestos ninguém a tomaria por uma ingleza. Poderiam julgar-a hespanhola, italiana, romaica ou slava, pois não tinha nenhum dos característicos do sangue indiano, e havia n'ella qualquer coisa de brilhante que dava ao seu rosto uma expressão radiosa, que a lucta torturante que lhe ia n'alma não podia offuscar. Os preconceitos cegavam as mulheres brancas e não as deixavam ver o que n'ella havia de bello. E os homens apesar da sua admiração pouco podiam fazer por ella porque Paulina nada queria com elles emquanto as mulheres a não tratassem exactamente como igual; quanto aos outros mestiços, que, casando entre si, se contentavam com um logar inferior, ao dos puramente brancos, ella afastava-se d'elles, a não ser quando estavam doentes ou apoquentados; então reconhecia os direitos da raça e chegava-se a elles com piedade e amorosos impulsos para os socorrer. Os mestiços francezes, escocezes e inglezes comprehendiam a lucta que ella sustentava por todos que eram meios indios e meios brancos observavam-n'a com uma dedicação timida, reconhecendo-a superior e orgulhando-se d'essa superioridade.

«Eu não quero ficar aqui» disse a indiana com taciturna teimosia. «Quero voltar para além do Warais. A minha vida pertence-me e hei de fazer d'ella o que muito bem quiser.»

A rapariga estremeceu mas dominou-se immediatamente. «A sua vida pertence-lhe, mãe? replicou. Não foi por minha vontade que vim a este mundo. Se me tivessem consultado eu tinha vindo ou toda branca ou toda indiana. Sou sua filha, má ou boa achei-me aqui. Parece-lhe que a sua vida lhe pertence?»

«Podes casar e ficar aqui quando eu me for embora. Tens 19 annos. Quando casei com teu pae só tinha 17. Podes casar. Não faltam brancos por ahi. Tens dinheiro. Casa-te e esquece o resto.»

Com um gesto meio de raiva e meio angustioso a rapariga poz-se em pé e precipitou-se para deante, de subito parou ouvindo bater á porta e uma voz pedir licença

para entrar. Um momento depois entrou um homem de barbas, grosso, e de hombros largos, sacudindo a neve do fato, e rindo com algum acanhamento, emquanto collocava com exággerado cuidado as luvas e o boné de pelles sobre o peitoril da janella.

«João Alloway!» disse a indiana affectuosamente, e com olhos brilhantes, porque lhe parecia que elle vinha responder ás palavras proferidas por ella. O seu instincto materno tinha adivinhado a razão que o trazia. — Embora a rapariga nada suspeitasse e o recebesse com sincero prazer por elle ser o homem que ella salvara da neve havia um anno. Sentia uma certa ternura por aquella vida que conservara ao mundo. Sorria-lhe sem a mais leve sombra da passada colera e disse-lhe quasi com ternura.

«O que o traz por cá com este tempo? Não foi prudente — custa a crer que tivesse podido vir de Portage até aqui.»

O enorme lavrador leloeiro riu-se alegremente. «A primeira vez perdi-me mas da segunda havia de cá chegar por força, disse meneando a cabeça com ar zombeteiro, e julgando ter tido graça, faz hoje um anno que me perdi ali, disse apontando com o pollogar por cima do hombro — a menina achou-me e agasalhou-me, que melhor tinha eu a fazer n'este anniversario do que vir-lhe dizer — Obrigado? — Tinha fixado esta data para a vir ver e não o deixaria de fazer por causa d'esse velho fabricante de frio que está flagelando a terra com o seu chicote de geada e sacudindo sobre ella o seu esburacado manto de neve.»

«Foi n'um dia exactamente como este», disse a indiana depois de uma pausa vendo que Paulina se conservava silenciosa pondo deante da visita, uma garrafa de cordeal com que elle se regalou, e levantando o copo com um sorriso significativo.

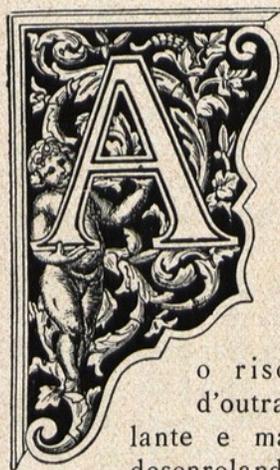
«Muitas felicidades para nós ambos», disse elle bebendo de um trago; lambeu os beiços e correu a mão pelo bigode e pela barba fazendo lembrar um grande animal que estivesse lavando o focinho com a pata. Sorrindo, mas não se sentindo muito á vontade, olhou para as duas mulheres abanando a cabeça d'uma maneira animadora, mas elle mesmo não poderia dizer se era a ellas ou si proprio que tentava animar por esse gesto.

(Continúa.)



Carta a um pessimista

Amigo:



tua epistola, de que se exhala um tão sombrio e mortal desalento, veio surprehender-me inesperadamente na doce paz de espirito em que agora me encontro. Quando a abri, julguei que ia encontrar o riso limpido e satisfeito d'outras éras, o desfilhar rutilante e maravilhoso das ironias desenrolando as suas grandes pompas de roupagens e de côres, a delicia suave, a graça ineffavel e transcendente de viver: e eis que ella me transiu pelo seu pessimismo feroz e amargo. Effectivamente, dizes tu, eterno insatisfeito, que a felicidade, cantada em victoriosas odes e em tantas Musas olympicas enamadas do loiro heroico, é tão insignificante para apasiguar as sêdes d'infinito das almas, que não merece dos sêres pensantes dois passos mais apressados, na lenta e ephemera jornada do universo, para se alcançar! Mais:—a tua carta, tão atormentada e funebre, conclue por negar com radicada e profunda convicção toda a ventura terrestre. Ao mesmo tempo, narras-me n'ella miudamente a occupação da tua bocejante existencia nos ultimos tempos — e pedes-me conselhos.

Parece-me que toda a actividade cerebral e physica parou em ti, sem duvida porque assim o ordenou a tyrannia d'um ponto de vista philosophico que sem ser original e moderno é, entretanto, absolutamente novo nas exigencias e nas preoccupações do teu

intellecto sagaz. Creio comprehender-te. Supprimir com tanta ligeireza e d'um só traço de penna toda a illusão e toda a poesia (as duas forças superiores e poderosas que mais directamente influem na prosperidade e na perfeição da especie humana) é, além d'um ousado e aspero paradoxo, uma linda e commoda formula d'egoismo, muito estreita, sem duvida, mas em todo o caso, um ambiente desaffogado para a resumida esphera das tuas aspirações. Concorda que defino com verdade d'analyse e argucia psychologica o teu actual estado d'espirito! Porque, justamente, o que tu com mais anciedade desejas é socegares a tua consciencia — essa integra e forte consciencia de antigo crente que eu de tão perto conheci e admirei. Procuras pôl-a d'accordo com a tua inercia, tentas subordinal-a pacientemente ás razões que o teu materialismo te suggere n'este momento. Por outras palavras mais claras: — não desejas fazer nada, concorrer com a tua luminosa intelligencia para os cultuaes e puros interesses da civilisação e das ideias: preferes, ao gozo intimo e intenso que deriva sempre das boas acções e da certeza tão grata do dever nobremente cumprido, uma perpetua angustia e uma inalteravel atonia. Todo o esforço, toda a lucta (ainda mesmo aquella em que ha probabilidades de triumpho) te atemorizam: mas a inacção tambem perturba a tua serenidade apenas superficial, como um vivo remorso. Portanto, desculpas essa languidez e esse desfallecimento de energia, abolindo ou denominando de ficção uma felicidade que constantemente conduz a ambição dos homens ás grandes conquistas contemporaneas e que á tua lucidez critica se affigura uma irrealisavel chimera.

Ahi está um erro consideravel. Affirmo-te que essa felicidade não é «o sonho vão entre densas brumas» — como tão categoricamente dizes — e que ella existe real, nitida, omnipotente. Esta certeza nasceu da observação da minha febril e incessante vida de luctador. Descobre-a tu tambem no seu radiante e sagrado refugio, meu amigo. Tens trinta annos sómente, possues uma fortuna que permite a realisação dos mais futeis caprichos da tua phantasia, um cerebro superior, és proprietario de quietas e placidas vivendas ruraes onde é saboroso deixar correr a imaginação e só te faltam — penso eu — uma fé accesa e transfiguradora e um cuidado mais activo que te absorva inteiramente. Negar em plena florescencia da mocidade é uma desoladora abdicção: e a carta que me escreveste representa o acto indesculpavel e melancolico de quem abdica.

Se todos os homens de genio, que fixaram épocas e orientaram as tendencias tumultuosas e inquietas de seculos agitados, assim raciocinassem, que seria do progresso humano! Considera, meu vencido burlesco e incomparavel «snob» que se o doce Hesiodo, o poeta que tanto amavas nos esplendores, nas generosidades e nas paixões sinceras da tua juventude d'hontem, houvesse passado os seus dias errando nas verdes e floridas ilhas dos mares gregos a ouvir o vago canto das enganadoras sereias ou escutando o zumbido fluctuante das abelhas á volta dos vergeis hellenicis, não nos legaria esses versos d'oiro, tão ondulantes, harmoniosos e d'uma transparencia de limpido crystal, que fazem ainda hoje o enlevo das almas cultas. Não! A natureza concebe, em maravilhosas espiritualisações da materia, as suas creações perfectas para que ellas a sirvam, isto é, para que ellas sejam, nas incertezas e nas obscuridades do mundo, as divinas guadoras dos corações transviados e dos olhos cegos a toda a luz. O movimento é uma condição imperiosa e fatal da vida: e esconder uma existencia como a tua n'um esteril e inviolavel recato ou consumir-a em abstracções que nada exprimem, é uma profanação. Move-te tambem! Com essa indifferença arrastada pelas coisas da terra e por tudo quanto te cerca, estás affrontando no seu curso normal as proprias leis naturaes, és uma anomalia, um caso absurdo

e inexplicavel. A mim suggeres-me o symbolo oriental da serpente com o rabo na bocca...

Entendo agora que a riqueza, quando d'ella se não sabe fazer um uso nobre, concorre para dissolver e aniquilar toda a seiva moral. Tu, por exemplo, com uma exigua mezada de vinte mil réis mensaes, emquanto foste estudante eras um crente inabalavel, cheio d'impetos expontaneos e de rasgos eloquentes. Assim te admirei, meu amigo, fumando o derradeiro cigarro e lendo, com uma insaciada e desordenada furia de saber e de remexer ideias, consagrando os teus moços e viris enthusiasmos emocionaes aos idealismos mais enigmaticos e incoherentes e ás esperanças que mais faziam pulsar o immenso peito da humanidade, na sua anciada superstição de egualdade, de fraternidade e de concordia social. N'esses inolvidaveis annos (ha tão poucas horas apagados e que já la vão tão longe!) o amor — mesmo o amor que mallograda e docilmente confia e se entrega, ou o que se vende por dinheiro — era para ti uma graça immaterial e casta, mysteriosa como as divindades e como ellas tão intangivel e etherisada que as impurezas terrenas nunca a manchavam na sua esplendidez elysea. Foste um idealista arrebatado e se, como Parsifal, não correste o mundo á procura do Vaso Sagrado, foi porque o positivismo do teu seculo d'affirmações e de exegeses não admittia ingenuidades e com receio de que os sarcastas classicassem de hysteria ou de mystica loucura essa rude caminhada de paladino. E tudo isto, com vinte mil réis por mez!

Pois bem. O dinheiro extinguiu no teu espirito as sobrenaturaes irradiações d'esta suprema crença. Tens hoje, certamente, muito mais cigarros — fumas até preciosos e aromaticos charutos em boquilhas d'ambar e oiro: a tua meza melhorou sardanapalescamente em victualhas delicadas e principescos vinhos: ignoras a humilhação das botas rotas, dos casacos coçados e das gravatas maculadas, que n'outras éras tanto nos desconsolava, nos loiros e ruidosos domingos de kermesse e de passeio, quando desabrochavam as primeiras violetas e surgiam na cidade as primeiras mulheres bonitas, fazendo a gracil, a mimosa illuminura dos asphaltos; mas, desgraçado amigo, se

na tua bolsa retinem festivamente as libras — moeda tão fallaz no nosso Portugal! — na tua alma nenhuma aurora se levanta! A abundancia enervou-te e precisas, para a resurreição, de largos e trabalhosos annos de penitencia, n'uma romaria libertadora, ao templo augusto da fé. Podes ter ainda uma socegada velhice, em que o teu desdenhoso e frio labio, em vez de negações que exhaurem o sentimento, faça scintillantes revelações de verdade. Eu offereço-te tres fórmulas de felicidade: — a que resulta da vaidade satisfeita, a que se illumina nos extasis do amor e a que deriva da candura e da tranquillidade da consciencia.

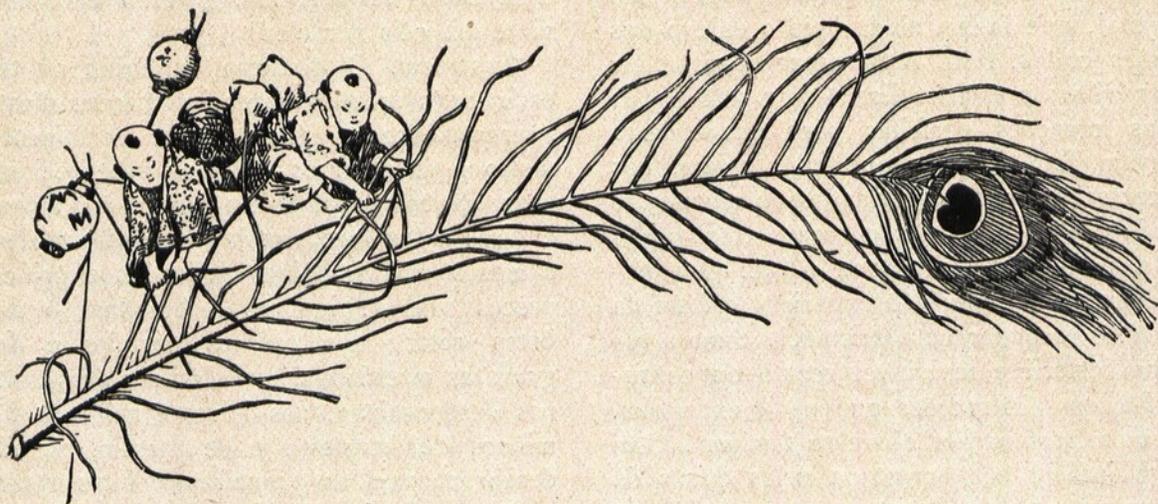
Conheço um pobre e pittoresco homem que tem passado a vida a traduzir e a copiar, sem relevo artistico, um escriptor francez e que, por isso mesmo, se julga superior. D'este juizo veio-lhe uma insupportavel maneira de levantar a cabeça, de cruzar os braços, de discutir os outros, o que o torna grotesco. Começou por espalhar — traduzindo abominavelmente — que tinha ideias ineditas sobre arte. A principio todos lhe pediram, com respeito, com veneração, que divulgasse essas ideias em proveito da civilisação, visto que ellas actuariam nas almas com a sedução indizivel da belleza: os seus admiradores passaram, depois dos pedidos veneraveis, ás exigencias brutaes, lembraram-lhe o dever civico — e ameaça-

ram-n'ó com uma bengal-a. Elle, porém, jamais deu ao seu paiz, á Europa, ao globo, essas maravilhosas ideias, e toda a gente principiou a escarnecel-o, reconhecendo a impotencia das suas faculdades intellectuaes e estheticas. E vê tu, meu amigo! Esse inutil é feliz, é inenarravelmente feliz, pela elevada opinião que fórma do seu illusorio valór! Não será para invejar uma felicidade d'esta ordem?

A felicidade dos amosos e dos justos tem, no emtanto, raizes mais fundas na realidade moral do universo. Ha homens de alta capacidade e lucidez penetrante que se exilam na deleitosa doçura do seu ermo, com uma bella e subtil mulher que os comprehenda e que baste á sua ambição de sonhadores — espreitando medrosamente a rua atravez dos cortinados da sua janella. E estes exilados offertam quotidianamente um exemplo fecundo aos temperamentos fracos e angustiados, porque demonstram que a pacificação, nos ruidos e nos egoismos da existencia, é bem possivel. Porque os não imitas?

Eis o conselho que te dou, e eis o que a minha experiencia deseja confessar ao teu gelado pessimismo. Deves combater, ter uma crença inabalavel em ti proprio, amar puramente, desprezar a tua fortuna e reagir. Se quizeres, entrega-me essa fortuna com todas as commodidades que ella garante — porque eu sou já um iniciado. . .

JOÃO GRAVE.





A nova geração

DO NEO-LUSITANISMO

UM simples lance d'olhos para a produção litteraria e scientifica de cada dia, em cada paiz, fará rapidamente concluir que a característica basilar da época presente é a falta dum ideal gerador, claramente concretizado em obras d'arte. Deslocado o impulso vital ao artista, faltando-lhe um ponto de apoio, dentro da sua época, em que possa entroncar a sua obra, elle fica collocado numa contingencia fluctuante, com alternativas de subida e descida, rodeado de incertezas, onde mais tarde ou mais cedo irão naufragar obra e artista.

E' rudimentarmente sabido que o ideal esthetico dum momento determinado ha-de ser a sequencia do ideal historicamente dominante nessa época. Quando um artista se colloca abertamente em conflicto com a sua época, ou mais claramente, quando a obra de arte não fór a interprete da aspiração momentanea, soffre a vida ephemera da Torre de Marfim em que o autor a enclausurou, como um peixe definhando n'um aquario. O exemplo concreto da actual poesia francêsa bastaria a tornar claro este axioma: Regnier, Albert Samain, a Contesse Mathieu de Nouailles, nunca conseguirão uma leitura universal, nunca sequer obterão uma leitura total na propria França, porque ensimesmando-se no seu particularismo não procuram a emoção geral em detrimento da egoisticamente pessoal. Falta nas suas obras alguma coisa de vital que nos faça sentir

como o artista, presentindo que o artista nos sente. E no entanto isto é observado em França, onde os *systhemas* sociaes se atropelam, onde os ideaes se substituem com um fragor ruidoso.

A causa deste conflicto geral entre a arte e as ideias, eu cuido que ella está propriamente — na falta d'essas ideias, ou, pelo menos, na falta das ideias *concretizadas* e geralmente reconhecidas. Só assim se explica que annualmente, como ephemerides de calendario, um novo *systema* faça ruido, abalando aparentemente a actualidade, com novos sequazes, ora completos, ora desdobrados em theorias reeditadas ou absolutamente novas que pouco mais conseguem que dar origem a novas theorias. E é curioso que todos aquelles que se sentem arrastados no tumulto do pensamento, e não buscam isolar-se na imutabilidade do egoismo schopenhauriano, fructo do momento, seguem anciosamente essas correntes desencontradas; e emquanto as seguem, se os arrastam, buscam dar-lhes forma plastica, exteriorzá-las em obras. Dahi a multiplicidade de aspirações vagas e mal definidas que fluctuam á tona, incompletas no seu esboço, e constituindo no seu conjuncto o que os psicologos allemães chamam — *die Weltsschmerz* —, a dôr universal.

E' esta dôr universal, esta *tristeza contemporanea*, como a denominou um psicologo belga, que emana de todas as obras de arte da actualidade, de todas as obras

que reflectem o actual estado mental tão característico d'uma época de decadencia, ainda daquellas que mais solidamente pretendem ser construidas e que mais positivo ideal tenham a leva-las. Os personagens de

Ibsen e Björnson, giram curvados á dôr da época, sombrias figuras que servem um alto ideal de felicidade. E é essa extensa galeria que corre no romance contemporaneo, de Zola a Dostoiewsky, passando pelos Goncourt e Maupassant.

Ruidas as crenças religiosas pela linha philosophica que começa nos encyclopedistas e acaba em Comte, Darwin e Haeckel, sem que as reacções successivas lhes valessem, um momento a religião do homem dominou as consciencias satisfeitas. Mas a desillusão dos homens de 89 teria que reflectir-se nos da época positivista: a materialização do seu ideal não valeu a Comte, cuja genial intuição não conseguiu alcançar o periodo constructivo da nova humanidade. Esse ideal que deveria brotar das ruinas cavadas pelo positivismo, assentando sobre a sciencia, ainda hoje não encontrou solução completa, precisamente por a sciencia a não ter encontrado ainda; é na anciania d'elle, procurando-o sem o achar, que se desenvolve a *tristeza contemporanea*, com todas as características duma época onde se solveu a continuidade, e todos os systemas promptos



MANOEL DA SILVA GAYO
(O iniciador do movimento)

a resolver a crise mental, rodeados do triumpho ephemero que a decadencia entrega.

E' nesta continua efervescencia de novos remedios, de salutaes remedios, que vemos ora o anarchismo dominando objectivamente na litteratura, — onde foi seu precursor Leopardi, o supremo individualista; ora o completo refugio em si mesmo; ora vistas e aspectos inteiramente novos, como as bizarras creações dos symbolistas e esthetas francezes, entroncadas em Nietzsche e Schopenhauer.

Rossi, estudando num livro recente a dôr universal, notou como os phenómenos de contraste que a originam são duas fontes poderosas de mysticismo e sectarismo, cuja propagação epidemica se realiza pela sugestão. A facil continuidade que todas as novas soluções obtêm, levam-nos a admitir de certo modo a conclusão *sociologica*

de Rossi, sem prejuizo do ponto de vista *individual* que em todas as manifestações toma clara evidencia.

A litteratura portugêsa contemporânea é um curioso campo de vista onde se podem verificar todas as observações executadas até aqui.

A chamada geração de 90, reagindo contra o cultivo exclusivo da fórmula, como lei inflexivel e rigida que regulava a poesia, não foi mais em começo que uma adaptação francêsa, onde se desenvolvêram claramente duas correntes. Uma, que buscava transplantar para o nosso vocabulario as charadas de René Ghil, em que a vaga evocação egypcia da serpente mordendo a cauda annuncia que onde tudo acaba tudo começa eternamente; e doutro lado um falso neo-cathol-

cismo, breve desfeito em laços pagãos, bebido em Verlaine e Mallarmé, — que souberam encerrar os seus poetas na *turris eburnea* onde ficáram exoticamente metidos, como nereides alheidas do mundo e só dando ouvidos ao buzio da arte. Outra remontada a Banville e Beaudelaire, só tardiamente reflectidos entre nós, (talvez porque os seus processos não eram tão violentos como os primeiros) breve desfeita no ambiente da geração, amornado e apathico, que conseguiu falhar quasi todos os seus poetas.

E' neste meio que se começa a esboçar, vagamente a principio, nitidamente depois com os livros de Manoel da Silva-Gayo, — a quem cabe a primazia do movimento —, primeiro a resurreição integral das fórmulas quinhentistas; depois, tomada a consciencia do movimento, com a continuação do sentimento da raça, bebido ora nas



ANTHERO DA VEIGA

contemplações melanchólicas de Bernardim e Christovam Falcão, ora na firmeza plastica de Sá de Miranda e Camões. Buscava-se um novo fundo inhexaurivel, o fundo sentimental da raça, achado em documentos artisticos de plena palpitação nacional e projectados n'uma adaptação vigorosa ás necessidades artisticas contemporaneas. Foi este poeta o precursor da actual geração, de que hoje constitue o ponto central; foi este poeta o unico da sua camada que sentiu e palpou o verdadeiro fundo renovador duma litteratura, indo buscá-lo á tradição nacional, reatando-a e amoldando-a, da aspiração subjectiva que envolvia o lyrismo quinhentista, á consciente e nacional unificação da arte. Tal o intuito do *Mondego*, e dos poemas — *Sonho* e *Alma remida* do seu ultimo

livro, onde se observa toda a evolução do movimento, já esboçado no drama *Na volta da India*, no estudo humano de caracteres observados atravez do prisma da alma nacional. Bem sei que antes de Silva-Gayo já Antonio Nobre voltára os olhos para o seu *paiz*; mas o poeta do *Só* não fez mais que voltar os olhos melancolicamente para o seu *paiz*, ultima ranca dum velho castanheiro apodrecido á beira do Oceano Atlantico. A sua obra não é a do poeta que presente em si a aspiração nacional; mas a simples reacção individual contra um meio falho, gasto em temas ou muito velhos ou muitos novos, que á sua sensibilidade de português e de poeta ou o aborreciam ou o irritavam.

Chronologicamente antes do *Mondego*, já mesmo Affonso Lopes-Vieira tentára a revivescencia *formal* portuguesa, exteriorizando um lusitanismo pessoal. Mas a obra de Lopes-Vieira encontra a sua explicação na conclusão do movimento de 90, que, — combatendo a fórma, veio a acabar no culto material da fórma, apenas com o augmento de vocabulario e de nova technica. Ella é a reacção intencional e subjectiva do artista contra a materialização da poesia contemporanea. O seu *Naufrago* procura a taboa de salvação; mas erradamente a encontra num ideal social, para onde transitou pela ponte-de-fronteiras d'O *Encoberto*. Esse ideal social não corresponde a uma nitida percepção do movimento, adeante estudado, do *universalismo*, mas a conclusões meramente *cerebraes* que não chegaram a tomar consciencia no poeta. Demorado na primitiva orientação, Lopes-Vieira teria talvez encontrado o filão que o seu espirito pro-

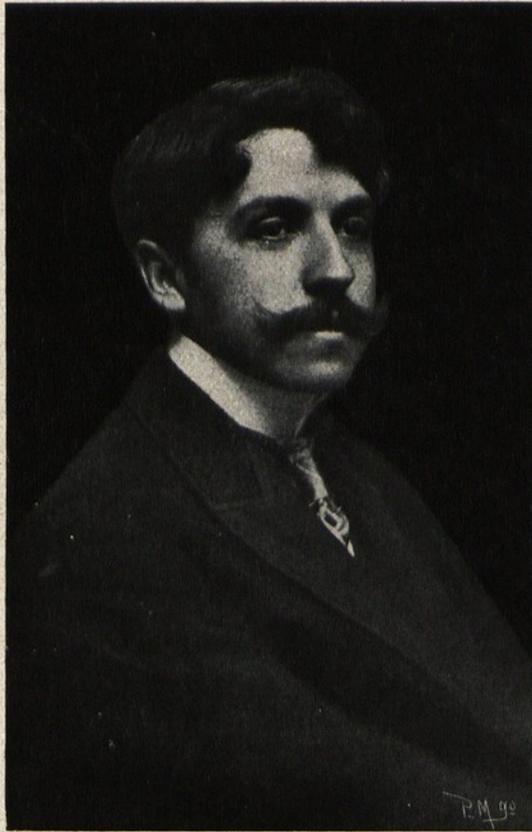
curava sem o saber; e achando-o, elle marcharia então conscio de si, não para a socialização compassiva das coisas, mas para o aspecto unitario do mundo observado em conjuncto, a um grande sópro humano e universal.

Cabe portanto a Manoel da Silva-Gayo a primazia do movimento *lusitanista*, só concretizado e exteriorizado na actual geração litteraria, onde constitue uma das modalidades mais características, e uma das três faces do prisma evolutivo que a domina.

A absorção pessoal na arte, representada na obra de Eugenio de Castro, (á qual, pela sua vastidão e complexidade, e mais por estar longe do meu assumpto, não me pôsso entregar por agóra) alarga-se naturalmente para este campo mais vasto, por via de causas anteriormente apontadas.

A tradição garretiana que a actual geração procura reatar, preparando o advento do *universalismo*, foi cortada pelo subjectivismo dos ultra-romanticos e pelos sequazes do ideal de Comte, subitamente implantado,

estabelecendo uma solução de continuidade entre o ideal nacional, ainda não concretizado em obras de arte, e um ideal universal, apoiado em bases scientificas e philosophicas. Isto tornar-se-ha claro n'um exemplo: a intuição genial da obra de Theophilo Braga reside verdadeiramente na *Historia da Litteratura*, da *Alma portuguesa*, nas *Tradições Populares*, e não na larga idealização da *Visão dos Tempos*. Theophilo, sendo a consciencia da sua época, reflectiu as suas aspirações nos primeiros trabalhos referidos, e antecipou o seu poema, que apenas ficará sendo uma tentativa falhada



RAUL LINO

da Epopeia da Humanidade, ao lado da *Legende dos sieclés*, que é menos vasta, e representa o degrau duma idealização onde Theophilo está em lugar de mais vasto horizonte.

Emquanto a tradição nacional se reata claramente surgem em torno della, justificando-a, curiosos aspectos, como o *regionalista*, representado pela *Musa alentejana* do Conde de Monsaraz, onde a paisagem do Alentejo, os seus costumes, as suas crenças e os seus typos, surgem claramente numa vasta observação da terra; podendo ainda ajuntar, como documentação, os artigos dispersos de João Correia de Oliveira, em que a psychologia regional, estudada na alma da paisagem, revive integralmente a nossos olhos.

O *universalismo*, ou *emotivismo philosophico*, como n'uma alta consciencia do movimento o denomina Manoel da Silva-Gayo, projecta o ambito do pensamento nacional, apelando para uma acção geral e unitaria. Nasce do proprio movimento nacional, alargado por via de *emoções*, que tomam exteriorização varia, e adquirem fórma externa cobrindo-se com as modernas conclusões scientificas e philosophicas.

Ainda Manoel da Silva-Gayo foi entre nós o precursor do movimento, — e n'este ponto só o precursor —, creando os poemas *O Mundo vive d'illusão*, *Dom João*, *Envelhecendo* e *Nossa Senhora dos agoiros*, dominados por uma aspiração tendenciosamente negativa, e só attingindo plenamente o ideal constructivo no desvio de curva para a sua obra de romance, cujo ponto transitorio ficará marcado com o *Torturados*, que me apresso a annunciar para breves dias.

Esta concepção universal, assente em bases scientificas, modificou a crença reli-

giosa numa crença intellectual, geralmente exteriorizada num pantheismo em que o poeta observa o universo atravez da sua concepção, se liga directamente com elle reflectindo-o e integrando-o em si mesmo. Tal é a synthese psychologica da evolução de Antonio Correia de Oliveira, claramente exposta nas *Tentações de Sam Frei Gil*, e attingindo um total poder de exteriorização no *Elogio dos Sentidos*. A evolução deste poeta é o caminho aberto para a solução momentanea do problema esthetico, que em

Portugal tem tomado taes características que eu desejaria que aquelles que lá fóra se ficáram estacionados e quedos attendessem ao modo como as ideias vão dominando a nossa poesia, alicerçadas no fundo da raça.

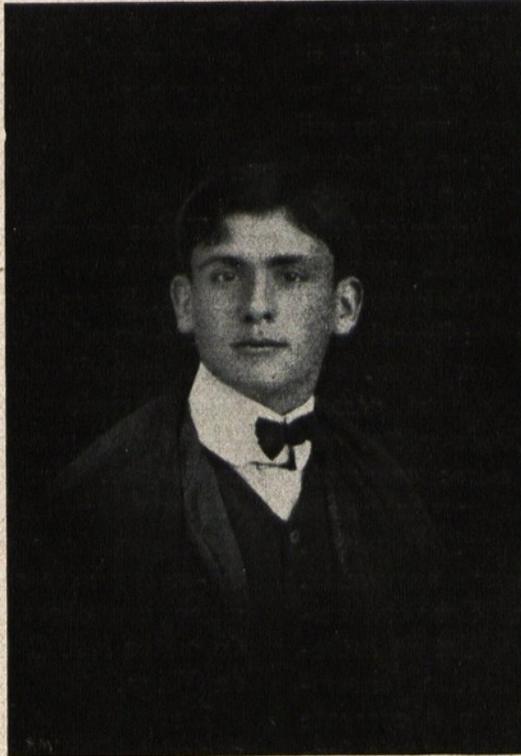
Teixeira de Paschoaes eleva de todos os seus livros um ideal amplamente unitario, condensado em poesia, atravez da nacional e territorial emoção alargada subjectivamente.

A obra destes dois poetas tem tido um alcance tão vasto e precursor na poesia portugêsa que necessita um estudo separado, em que as mo-

dalidades de ambos appareçam claramente diferenciadas.

Antes de entrar propriamente no assumpto que pretendo documentar — o *neo-lusitanismo* — resta-me falar duma ephemera corrente de gabinete, postíça e regular como o systema metrico-decimal, que baldadamente procurou attingir com o *naturismo* a solução do problema esthetico.

O *naturismo*, segundo o programma de Saint-Georges de Bouhélier, propunha-se combater o symbolismo, «e o seu subjectivismo doentio e esteril», regeitar o «espiritualismo nebuloso», «erguer os espiritos para a Vida, e para Zola, o grande cora-



ANTONIO DE MONFORTE

ção que pulsa pela Vida». Conforme o testemunho da propria *Revue naturaliste*, os naturalistas preferem a acção ao pensamento, o seu papel consiste na educação superior do povo; e como processos, despem-se de todos os existentes para só se deixarem levar pela contemplação da natureza e do mundo.

E' facil de vêr que este ideal, espalhado no Brazil muito antes de conhecido em Portugal, nasceu do fanatismo do seu iniciador pela obra de Zola. Nem elle, nem os seus sequazes, nem os seus introductores, tinham a noção do renovamento litterario. Tanto, que por postição e arbitrario, elle simplesmente produziu obras mediocres; e os seus poetas ha muito que não dão signal de si, á espera talvez de melhor e mais clara orientação. Não foi mais que um dos mil systemas propostos para fechar a lacuna idealista. Entre um e outro ha a differença de que o movimento *neo-lusitanista* não resulta da absorpção na patria, mas da consciencia do verdadeiro fundo renovador duma litteratura. Para exemplo: é geralmente sabido, pelos que lêem a sua obra, que para Carducci a Italia era uma *pessoa*, objecto dum culto devotado do poeta, que deu o *personalismo* á sua obra; emquanto que D'Annunzio localiza as suas tragedias no fundo ethnico e tradicional da patria, como processo de fazer reviver a sua poesia. Ainda a differença reside no claro conhecimento que este romancista possui da esthetica wagneriana, emquanto Carducci foi sempre o litterato que se adaptou á corrente dominante, numa incerteza evidente da função da arte e do seu valór, e della só tirando o aspecto *litterario*.

Tal a razão da vida ephemera do *naturismo*, breve substituida pela completa e systematica orientação nacionalista, alargada ao depois no emotivismo philosophico.

As theorias artisticas de Wagner, que representam o maior esforço para a arte social, são em Portugal quasi totalmente ignoradas. Creio que foi o illustre critico de arte Antonio Arroyo o primeiro que buscou propagá-las, applicando a sua esthetica num livro notavel sobre Soares dos Reis e Teixeira Lopes. Entretanto, na França succede precisamente o mesmo; e o culto que leva annualmente centenas de devotos a Beyreuth pouco tem produzido de serio quanto ao claro conhecimento geral das dou-

trinas de Wagner. Interpretando-o á lettra, erguêram-lhe altares os symbolistas e decadistas; e creio que daqui provém a relativa desconfiança que ainda hoje os francêses têm pela obra colossal do mestre de Beyreuth.

As suas doutrinas são a fonte clara e crystallina onde irão beber aquelles que forem tomando para si a consciencia do significado da arte.

Wagner é um mestre extraordinariamente grande para fazer a iniciação de todos os que sentem, e que em si têm, latente, um sonho de arte humano e uno. A todos ensina que a arte vive na propria vida, e que nella cada um a saberá achar; basta para isso viver a vida completamente.

Todos os movimentos de reacção nacional surgem naturalmente em épocas de decadencia. E' assim que se desenvolvem simultaneas manifestações do mesmo ideal esthetico, sem *directa* relação inicial entre si, mas provindo no fundo de causas identicas, e incorporando-se mais tarde no mesmo movimento. Fóra do ambito da poesia, que propositadamente guardo para o fim, — e nesta geração a que chamo *nova* — encontra-se a mesma razão de ser do neo-lusitanismo nas obras do architecto Raul Lino, do pintor José Campas, e do musico Anthero da Veiga.

Tentando em justo criterio a estylização nacional, Raul Lino foi tendencialmente levado a encarar o problema sob o duplo aspecto *historico* e *natural*. *Historicamente* achou-se concluindo que o typo mais definido, o que mais poderia inspirar uma renovação esthetica, e que melhor traduzia o cunho português — por ser de plena manifestação nacional — era a casa portugueza dos seculos xvi e xvii. *Naturalmente*, deu-se a um estudo de observação da paysagem portugueza, nos detalhes de provincia, onde a casa por seu turno iria ser um detalhe. Da concordancia do primeiro trabalho com o segundo resultaram os seus projectos de casa moderna, que constituem a mais solida tentativa da habitação portugueza, e a obra mais notavel que n'esse sentido se emprenhe agora entre nós.

Raul Lino procura a harmonia da casa

e da paisagem como o mais seguro effeito de nacionalizar a habitação. Dos projectos que lhe conheço, examinados aqui, em Coimbra, na Exposição do Instituto, em março de 908, destaquei uma nota que me parece curiosa para o processo artistico do architecto: as suas construcções têm sempre fundos retintamente locais e harmonicos com o projecto. Examinando-os, sente-se a impressão de que a casa não destaca á paisagem, antes se confunde nella: são velhos carvalhos, cyprestes esguios, ruínas, serras que se aprumam, toda uma flora harmonica, rasgando-se sob as janelas conforme o sitio escolhido para a construcção. As suas casas, destinadas para a vida de hoje, porque teem todo o cunho nacional, evocam-nos nos detalhes, a que Raul Lino consagra especial cuidado, a nossa casa do seculo XVI — onde o architecto as foi buscar —, tão serena e tão feita para as nossas necessidades.

Falando de pintores portuguezes, eu tenho que ceder o lugar de honra a dois artistas, que enchem com o seu nome toda a pintura portuguesa de ha cincoenta annos para cá: Columbano e Silva Porto. Deixou-nos este nas suas telas toda a face da paisagem portuguesa, animadamente viva e sentida como só a poderia sentir um grande artista; e em Columbano, num paralelo a Porto, ha todo o vinco da alma nacional, fazendo-nos reviver em cada um dos seus retratos, o garbo e o aprumo, a melancolia e a contemplação do portuguez, ao sopro espiritual e fundo dum artista genial.

E já que falei dos grandes mestres, justo é que me refira aos que começam, e que na nova geração representam a tendencia do meu estudo.

O pintor José Campas, contrariamente a Raul Lino, segue um processo expontaneo,

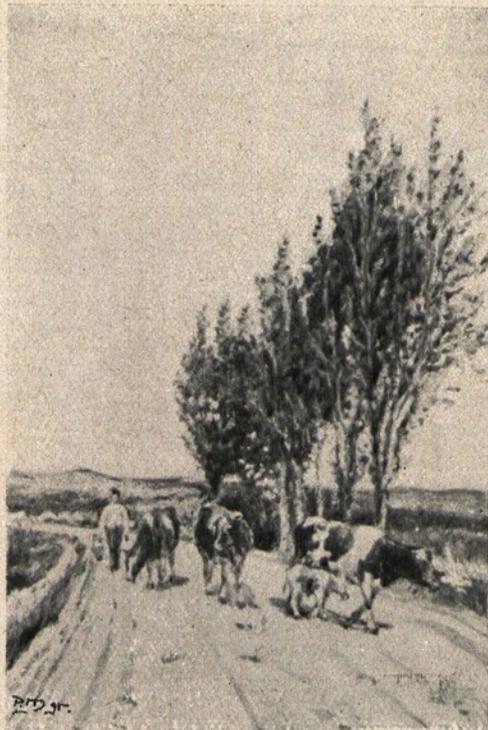
ferindo de exclusivo aspectos portuguezes, buscados ora na paisagem, na escolha dos detalhes focados, ora nos typos que completam os seus quadros, ora nos costumes, ora nos proprios monumentos que conseguem acordar no seu espirito alguma coisa de portuguez, por algum lado real ou lendario que os ligasse á terra. Conheço-lhe um campo coberto de malmequeres, onde a impressão da cor domina por completo, com recortes da maxima variedade, só perceptíveis por uma retina muito sensivel á paisagem portuguesa, e que intencionalmente buscasse esse effeito.

Exemplifica ainda a minha affirmação o *Convento Velho de Santa Clara*, onde o templo de D. Dinis, lentamente afundado nas areias do rio, toma toda a cor do sitio, recortando-se no fundo da paisagem de Coimbra; e as *Lavadeiras do Mondego*, são-me tambem um claro exemplo, apresentando o artista no estudo de typos surprehendidos em detalhes locais, com traços creados e herdados na alegria da cidade, á sombra antiga de Minerva... Um poente de Coimbra que lhe vi seria phantastico para toda a gente que não sentisse a sua paisagem delicadamente harmonica,

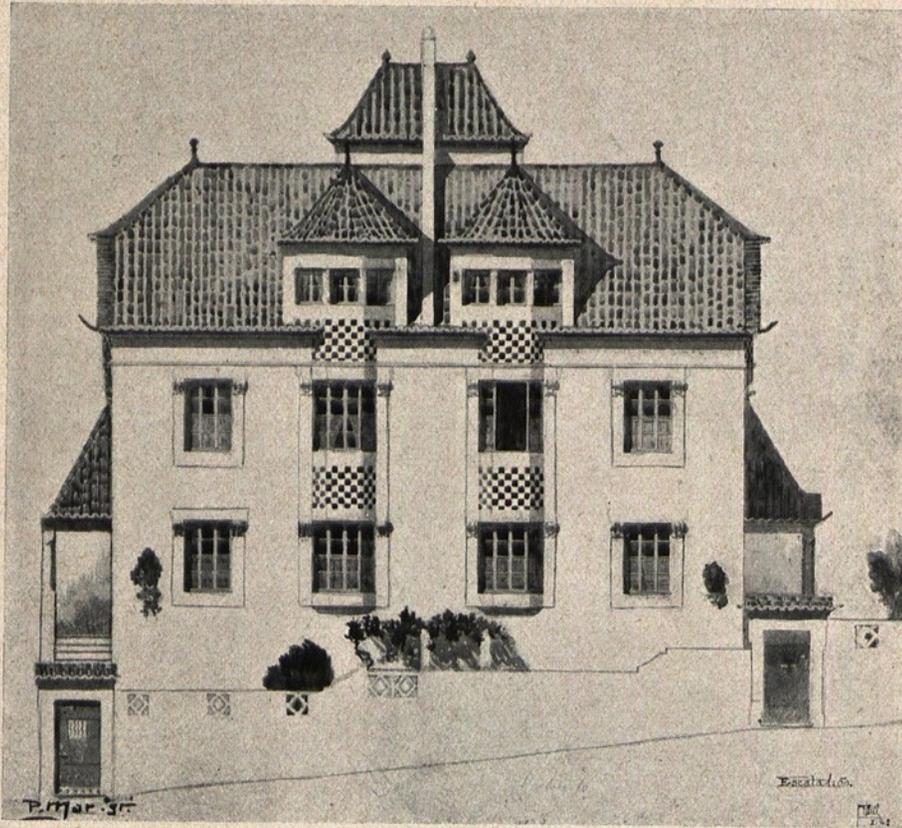
á tarde, quando o firmamento entorna sobre ella e sobre o rio manchas rubras de fogo.

Agora, que a maioria dos pintores se lança exclusivamente por motivos ideaes, este artista, tão claramente portuguez, refugia-se na nossa paisagem, sentindo-a nitidamente e trasladando-a, como coisa sua, para os quadros que trabalha.

A obra de Anthero da Veiga é talvez a menos conhecida das que me servem de exemplo para documentar o neo-lusitanismo, porque precisamente é a que menos publicidade póde ter, visto residir na personalidade do proprio autor e no carinho com que



A CAMINHO
Quadro de José Campas



PROJECTO DE RAUL LINO, D'UMA CASA NO PENEDO DA SAUDADE (COIMBRA),
PARA A EX.^{ma} SR.^a D. AMELIA DA CONCEIÇÃO SILVA PINTO

amoravelmente a tem construído. O guitarrista Anthero da Veiga está fazendo dentro da musica portugueza, tão descurada, uma revolução completa.

Dedicando-se absolutamente ao cultivo do cancionero nacional, Anthero da Veiga, busca restituí-lo aos *moldes* primitivos dando-lhe fórma pessoal, estudando as canções nas primitivas *fórm*as, artistizadas no tempo por compositores que as caldearam com trechos de opera e musica barata. As *modas velhas* da Beira, acompanhadas ao adufe por descantadas e romarias, perdidas no povo, onde o artista as tem ido procurar, reconstituindo-as conscienciosamente, tem-lhe sido objecto dum culto devotado. E o cancionero musical do seu paiz tem sido a fonte inexaurível onde Anthero da Veiga tem ido buscar o molde e a inspiração, que depois vai enquadrar em typos de canções. A *Canção da Fiandeira* é um notavel especimen de quanto póde o estudo aturado das fórm^{as} populares e do local da colheita. No *Fado em ré maior*, onde o cancionero foi moldado no rythmo e na quadatura do fado, ha toda a alegria esfusiente

e larga das romarias da sua Beira.

E impossibilitado de ir mais longe, em artigo de mera documentação geral, aqui deixo ficar a promessa dum melhor estudo sobre a sua obra complexa, limitando-me a notar que perante um trabalho de tão largo folego, anteriormente realizado na litteratura, só ha a lastimar a pouca publicidade deste raro artista e o seu quasi geral desconhecimento; e seria para agradecer uma edição integral das suas obras, como motivos de estudo para a musica portugueza.

sa, — tão tresmalhada e perdida como ella anda.

E fixada a razão de ser do movimento que anima simultaneamente todas as manifestações artisticas, regresso da digressão ao meu ponto de partida, escolhendo para estudo do *neo-lusitanismo*, o poeta Antonio de Monforte, como aquelle que melhor o encarnou e delle teve mais claro entendimento.

Antonio de Monforte, num elevado sentimento nacional, procura reconstituir o fundo psicologico da raça, buscando-o em motivos historicos, detalhes de paysagem, um costume antigo que enche uma evocação; e em cada um delles separadamente, vé, numa vasta projecção visual, toda a psychologia do povo portuguez.

*Contam pessoas graves, de idade,
de alguns átalhos lendas funestas;
— ladrões que a tiro matam um frade,
e em postas lhe abrem sem caridade
o corpo magro, sobre as giestas.*

.....

.....em tempos maus a justiça
lento cortejo d'alva seguia;
a força o negro vulto espreguiça,
e ouve-se a queixa grave e mortiza
dos psalmos proprios só da agonia.
.....

O titulo do seu livro, em via de publicação, — *Tronco reverdecido*, claramente o indica. Do velho tronco lusitano, esquecido e envelhecido, cuida vêr, numa primavera de hoje, despontar novas rancas, cheíñas de seiva, como um caule antigo, perdido numa encosta, que soltasse um ramo novo e forte, enchendo-a de vida e sombra.

O seu primeiro soneto:

Portico

*Era uma vez um tronco exausto em guerra
com a braveza adusta do montado,
que p'ra vingar no esteril chão que o encerra
annos sem tacto tinha ali teimado.*

*Vencida a condição ruim da terra,
mal a raiz em torno achára agrado,
logo por entre estevas mais se aferra
no campo que ella sente já domado.*

*Vergontea humilde, agora alfim erguida,
viu-se a poder de tempos quasi seca,
depois de quanto esforço fez p'la vida.*

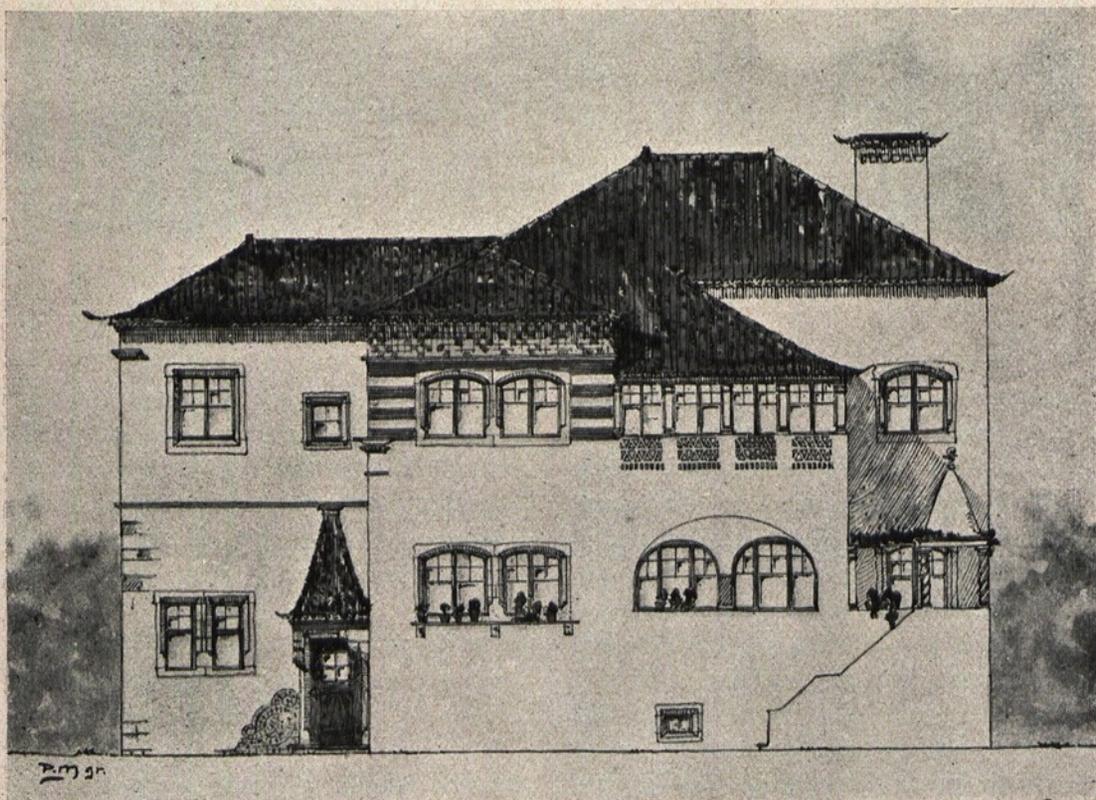
*Mas só de se alembiar que fôra um dia
o enternecido exemplo da charneca,
de novo a seiva aos braços lhe acudia.*

Na *Falla do Poeta*, o poeta dirige-se á terra; e como o Antheu da fábula na lucta com Jupiter, que ao contacto com a terra tirava toda a força, assim *communicando* com ella, lhe arranca toda a seiva que enche o seu livro. N' *O Arauto*, — o arauto, em grande *cerimonial antigo*, no ritual do velho estylo, lança o seu pregão, em gesto largo, na confiança de si mesmo; e vai dizendo:

*Ouvi-o todos vós, raça de heroes,
e da intima ousadia que inda sois,
largai frotas de novo á roxa aurora.*

*Talvez que a pobre patria agonisante,
revendo-se entre as aguas do Levante
resurja em si o Portugal de outr'ora.*

Vejamos agora o seu mecanismo psicologico, surprehendido em paginas desse livro.



PROJECTO DE RAUL LINO, D'UMA CASA NO PENEDO DA SAUDADE (COIMBRA),
PARA O DR. JOSÉ BRUNO DE CABEDO

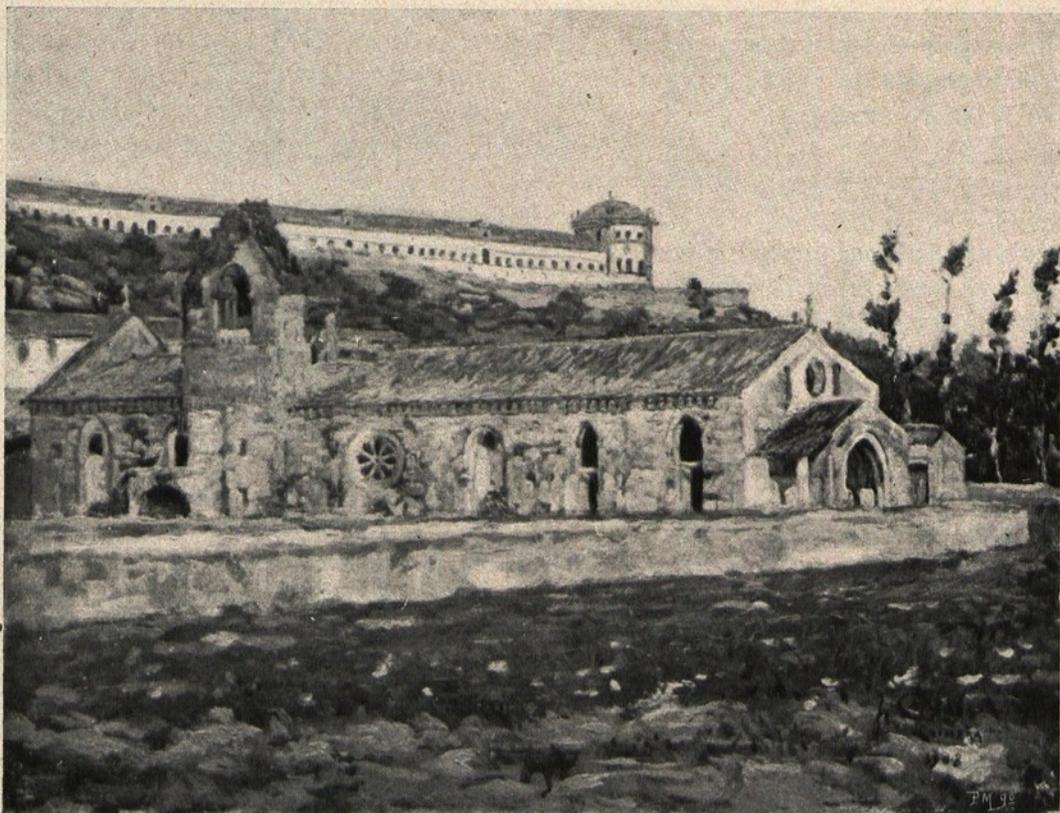
Antonio de Monforte começa pela visão de aspectos históricos *externos*, que incarna e procura viver, tirando dahi a emoção, (*Noite de Tanger, Ormuz*). A impressão é ainda reflectida do exterior; e é essa impressão, projectada do exterior, que acorda no mundo interior o sentimento da raça, indefinidamente manifestado numa vaga aspiração (*Triste fado*). Esse sentimento vago vai-se definindo, particularizando-se na observação regional, como no soneto

caíndo lá fóra, lhe vae acordando a ancia de realizar a sua aspiração:

*Maré de sonho, se ella espraia a vaga,
de opio mortal me inunda as tristes veias...*

Dentro do aspecto regionalista ha o aspecto externo ou visual (*Terra do Sul, Canicula*), e o aspecto interno ou emotivo (*Amor da terra, Caminhos velhos*).

O solo, a preocupação da terra, é para



OS MOSTEIROS DE SANTA CLARA (COIMBRA)

Quadro de José Campas

Amor da terra, que é antes uma conclusão do anteriormente citado. Tal estado de espirito observa-se curiosamente na poesia *Natal*, — característica nota do lar, mais que português — regional, a que o poeta aspira, onde possa trabalhar na paz da familia, emquanto os filhos crescem e a terra fructifica na colheita de cada anno. Um lar simples, com um parreiral á porta, uma nóra que geme pelas tardes de junho, e a agua correndo na faina da rega... Nesta poesia vai o poeta vivendo o seu sonho, na paz dos seus, junto ao fogão, na noite radicional do Natal, emquanto a chuva,

o poeta a synthese da ideia nacional. No soneto *Aos Mortos d'Oliveira*, a piedade do poeta, no cortejo das suas visões, fala áquelles portuguezes d'outr'ora, que descansam em terra que já foi nossa, sob as lages sombrias onde outra gente caminha:

*E se no seio a patria abriu rendida
final repouso á vossa humana lida,
depois de quantos feitos de epopeia,*

*quando chegar o grande julgamento,
e dêr de novo a alma ao corpo alento,
acordareis com pasmo em terra alheia.*

Todas as poesias que se bordam em torno da ancia geral da vida sobre aspectos regionaes, conduzem-no a conclusões mais largas nas poesias *A's Virgens, Elegia das Estereis, Aguas-correntes*; é por meio da paysagem nacional, que o poeta sente (*Piteiras, Sagrada Paixão*), *humanizando-a*, que dilata os seus horisontes, tornando-os mais vastos, e abrindo-os para concepções universaes.

Antonio de Monforte, — que no prologo do livro parte da reconstituição saudosa do seu lar de infancia —, lança o ultimo brado num apêllo para a Acção e para a Unidade, onde a dispersão egoísta só viva na lembrança para tirar della toda a seiva e todo o vigor duma nova floração.

Manifestada na ultima parte do livro o alargamento desta clarissima e profunda concepção litteraria, elevada ao maximo

neste claro poeta, seja-me dado concluir que no seu novo poema em preparação — *Juízo Final* — a aspiração messianica da raça se definirá sobre um aspecto totalmente novo, soffrendo uma tendencia universalista, — como mais larga expansão do tronco que se ramificou e quer abranger toda a floresta.

Tal é a synthese critica do *neo-lusitanismo*, base conscienciosa e precursiva da emoção unitária e universal, que se observa numa linha evolutiva, e que a actual geração entrou a definir, dando á arte os aspectos bellos da vida, e á sciencia os rythmos da arte.

A semente começa a lançar raizes: é a primavera sagrada que se agita.

VEIGA SIMÕES.



CHRISTO

A' cabeceira tenho do meu leito
Um velho Christo, antigo crucifixo,
A' noite o seu olhar quando me deito,
Sobre mim sinto tristemento fixo...

Da cruz onde Elle jaz e onde padece,
Toda a caricia astral dos seus olhares,
Como uma benção do Céu sobre mim desce,
Acalmando-me as maguas e os pesares.

Mas se do leito me êrgo e acaso o fito
Da lampada á luz dubia, Elle me assombra:
Julgo vêr na parede (e abafó um grito)
Horrorisado a minha propria sombra!

Ao pé da cova

— Coveiro, dize-me, a que altura
Cavaram esta sepultura?

— «Tão fundo quanto ordena a lei.
Eu mesmo a abri e eu a fechei.»

— Coveiro, é falso! A tua enchada,
Nem fez cova, nem fez nada.

E a prova é, do que te digo,
Que a morta sai — vem ter comigo.

Nenhuma noite só me deito
Que não a veja ao pé do leito,

Tão branca e triste e abatida
Como era d'antes, quando em vida.

Nuncá me fala, mas sorri-se
— Sorriso cheio de meiguice . . . —

E ali fica a noite, assim,
Junto de mim e a olhar por mim.

Por horas mortas, se desperto,
Coveiro, eu sinto, é quazi certo,

Uma impressão nitida e clara
De beijos algidos na cara.

Coveiro, ha mais . . . — Mas tenho mêdo
Que vás contar o meu segrêdo . . .

— «Convivo só com quem morreu . . .
Conte se quer — morto sou eu . . .»

— *Ha duas noites, tive um sonho
Que me prostrou — que foi medonho!*

*Sonhei que a morta se despia
E se deitava e me envolvia*

*Nos braços nus, como de gêlo!...
Senti-lhe os beijos e o cabelo...*

*Senti-lhe o corpo, mas tão frio
Que me gelou n'um calafrio...*

*Ouvi-lhe a voz meiga e sumida:
«Alberto! Alberto! dá-me a vida!...»*

*Então, coveiro, eu que a amava,
Tive a impressão de que lh'a dava.*

*E pouco e pouco, e brando e brando.
Foi-se-me o corpo regelando,*

*Até que tive a sensação
De ter parado o coração.*

*«Morri — pensei — mas que me importa
Se dei a vida á minha morta!...»*

*No quarto echoou um grito aflicto
E despertei com esse grito.*

*Escuta agora: apavorado —
O quarto em trevas sepultado —*

*Fiquei, assim, desperto e atento
Ao mais pequeno movimento —*

*E ouvi, coveiro — ouvi, que o juro —
Mover-se alguém n'aquelle escuro.*

*Acendo, rapido, uma véla,
E vejo a morta, e vejo-a a «ella»,*

*Que lentamente se sumia
N'um como fumo que a envolvia!...*

*— « Quanto me diz, nada me prova
Que a morta saía aqui da cova.*

*A terra péza como ferro...
— Diga-m'ò a mim que sou que entérro...*

*Depois, quem morre, só deseja
Que a paz de Deus com elle seja.*

*Isso de vêr, como contou,
Quem lhe morreu, quem Deus levou,*

*E' coisa d'alma, é coisa triste
Que só ao tempo não resiste.*

*Ao tempo e ainda a outro meio...
Ouça tambem, já que aqui veio:*

*Tambem eu tive alguém no mundo
A quem votei um amor profundo.*

*Era uma filha, aleijadinha,
Mas muito meiga!... — Coitadinha!...*

*Soffreu, soffreu, e um dia a morte
Veiu poupal-a a peor sorte...*

*Mas desde então, constantemente,
Eu via a filha á minha frente.*

*De noite e dia, a toda a hora,
Ou fosse em casa ou fosse fóra,*

*Eu via sempre a aleijadinha,
Gemendo, a olhar-me. . . — Coitadinha! . . .*

*Um dia disse-lhe: «Pequena,
Que fado ruim, ou magua, ou pena,*

*Te faz andar, no meu delirio,
Atraz de mim, n'esse martyrio?»*

*E disse-me ella: «Pai, quem hade
Encher a tua soledade?*

*Como has de tu viver na Dôr
Sem te amparar um só amor?*

*Escuta, pai: — serena, acalma —
Eu sou o amor da tua alma;*

*Procura alguém que substitua
A minha imagem na alma tua.*

*Procura um corpo em que eu reviva —
Converte a sombra em carne viva.*

*Emquanto não o conseguires,
Ver-me-has em tudo quanto vires.»*

*Tempos depois, a aleijadinha,
Partiu, deixou-me. . . — Coitadinha! . . .*

*Foi de repente e nunca mais
Tornei a vê-la ou a ouvir-lhe os ais. . . »*

*— Cubriste a sombra a pedra ou loisa? . . .
— «Tive outra filha. — Ahi tem a coisa.»*

Bahia dos Tigres.

Alberto Corrêa.



UM TRECHO DA FAMOSA QUINTA DO VESUVIO (FERREIRINHA)
A' esquerda, a casa de habitação e capella; á direita os lagares.
(E' atravessada pela linha ferrea do Douro)

O VINHO DO PORTO

I

Povos d'Entre-Douro-e-Minho. — A região vinhateira. — O rio Douro, a sua navegação e a sua fama. — Antiga industria e antigo commercio vinicolas. — A feitoria ingleza do Porto; Fraudes, adulterações e abusos. — A Companhia dos Vinhos do Douro, obra de um biscainho, de um frade, e do Marquez de Pombal. — O vinho de «embarque» e o vinho de «ramo».



ORIGEM ethenologica e ethenographica dos povos d'entre Douro e Minho é fixada, por diversos escriptores auctorizados, nas invasões da familia iberica, na peninsula, a primeira das quaes seguiu as costas do Mediterraneo, sendo d'essa época em diante que se encontram os lusitanos collocados nas margens do Tejo, «estendendo-se pela ora maritima até ao Douro» (1). Apoz a primeira invasão veio a segunda (dos povos a que Humboldt dá o nome de Galici), que descendo os

Piryneus occidentaes occuparam as terras banhadas pelo Oceano, até ao Douro, terras que d'esses invasores tomaram o nome de Galliza. Quanto ao rio Douro, que deu o nome a toda a região por elle banhada, e ao vinho em toda essa região produzido, sabemos que a sua navegação, no tempo dos romanos, se fazia, segundo Strabão (liv. 3.^o, pag. 132, edição de Paris, 1630) *magnisque per eum subvelis licet scaphis asque ad octingenta stadia*. Era feita pelo rio acima, em grandes barcos até 800 estadios, o que quer dizer, que, sendo as leguas romanas mais pequenas do que as nossas, ou mais exactas, se eram contadas por marcos miliares, a navegação ia até S. João da Pesqueira, não passando d'ahi, como não passava ainda nos principios do seculo XVIII,

(1) Simão Rodrigues Ferreira — *Memoria Historica dos povos que na mais alta antiguidade vieram ao Douro.*

antes de ser cortado um grande cachão que ahí havia. As *scaphis* romanas eram barcos grandes, como os de 60 e 70 pipas, que ainda hoje vão ao alto Douro, e d'esses barcos nos dão toda a idéa as bem typicas embarcações só n'esse rio existentes, conhecidas pela designação generica de *barcos rabellos*.

Nasce na Hespanha, como é sabido, este rio de margens formosissimas, de um pittoresco sem rival, que no tempo dos romanos servia de fronteira entre a Callæcia e a Lusitania, na divisão feita no tempo de Augusto. Plinio indicava-lhe a origem nos montes Pelendones, perto da famosa Numancia — *Durius amnis ex maximis Hispaniæ ortus in Pelendonibus, et juxta Numantiam, lapsus deinde per Arevecos, Vaccæos, determinatis ab Asturia Vetonibus, a Lusitania Callæcis: ibi quoque Turdulos a Bracaris arceus*.

Pelo nome de Douro foi sempre conhecido, tanto pelos geographos gregos como pelos latinos. Lá o refere André de Rezende. *De Antig. Lusitaniæ*, quando escreve: *nomen amnis Latini magno consensu Durium appellavere, Ptolomæo Dorias est. Straboni tum Durios, tum Durias*. Celebrado foi o Douro pelos poetas e escriptores antigos, sendo assim que Silio Italico o comparava (por suas auríferas areias, que hoje não existem) ao Pactolo e ao Tejo: *Hine certant Pactole tibi Duriusque Tagusque*. Claudiano, alludindo á flora das suas margens, escreveu: *Floribus, et roseis formosus Duria ripis, vellere purpureo, passim mutavit avile*. Lynk chamou-lhe *une belle rivière couverte de navires* (e, em frente do Porto assim é, com effeito); João Barreto, e os padres Moraes e Ferreira — *o maior rio da Hespanha* —; os padres Rebello, Cunha, Santa Maria e Rezende — *superior ao Tejo*. Na sua *Anacryses historial*, fr. Manoel de Moraes não só o considera o maior rio de toda a Hespanha, como diz que, pelos muitos afluentes que tem, deu origem ao proverbio: *yo soy el Duero que todas las agoas bebo*.

Tambem fr. Manoel d'Oliveira Ferreira, no seu *Poema Epico* (em honra do bispo D. José d'Evora), cantou d'este modo o famoso rio: *Maximus Hispesiæ juxta mea moenia rivus Undarum Pater Oceani ditissima proles, Durius it, roseis pellucidus undique ripis, etc*.

E, finalmente, para não nos alongarmos

em mais citações, André de Rezende: *Durius* — diz — *claritate sua, et scriptorum testimonio celebratissimus aquarum mole Tagum superat, nisi quod compressiore, et fere inter montes, alveo fluit, Tago per liberos, et planus campos ad ostentationem se dilatante. Hine apud nos vice proverbis usurpatur: Tagus tulit famam, sed Durius vihit aguas*.

Nascido perto do cume de Urbion, em Castella a Velha, passando em Soria, Aranda e outras povoações, atravessa os campos de Toro, e ao banhar as muralhas de Zamora começa, conforme já está escripto, «a familiarisar-se com o aspecto dos grandes vinhédos», e vem entrar em Portugal por Vega de Torron, junto á Barca d'Alva, onde o nome do rio passa a pertencer á extensa região que elle atravessa, e constitue o Douro Superior, o Alto Douro, e o Baixo Douro. Essa primeira parte estende-se desde a foz do Agueda, na fronteira hespanhola, até ao chamado Cachão da Valleira; a segunda vem desde ahí até ás serranias que continuam as cumiadas do Marão e se unem com os pincaros do Monte Muro, do lado da Beira; e a terceira é a restante parte do valle em que o rio se dirige para a sua foz, a cêrca de uma legua da cidade do Porto.

*

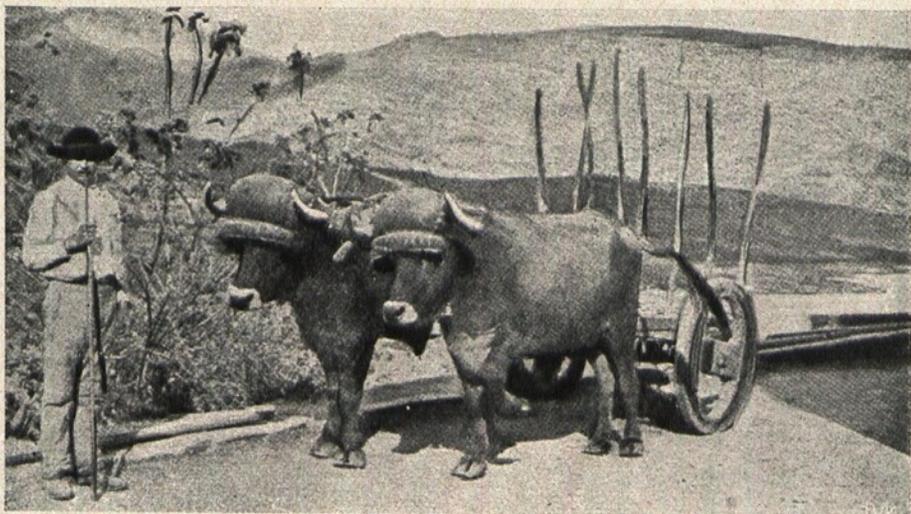
E' em torno da Regua, principalmente, que a cultura da vinha tem o seu mais notavel desenvolvimento; e, sobretudo na estação em que essa cultura se apresenta em toda a sua pujança, o espectáculo que ao visitante offerecem as diferentes e innumeradas quintas da região, é do genero dos que não mais podem esquecer-se. Os vinhédos desdobram-se, em toda a extensão abrangida pelos nossos olhares, de um e outro lado do rio, trepando em fórma de amphitheatro desde a margem até ao mais elevado dos montes, bordando as quebradas e as multiplicas sinuosidades do accidentado terreno, com os tons alacres da sua verdura, por entre a qual, aqui e ali, alvejam as moradias, os armazens e os lagares das quintas, todas cultivadas em *socalcos*, que é como se chamam os degraus sobrepostos em que ali nasce o precioso licor de universal renome — o vinho do Porto. A gravura que acompanha este artigo, e representa um trecho

da famosa quinta do Vesuvio, pertencente á casa Ferreirinha, dará áquelles de nossos leitores, que não conheçam a região vinhateira do Douro, uma idéa approximada do que sejam esses *socalcos*, cujo pittoresco verdadeiro só *in loco* se pode apreciar devidamente. Quem apenas conheça a cultura da vinha ao Sul do paiz, não faz idéa nenhuma das difficuldades e despezas d'essa cultura no Douro; e é até, em parte, devido a essa ignorancia que tão injustamente tem sido tratada aquella provincia, fonte da maior riqueza commercial da nação.

O paiz vinhateiro, como é de uso chamar-se á região vinicola do Douro, está situado, como dizemos, nas duas margens do rio de que toma o nome, a 16 leguas da sua foz; é montanhoso, arido, pedregoso na maior parte, e o seu terreno é de natureza tal que não se presta a outra cultura além da do vinho, que possa sustentar os seus habitantes, os quaes, geralmente, precisam de adquirir fóra da sua região tudo quanto é essencial á vida. Isto foi confirmado ainda quando o *oidium* e a *phylloxera* entraram a cercar a cultura vinicola. Lavradores houve, no Douro, que, vendo-se sem o rendimento das suas vinhas, tentaram cultivar outros generos taes como trigo, centeio e cevada; a breve trecho tiveram de desistir porque a despesa da sementeira e do *granjeio* era tal que o producto dos generos recolhidos nem de longe a compensava.

A cultura da vinha é dispendiosa, forçadamente dispendiosa mesmo, porque em consequencia da natureza do terreno, não pode ser feita senão a braço de homem. e como serviço pesado que é, os *jornaes* são caros; e é forçada porque não admite esperas nem descuidos, sem que se lhes siga maior ou menor damno, e até a perda total, sendo depois necessario maior emprego de capital, com a correspondente interrupção de rendimento, para se poder recuperar o perdido.

O vinho do Douro é, portanto, naturalmente caro, por não permittir as facilidades da cultura d'outras regiões; mas é tambem superior a todos os vinhos conhecidos, na côr,



NO DOURO

Carro empregado no transporte das pipas para o embarque

no aroma, na *grossura*, na força alcoolica, nas excellentes qualidades tonicas, e, sobretudo, na sua especial propriedade de apurar com o tempo, a ponto de tornar-se, pela velhice, um licor delicioso, supportando sem alteração, é até ás vezes com melhoria, as viagens mais longinquas e os climas mais contrarios. Se no estado de novo tem apparentemente, um merecimento mediocre, ainda que superior aos outros, tendo somente por consumidor o medio e o baixo mercado, e quasi sempre a retalho, no segundo estado é certo que não tem rival, e assim é que na sua velhice, o alto mercado e o abastado consumidor de todos os paizes lhe dão a maior estima que pode dar-se a um tal genero.

Como para lhe preparar essa adorada velhice, precisa de especialissimos cuidados, largos annos de armazenagem e deposito, e de importantes despezas com as *lotas*, aguardente boa, desfalques e riscos continuos, claro é que sae elevadamente caro, tanto mais quanto mais adeantada fôr a sua idade sempre veneranda. Na generalidade dos casos, o lavrador do Douro não pode ser o exportador do seu genero, porque sobrecarregado, como se acha, com os cuidados e despezas do aturado cultivo, não pode abalançar-se ás que demanda o commercio

de tal ordem, vendo-se assim forçado a entregar o genero a quem possa leval-o aos mercados consumidores. O industrial viticola cultiva e produz, e o commercio toma conta do producto para o entregar ao consumo. Eis o commercio de vinhos do Porto exercendo as funcções de intermediario entre o productor e o consumidor; mas eis tambem a origem de antigos e modernos conflictos, a que no decurso d'este estudo alludiremos.

Não são poucos os documentos antigos que nos fallam dos barcos vindos de Ribadoiro, commandados por seus arraes, a fundear na Ribeira, no Porto, «deramando o excedente do consumo da terra pelos portos do paiz e até estrangeiros, e com elle cambiando fazendas importadas no estrangeiro». D'este trafego nos fallam algumas escripturas do seculo xvi; e d'elle ha tambem referencias na celebre inquirição de 1339 — *Enquiriçon que foy tyrada por*

mandado delrey dom Affonso quarto por saber ao certo que rendia a cidade (do Porto) e o que o bispo e cabido auyam em ella pelas testemunhas que elles apresentassem, — que se encontra no chamado *Livro Grande*, do Archivo Municipal portuense, a folhas 3 e seguintes. El-Rei D. Diniz, em 1337, expedia carta sua para harmonisar contendas entre Gaya e Porto, mandando que «todolos vinhos que ueherem pera vender de Riba do Doyro se uendam nas Barcas sobre a agua», isentando d'esta imposição «os vezinhos do porto ou de gaya ou de villa nova que tenham uinhas em Riba de Doyro».

D. João, em 1423, ordenou que dois *homens bons* fossem vedores dos arcos e toneis que para o commercio de vinhos não só

abasteciam o Porto, como ainda eram exportados para Lisboa, o que nos dá já a nota do movimento d'esse commercio.

A exportação de vinho do Douro, nos fins do seculo xvii, ou seja no anno de 1678 (primeiro de que se faz menção, nos livros da Alfandega do Porto, do embarque de tal



O GADO DE SERVIÇO DE UMA QUINTA ATRAVESSANDO O VAU

vinho), foi apenas de 408 pipas; e nos dez annos que se seguiram, a média annual d'essa exportação não passou além de 573 pipas. Não adquirira ainda a fama universal de que hoje gosa. Duarte Nunes de Leão, escrevendo no principio d'esse seculo, apenas se refere aos vinhos de Lamego; mas, logo adiante, Mr. Henderson, na sua *Historia dos Vinhos Antigos e Modernos*, já diz que o vinho do Porto é mencionado como vinho medicinal na *Pharmacopea de Londres*, de 1684.

No seculo xviii, entre os povos do Norte da Europa, e nomeadamente na Inglaterra, «começou a ter grande reputação o vinho produzido nas montanhas ao norte e sul da corrente do Douro; e o gosto dos vinhos produzidos junto a Lisboa foi cedendo ao

de um vinho mais forte e mais substancial, e, por isso mesmo mais susceptível de duração». A cultura foi lentamente progredindo até á época do celebre tratado de Methuen, entre Inglaterra e Portugal, em 1703, pelo qual se estipulou que os vinhos do nosso paiz pagariam na Inglaterra menos uma terça parte do que pagassem os vinhos de França. E, a contar d'essa época, cresceu tanto a cultura d'este genero, que em poucos annos a exportação regular para Inglaterra augmentou muitissimo, sendo certo que em 1703 essa exportação foi já de 7:567 pipas, e em 1725, vinte e dois annos depois do tractado, foi de 21:805 pipas. Segundo o mappa da exportação apresentado por Christovão Guerner (*Lisboa, 1814*), ainda essa exportação se elevou a 25:870 pipas em 1728; a 27:085 em 1762; a 29:575 em 1779; a 39:645 em 1789; a 64:402 em 1798; e a 66:629 em 1801.

Apoz algum tempo de real prosperidade, o commercio dos vinhos veiu a parar todo nas mãos de uns poucos de negociantes inglezes, que no Porto estabeleceram uma Feitoria. Ou porque o commercio a esse tempo fôsse ainda tido como profissão desprezível, ou porque escasseassem os capitaes, o certo é que foi facilimo aos negociantes da Feitoria Ingleza assambarcar todo aquelle rendoso negocio. Accusados são pela historia escripta esses negociantes de terem acon-

selhado os lavradores a dirigirem especialmente as suas atenções para o fabrico de vinhos escuros, afim de poderem supportar lotação com outros de menos substancia, e de menor preço, para augmentarem os não pequenos lucros da já importantissima ex-



SÉDE DA COMPANHIA GERAL DA AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO

Installada na Rua das Flores, esquina da Rua do Ferraz, no Porto

portação. Do uso cahiu-se no abuso, e creou-se a «pratica de misturas heterogeneas, que deprimiu a estimação do vinho do Douro», como refere a Memoria impressa em Londres (em lingua portugueza) em 1832, anonyma.

Em 1754, motivada já pelo abuso a que acima alludimos, houve grande altercação,

digamol-o assim, entre os inglezes da Feitoria do Porto e os seus commissarios do Alto Douro, queixando-se aquelles de que os lavradores arruinavam o credito do vinho, porque o misturavam com outro inferior, porque lhe deitavam agua-ardente logo na fervura, porque o não trabalhavam bem nos lagares, e, finalmente, porque não separavam a uva branca da preta. Responderam a isto os do Douro, que só aos negociantes inglezes se devia attribuir a degeneração de que se queixavam, pois que se taes praticas eram nocivas ao credito dos vinhos, por elles haviam sido preconizadas e lembradas. Taes recriminações, conjunctas com a decadencia dos preços de venda, a que o vinho chegára em rasão do descredito, exigiam fatalmente alguma providencia tendente a castigar as fraudes assim publicamente confessadas por uns e outros.

O preço do vinho, que de 60.000 réis (metal) cada pipa, chegou a vender-se por 10.000 réis, demonstrava bem quanto era urgente atalhar o mal que ia alastrando e viria a contribuir para a ruina total da industria vinicola. Em 1755 estabeleceu-se, no Porto, um negociante hespanhol, de nome Nicolau Bartholomeu Pancorvo, que, sem se importar com o assambarcamento da Feitoria Ingleza, entrou a comprar vinhos e a exportal-os por sua conta para os paizes do Baltico. Como esta concorrência prejudicasse os calculos dos antigos exportadores, estes, a conselhos de um seu compatriota, Diogo Stuart, «mancommunaram-se para o perder e, com effeito o conseguiram», como se lê a paginas 76 da Memoria inserta no tomo III das *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, pois que tal hespanhol era, ao que consta, mais rico de idéas do que de cabedaes, e não pode defender-se do conluio. A Feitoria estava, outra vez, senhora exclusiva do campo. Os lavradores do Douro «vieram em corpo á cidade do Porto, no anno de 1755, offerecer o seu vinho aos inglezes pelo que elles quizessem dar-lhes; mas nada aproveitou a sua vinda, por que estes acostumados a dar as leis, e resentidos da resposta (que os commissarios durienses lhes haviam dado ás suas pretendidas queixas) quizeram vingarse, e interpozeram toda a casta de meics para conseguir a ruina d'esse ramo de commercio, não comprando nenhum vinho do

Alto Douro n'aquelle anno, e exportando pela barra do Porto 12:896 pipas de outros vinhos, reputados como do Douro, sem o serem, e com quantas misturas lhes pareciam proprias para fingir o paladar d'aquelle vinho».

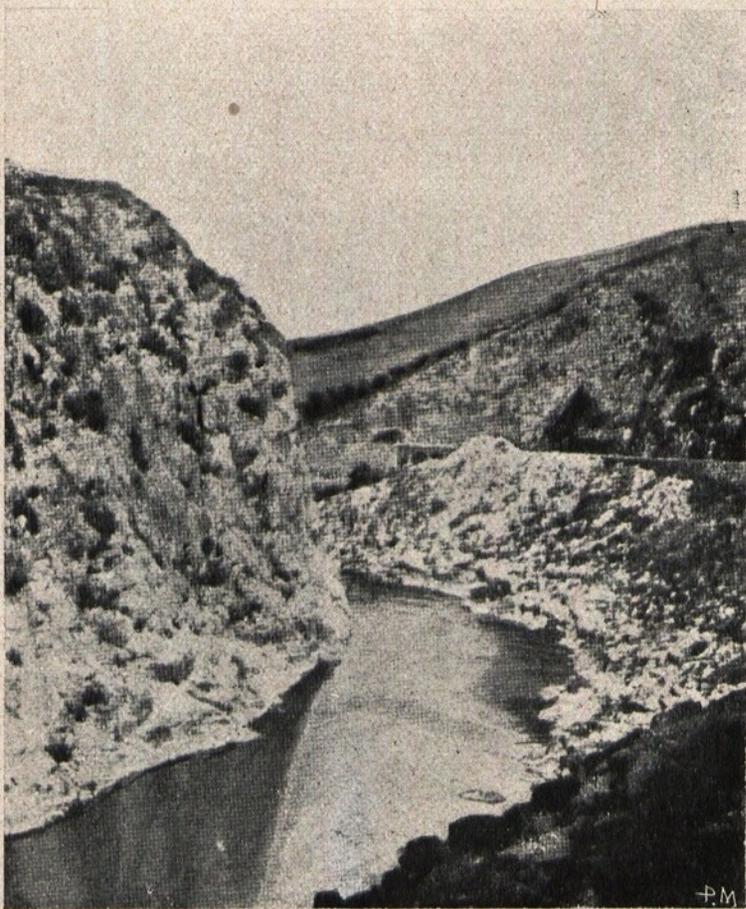
Foi então que os lavradores do Douro resolveram mandar delegados seus á côrte de Lisboa para ali expôrem as tristes circumstancias em que se encontravam, sem poder collocar os seus vinhos, nem por muito nem por pouco, em face do conluio dos inglezes, e o gravissimo damno que d'ahi resultava a toda a provincia, cuja principal subsistencia dependia da venda d'esse genero. O hespanhol Pancorvo havia morrido de desgosto ao ver-se victima das intrigas dos conluizados inglezes, mas tinha antes communicado a frei José Mansilha, dominicano, conventual no Porto, a idéa de constituir uma companhia contra a qual nada possessem conluios e combinações interesseiras.

A idéa do biscainho havia sido tambem communicada a alguns lavradores do Douro, que não se mostraram antipathicos a ella; e os delegados durienses, de passagem para Lisboa, entrevistaram-se com o frade referido, que não só redigiu o projecto de fundação ou bases da companhia, como foi elle proprio, com esses delegados, apresentar tudo ao grande ministro e valido de D. José, que teve o titulo de Marquez de Pombal, mas que ao tempo era apenas Conde de Oeiras. Aquelle estadista fez examinar detidamente a questão, e examinou-a elle proprio, e encarando-a sob todos os pontos de vista, approvou o projecto de frei Mansilha e ampliou-o com uma legislação tal que, em poucos annos fez acreditar e levar ao cumulo da prosperidade um commercio em extremo definhado, «creando em asperas montanhas um jardim tão fertil, que tornou a primeira e mais valiosa industria de Portugal», como se diz no opusculo *A questão do Douro explicada*, Porto-1861. A um monopolio *illegal* e *estrangeiro*, substituiu o Conde de Oeiras um monopolio *legal* e *nacional* em proveito da região duriense e do commercio portuguez de exportação. Tiveram defeitos essas providencias — e qual é a obra humana que as não tem? — mas a

intenção do grande ministro foi não só valer a uma industria nossa como esmagar os escandalosos manejos dos que sendo estranhos ao paiz se não pejavam de o desacreditar, com intuitos gananciosos, na sua melhor industria de exportação. Procurou estabelecer a garantia da genuinidade do genero, como sendo o unico fiador do preço necessario ao grangeio e ao lucro do capital empatado; prohibiu com sevêros regulamentos a mistura de qualquer outro vinho com o do Douro, assegurando ao consumidor a procedencia do artigo vendido e levantou com a criação da Companhia dos Vinhos «uma insuperavel barreira ás adulterações caseiras, fazendo converter os falsificadores em negociantes probos e creando um corpo exportador de solido e seguro credito.»

A Companhia do Alto Douro foi creada por alvará, com força de lei, de 10 de setembro de 1756, incumbindo-se-lhe a rigorosa fiscalisação do cumprimento das leis regulamentares da industria e commercio vinicola, dotada com meios necessarios; e foi encarregada de receber e dar destino ao vinho excedente do mercado, por um preço que pagasse o grangeio e assegurasse a subsistencia do lavrador, concedendo-se-lhe para esse effeito tres fortes exclusivos: — o da venda a retalho nas tabernas da cidade do Porto e até tres leguas em volta (perimetro mais tarde ampliado a quatro leguas), impedindo os falsificadores de

apresentarem á venda vinhos espurios; — o do fabrico e venda da agua-ardente, na Beira, Minho e Traz-os-Montes, com o duplo fim de surtir o mercado de genero bom e de evitar a introducção do mau; — e o da exportação para o Brazil. Estes exclusivos, que tanta celeuma levantaram em diversos tempos, mas que na época perfeitamente se justificavam, foram os mananciaes d'onde brotou o enorme desenvolvimento e fastigio da Companhia, que foi verdadeira e tripli-



O RIO DOURO, JUNTO A' QUINTA DO VESUVIO

cadamente protectora — por evitar as falsificações, pela regularisação do commercio, e pela desobstrução do mercado Isto sem fallar nos soccorros que prestava á lavoura em geral, nas suas crises, accudindo com recursos, e aos lavradores em especial pelos empréstimos que lhes fazia, como banco rural que era. Se vieram a dar-se abusos na sua administração, aos

quaes alludiremos, não póde, todavia negar-se que prestou relevantes serviços, a despeito da feroz opposição que desde começo os despeitados, e principalmente os *prejudicados*, lhe moveram.

O fundo da Companhia foi de um milhão e duzentos mil cruzados, dividido em 1:200 acções de 400.000 réis cada uma; e a sua administração foi confiada a uma Junta composta de 1 provedor, 12 deputados, 6 conselheiros, 2 secretarios, 1 juiz conservador, com seu escrivão e meirinho, e um desembargador fiscal.

Para zelar a reputação do vinho, a primeira coisa que se determinou foi um tombo, ou arrolamento das duas costas do Douro, afim de se demarcar todo o territorio capaz de produzir vinho de embarque, ou seja propriamente vinho fino, ou generoso, especificando-se as vinhas grandes e as pequenas, e fazendo-se a estimação média do producto, calculado pelo dos ultimos cinco annos, para que os lavradores não podessem vender sem manifestar o que vendiam, nem podessem vender maior numero de pipas do que o manifestado no tombo. A esta demarcação se chamou *primordial* para a distinguir da que se fez mais tarde, e se chamou *subsidiaria* (decretada a 6 de setembro de 1788).

Procedeu-se a igual tombo, ou demarcação dos terrenos productores do vinho de *ramo*, que era o mais baixo e destinado ao consumo nas tabernas e á distillação, o que teve por fim impedir a introdução d'esse vinho na região do outro para realisar

misturas fraudulentas e depreciativas da qualidade genuina. Taes demarcações comprehendem (tanto a primordial como a subsidiaria) 67 freguezias, sendo 47 na parte septentrional do Douro, desde a povoação de Barqueiros até á de Ribalonga, e 20 na parte meridional, desde a povoação de Barró até á de Nagozello.

Os preços do genero foram taxados primeiro para o vinho de *embarque*, em 20 e 257000 réis por pipa, conforme fosse de 2.^a ou de 1.^a qualidade; e para os vinhos de *ramo* em 127000 réis por pipa. Por alvará de 30 de agosto de 1757 foram alterados estes preços para os vinhos de *embarque*, taxando-se os de 1.^a qualidade desde 30 a 367000 réis, e os de 2.^a desde 25 a 307000 réis. Por alvará de 21 de setembro de 1802, foram as taxas elevadas, respectivamente, de 36 a 407000 réis, e 30 a 367000 réis, conforme fossem de uma ou outra qualidade.

(Continúa.)

ALBERTO BESSA.



A uma actriz

Amo-te, sim; extremamente bella
Te encontro, oh minha flôr, oh minha estrella
De fulgurante luz!
Amo os teus olhos de voluptia feitos,
Teus labios rubros, os teus brancos peitos—
Tudo o que em ti seduz.

Sou mais um dos que vão ternos depôr-te
Aos pés uma homenagem: á tua côrte
Não pertenço, porém —
Sei que a mais pura e luminosa taça
De bom cristal, que nenhum sopro embaça
Veneno acaso tem...

Eis-me, pois, a libar-te da Belleza
O ponche ardente, a irradiação accêsa
De ti manando a flux;
Mas não chego, a beber-te o fundo — a alma
Que o fundo é amargo, e já a séde acalma
Tudo o que em ti seduz.

Carlos Affonso dos Santos.



VISTA DOS PAVILHÕES DO OBSERVATÓRIO DO EBRO

1. Pavilhão electro-metreologico. — 2. Pavilhão sismico. — 3. Pavilhão astrophysico. — 4. Pavilhão nephoscopico. — 5. Pavilhão para os instrumentos magneticos absolutos. — 6. Pavilhão para os instrumentos magneticos de variação.

A influencia das manchas solares nos tremores de terra e a acção da Lua nos vulcões



associação internacional de sismologia, creada no anno de 1901, em Strasburgo, tem, pelos seus importantes e valiosos trabalhos, contribuido immensamente para os moder-

nos conhecimentos geophysicos.

Entre os mais illustres investigadores, quer theoreticos, quer praticos, destacam-se os distinctos professores Milne e Oldham. Laska, dr. Wiechert, dr. Agamennone, Marchand, etc.

As notaveis communicações feitas na assembléa de Haya, a primeira levada a effeito por aquella associação, revelam bem o interesse e o desenvolvimento que ultimamente a sciencia sismica attingiu.

O facto da associação internacional sismologica ter publicado, em meado de 1907,

o catalogo mundial dos tremores de terra para o anno de 1904 e o dos microsismos mundiaes para o mesmo anno, e bem assim a publicidade d'obras notaveis, taes como: *Results of measures made at the Royal Observatory (Greenwich) under the Direction of Sir W. H. M. Christie, astronomer Royal, of Photographs of the Sun taken at Greenwich, in India and Mauritius in the year 1904* (que nos fornece um grande numero de posições heliographicas dos grupos das manchas solares) tem feito talvez superar, em grande parte, difficuldades no discernimento eventual da correlação existente entre os tremores de terra e as manchas solares

Não obstante, o que se tem escripto sobre o assumpto que, verdade seja, apenas pertence a epochas pouco remotas, ainda este problema se nos afigura, não diremos irresolovel, mas complexo.

Da analyse de taes trabalhos concluiu

o professor Oddone que, em 1904, houve 88 tremores de terra, intensos, em 80 dias, isto é, d'aquelles cujos registos attingiram 15 observatorios, e que as manchas do Sol

os *phenomenos dos tremores de terra, os do magnetismo terrestre e a passagem das manchas solares pelo meridiano central do Sol.*»

O abbade Moreux, o eminente director do observatorio de Bourges, situado no centro da França, expondo a acção do Sol nos grandes abalos sismicos, escreve, entre outros periodos, os subseqüentes:

«Que não existe concordancia intima entre os vulcões e os abalos sismicos; pois que ultimamente tem sido observados tremores de terra na Alemanha, Portugal, etc., onde não existe o vulcanismo.»

Como os phenomenos sismicos se ligam

com a formação orogenica do globo terrestre, emeritos geologos attribuem as manifestações vulcanicas e sismicas á infiltração das aguas, pretendendo explicar a propagação simultanea dos abalos nas regiões longinquas pelo transporte das correntes de lava fundida que, atravessando extensos subterraneos, produzem os seus phenomenos em pontos afastados de 4 a 5:000 kilome-

passaram pelo meridiano central da fórmula seguinte: 5 vezes antecipando dois dias; 12 vezes antecipando um dia; 38 no mesmo dia; 9 um dia depois, e 3 dois dias depois; logo, 75 por cento de coincidencias com as passagens das manchas pelo meridiano central do Sol, nas 24 horas em que se produziram os abalos.

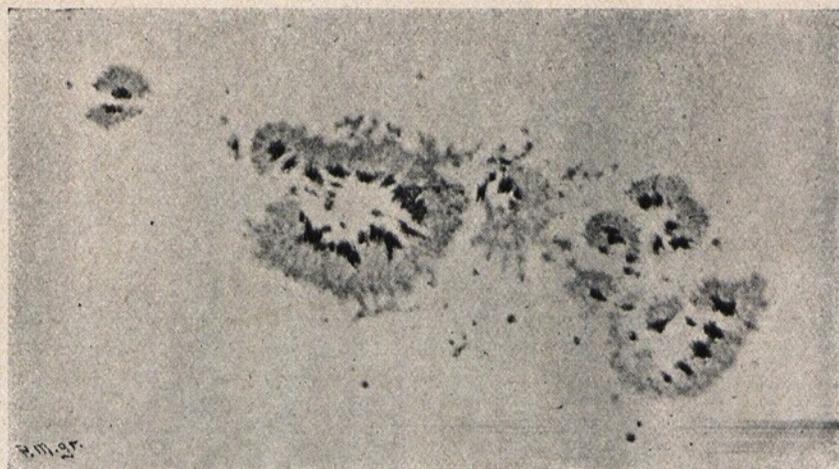
Os tremores de terra *mundiaes*, interessando pelo menos 30 observatorios, foram em numero de 23 e distribuidos, por 22 dias, da maneira seguinte: 1 vez antecipando dois dias; 2 vezes antecipando um dia; 13 vezes no mesmo dia; 4 vezes um dia depois.

Este professor, considerando-se audacioso por empolgar semelhantes problemas, nota que os phenomenos que se passam no Sol são tão extraordinarios e tão pouco conhecidos que talvez houvesse vantagem em substituir a meteorologia solar pela sismologia solar. O mesmo professor apresentou n'aquella assembléa a moção seguinte: «*Ha interesse em proseguir nos estudos sobre uma correlação possivel entre*

tros. E' certo que a maioria dos homens de sciencia põe em duvida tal asserção, porquanto a agua não banhando sempre as costas mais assoladas pelos tremores de



GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)
Em 13 de outubro de 1903



GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)
Em 9 de outubro de 1903

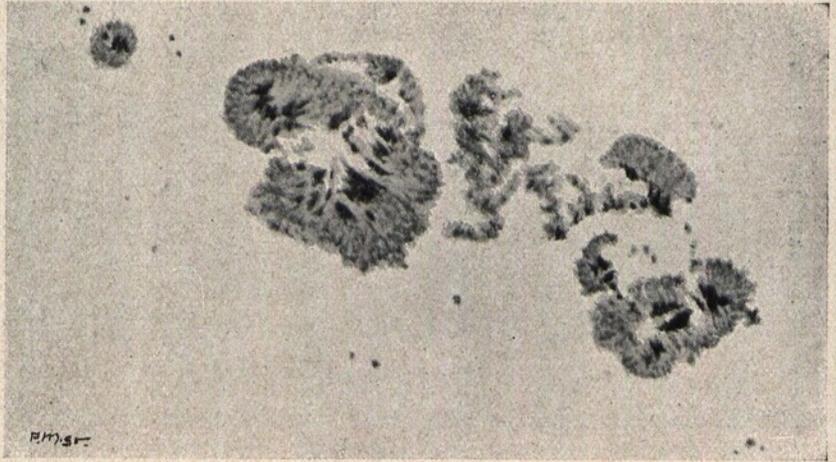
terra, como admitir que os abalos, que se fazem sentir simultaneamente em pontos tão distantes, resultem de tal acção?

Não offerece duvida que o tremor de terra nunca é um phenomeno isolado. Dezenas de exemplos tem recentemente confirmado este facto. Assim em: 12 de novembro de 1900 tremores de terra na Belgica, na Allemanha e Westphalia, etc.; 19 de dezembro de 1901 abalos em Leipzig, na Saxe occidental, Thuringe, etc.; 20 de dezembro de 1901 abalos em Maine e Loire, etc.

As estatisticas — diz o eminente astronomico — mostram que a *electricidade atmospherica* tem uma preponderancia inequalavel sobre os phenomenos sismicos e que as manifestações electricas e magneticas são devidas ao Sol, o que nos conduz a inferir que a causa dos abalos é de *origem exterior* á Terra, e que o Sol tem uma influencia extraordinaria nos phenomenos vulcanicos e sismicos.

O mesmo astronomico revela-nos, entre

mittiu já prever algumas manifestações sismicas. Assim, em 1905, a actividade solar, tendo alcançado o seu maximo, diminuiu bruscamente, sentindo-se tremores de



GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)

Em 10 de outubro de 1903

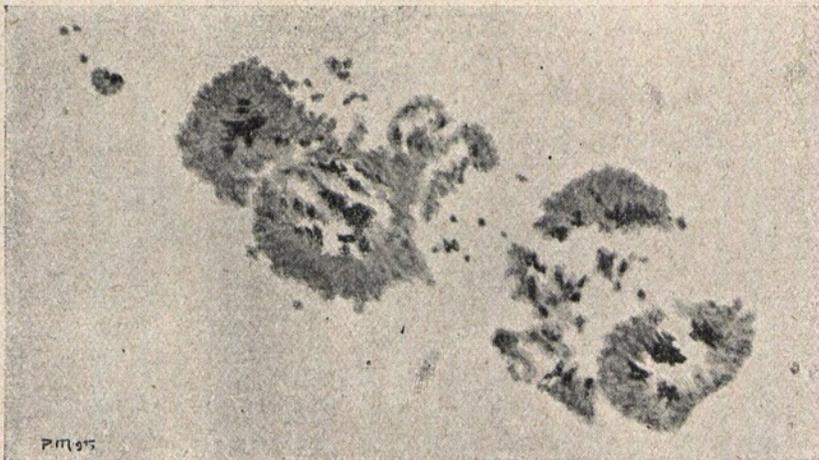
terra violentos. Ella decrescerá até 1912, epocha na qual attingirá o seu minimo para voltar a augmentar.

As manifestações vulcanicas grupar-se-hão em torno d'este anno fatidico. A actividade solar, escreve o mesmo auctor, não sêgue uma lei progressiva é methodica; pois, offerece anomalias (perturbações) que occorrem geralmente tres annos depois do seu maximo. Por isso nós acabamos de estar em plena crise de tremores de terra; e os factos actuaes justificaram infelizmente essa lei geral.

O emerito astronomico pretende incutir na humanidade o interesse pela sciencia do Sol, a qual é, a que mais convém conhecer.

Varias theorias admittem esta correlação; mas seja-nos permitido declarar que o primeiro sabio que emittiu semelhan-

te hypothese foi Marchand, illustre director do observatorio do Pic du Midi, n'uma memoria impressa em 1904 e intitulada: «Les sismes tendent á se produire lorsqu'une region



GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)

Em 11 de outubro de 1903

outras cousas, que os tremores de terra produzem-se, sobretudo, no momento em que a *actividade solar varia, quer ella augmente quer diminua*. Esta theorica per-

d'activité du Soleil passe au méridien central apparent du disque solaire».

Convém frisar que Marchand chama região d'actividade ao grupo de *faculas* imensamente brilhantes e persistentes.

A fama, que envolve o nome glorioso do astrónomo, faz com que a connexidade existente entre as perturbações magneticas e a passagem das regiões d'actividade pelo meridiano central do Sol seja considerada, já, como *lei de Marchand*.

Os recrudescimentos d'actividade solar ou, antes, os paroxysmos solares teem tambem sido objecto de notaveis estudos no observatorio do Ebro (Tortosa), o que mostra bem o interesse que taes phenomenos operam na moderna sciencia.

A influencia das manchas solares, a dos seus maximos e mininos valores, e a grandeza da amplitude da variação diurna dos elementos magneticos tinham sido sobejamente evidenciadas não só pelos seus descobridores, o general Sabine e dr. Wolf (1852), como por Hansteen (1859) Moureaux, do observatorio do Parc Sant-Maur (1894), Ellis, de Greenwich (1897), etc.

A par da *lei de Marchand* existe ainda uma outra, que é a de *Veeder*, a qual admite a influencia das manchas e das *faculas*, no momento em que ellas apparecem no bordo oriental do disco solar, isto é, 6 a 7 dias antes da sua passagem pelo meridiano central.

Nada d'isto constitue assumpto novo, porquanto a feição mais proeminente, que caracteriza a actividade solar, é a da estricta influencia sobre todos os phenomenos ter-

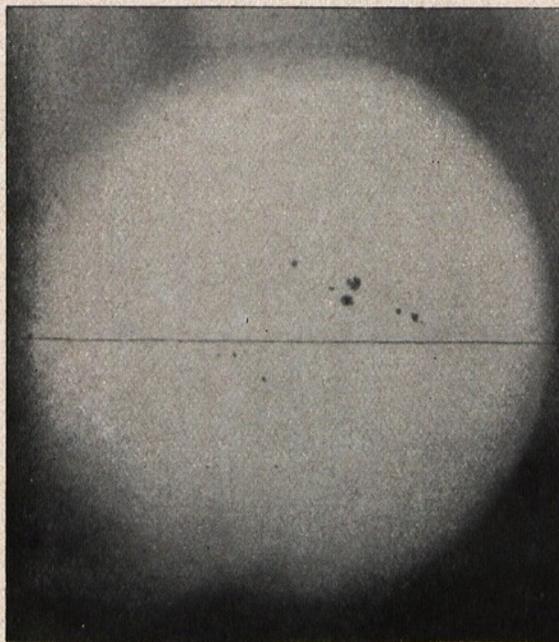


GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)

Em 8 de outubro de 1903

restres que se encontram ligados com a producção do calor e da electricidade, taes como: elevação e depressão thermometricas, quédas de chuva, avanço e retardamento de vegetação, migração de certas aves, carestia de cereaes, todos os phenomenos electricos, auroras polares, e variações normaes e anormaes do magnetismo terrestre.

Assim, ainda ha pouco tempo, pretendeu estabelecer-se um determinado parallelismo entre a abundancia das manchas solares e a producção do vinho, pesquisa de natureza identica áquella formulada anteriormente pelo astrónomo Herschell concernente ao preço do pão.



PHOTOGRAPHIA DO DISCO SOLAR (PHOTOSPHERA)

Obtida em 14 de outubro de 1907
no observatorio do Ebro (Hespanha)

Servia de base, ao criterio d'aquella maneira de ver, a circumstancia de que nos annos de 1848, 1859, 1869, 1870, 1881,

1893, 1904 e 1905, annos nos quaes, sendo a quantidade de manchas em maior numero, a producção do vinho foi mais consideravel e de melhor qualidade; ao passo que no anno de 1902, anno em que menor numero de manchas appareceu no Sol, houve pouca abundancia de vinho e este de qualidade inferior.

E como, para que a colheita do vinho satisfaça áquellas duas qualidades, é necessario que a primavera e o estio sejam seccos e principalmente quentes; serviu semelhante illação para demonstrar, pelo methodo indirecto, que a appareção das manchas coincide em geral com as temperaturas elevadas.

Não obstante a exiguidade das dimensões das manchas solares, reveladas pela photographia do Sol, convém notar que a mancha por nós observada, relativa ao tremor de terra de Lisboa, em 23 de abril de 1909, tinha uma área equivalente a cerca de 194 milhões de kilometros quadrados; e sendo o diametro da referida mancha de cerca de 13:942 kilometros é, consequentemente, a mancha maior do que a Terra, por isso que — vista á distancia do Sol — o diametro d'esta não excede 12:742 kilometros.

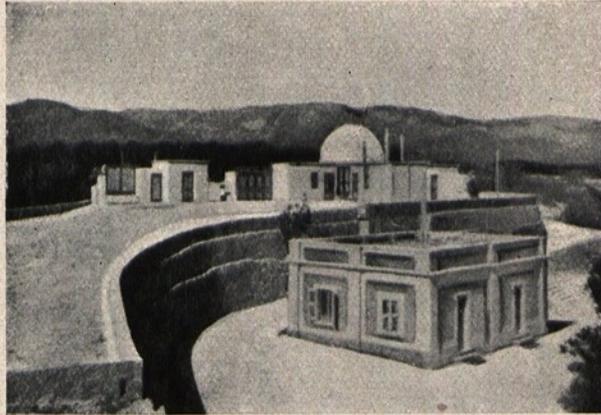
Relativamente a este assumpto, ha ainda a frisar a connexão existente entre os tremores de terra e os phenomenos meteorologicos.

A actividade solar, manifestando-se indirectamente (segundo julgamos) nos abalos, actúa directamente na meteorologia; o que não nos deve admirar, sendo até mesmo hoje considerado como um facto perfeitamente estabelecido, mercê dos importantes trabalhos de geographia sismologica do conde de Montessus de Ballore, director do serviço meteorologico no Chile. Assim, os tremores de terra, além de darem um aspecto inteiramente especial á atmospherica, veem quasi

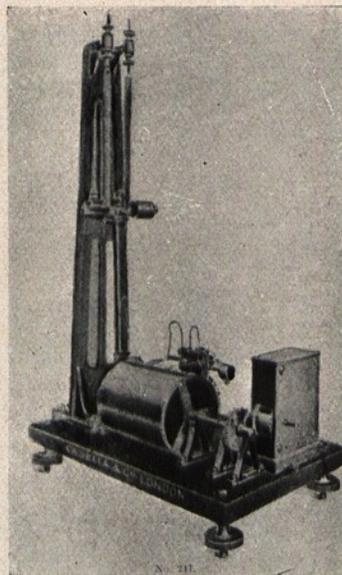
sempre acompanhados de grandes chuvas.

O distincto geologo allemão Branco (1) explicou que a circumstancia das grandes chuvas a acompanharem os abalos resulta de que a corrente d'ar vertical, suscitada pelo movimento sismico e na mesma direcção, occasiona a precipitação atmospherica do vapor aquoso acima do epicentro. E' esta uma explicação accetavel para os geologos, mas que se não adapta bem ás modernas theorias astrophysicas.

Accéite pela maioria dos astronomicos a idéa emittida pelo professor G. Darwin ácerca da Lua ter feito parte da Terra tem-se pretendido demonstrar que, no instante da separação, o planeta Terra-Lua não possuía volume superior ao que a Terra



PAVILHÃO DE PHYSICA SOLAR NO OBSERVATORIO DO EBRO (HESPAÑA)



SISMOGRAPHO DO PROFESSOR MILNE

(1) Wirkungen und Ursachen du Erdbeben — Berlím, 1902.

actualmente tem. Darwin, admittindo o principio da conservação das áreas, mostrou que o dia e o mez eram eguaes, tendo por valor commum 5 horas e 36 minutos, e que a separação fôra provocada pela acção das marés solares combinada com a da força centrífuga.

Em virtude da diminuição de volume, a Terra augmentou a rapidez da rotação.

Outro ponto interessante é o que se discute relativo á Lua, se ella é ou não formada exclusivamente pela parte da crusta solida arrancada á Terra, visto que o peso especifico do nosso satellite é 3,4,

e o da Terra, no seu conjuncto, é de 5,6, ao passo que o da materia superficial varia entre 2,2 e 3,2, o que parece indicar que a Lua é composta de materia arrancada á superficie e não da que provém do nucleo central.

A sciencia moderna, em consequencia do volume da Lua ser equivalente ao d'um solido, cuja superficie fosse igual á totalidade dos nossos oceanos e d'uma espessura de 67 kilometros, parte da hypothese que a Terra possuia uma crusta solida de 67 kilometros de espessura, sob a qual a temperatura era tão elevada que os materiaes difficilmente se mantinham no estado solido. Tres quartas partes da crusta foram perdidas pela separação da Lua, servindo a restante para formar os continentes oriental e occidental que fluctuaram, como massas de gêlo, na superficie liquida. Pelo resfriamento da superficie liquida a depressão formada foi occupada pelos nossos oceanos. As ilhas vulcanicas d'estes oceanos, como Hawai, foram evidentemente constituídas depois da separação da Lua e

são analogas ás pequenas crateras disseminadas sobre os mares lunares. Se, como acabamos de suggerir, a formação dos continentes é devida á Lua, é obvio que a

raça humana deve-lhe muito; pois que, se a Lua não tivesse sido assim formada ou lhe levasse toda a crusta terrestre, a Terra teria ficado completamente envolvida pelos oceanos, como parece ser o caso actual do

planeta Venus, e a intelligencia da raça humana seria então identica á dos peixes que habitam os mares abyssaes.

O problema da origem dos vulcões e da situação d'estes, sempre proximos do mar, depende intimamente da origem dos continentes.

E, como na nossa hypothese, a origem dos continentes estabelece que estes sejam formados da crusta terrestre,

que primitivamente era solida, tendo rejeitado a grande parte das aguas que continha, segue-se que o interior da Terra, considerada no seu conjuncto, é solido e não póde subsistir, por isso, na superficie, camadas liquidas continuas entre o centro e a crusta exterior. Todavia, cada vulcão tem por base uma zona liquida d'onde provém a lava. Esta aproxima-se da superficie, sem duvida, pela contracção terrestre, e a materia viscosa transforma-se gradualmente em liquido viscoso. Esta mudança póde produzir-se por duas maneiras: elevação de temperatura ou diminuição de pressão. E' provavelmente esta ultima que na actualidade se produz. Os vulcões encontram-se frequentemente ao longo dos

bordos d'arcos de circulo que se assemelhariam, se fossem completos, aos mares lunares por suas fórmas e dimensões.



O TELESCOPIO GIGANTE DO NOVO OBSERVATORIO ALLEMÃO (TREPTOW)



ASPECTO D'UMA RUA DEPOIS DO TREMOR DE TERRA (MESSINA)

Terminando, seja-nos permittido relembrar que o estudo da actividade solar

importa, no momento presente, a todos os ramos da economia da vida, e tanto assim que nos paizes, para os quaes a climatologia não é um assumpto meramente especulativo,

mas merece a maxima attenção, e ainda n'aquelles cuja futuridade depende do fomento da agricultura, os estudos astrophysicos são executados em excellentes observatorios e com verdadeiro afan. Effectivamente, as tendencias modernas, positivas e utilitarias, impulsionam-nos a coordenar factos para a investigação de novos phenomenos e a des-

prender-nos, por completo, do valor philosophico das theorias e dos meandros mathematicos de que elles se fazem acompanhar.

E seria esta a orientação, segundo o nosso humillimo criterio, a seguir em Portugal, caso de futuro, o que já não é cedo, se pense a serio no emprehendimento dos mencionados estudos.

A. RAMOS DA COSTA.



Amor secreto

(Thema do soneto de Felix Arvers)

Tenho em minh'alma um intimo segredo:
Um grande amor, de subito gerado!
O mal é sem remedio, e, namorado,
Até de que Ella o saiba tenho medo!

Se a vejo vir ao longe, retrocedo;
Tremo de susto, se me passa ao lado,
E vivo onde Ella vive, desterrado
Como um triste n'um aspero degredo!

E' Ella a fada que minh'alma admira:
Modesta em seu viver, casta, esmoler,
Meus versos lhe consagro, toda a lyra;

Versos só cheios d'Ella, e nem sequer
Suspeita qual a musa que os inspira:
Diz talvez: «Quem será esta mulher?»

João Penha.



A situação do homem sobre a terra

A sua origem e o seu destino

(A proposito do Centenario de Darwin)

I

A intensidade consciente da observação humana fez do homem um torturado investigador da coordenação dos phenomenos que o impressionam. O espirito philosophico, maxima differencial d'este animal consciente que é o homem, creou abstracções inverificaveis suppostamente dominadoras do universo, n'uma forma *absoluta, livre e divina*.

Mas a verdade é que o homem só tem verificado a existencia da *materia* que tem como qualidade transformadora a *força*. O universo não existe segundo um plano preestabelecido, porque o *universo* existiu sempre. A supposta *harmonia* é a resultante da selecção natural. Só *fica* o que é util na *dynamica* das coisas; o que é inutil desaparece. A *lucta* pela vida, a *evolução*, tem este criterio transformador. A *materia* *una* toma formas varias conforme a especificação *dynamica*. A *força* *una* opéra diversamente conforme as *outras* modalidades da *materia*.

Póde acreditar-se, por commoda hypothese, na existencia longiqua da *nebulosa cosmica*. Mas a *força* (ou o movimento como resultado) sem a qual a *materia* é inconcebivel, pela *atração*, pela *translação*, pela *rotação*, pela modalidade *centrifuga*, pela adaptação *centripeta*, pela *afinidade*, pela *coesão*, pela *vida*, pela *sociabilidade*, pela *hypnose*, por todas as diversas maneiras por que a *força* se manifesta inherente á *materia*, — a *força* foi condensando a *nebulosa*, a *nebulosa* condensada transfor-

mou-se em formas esphericas, girando sobre si mesmas, e fragmentaram-se continuando attraídas. não já só interatomicamente, mas n'uma forma interastral.

Originaram-se assim os mundos planetarios, arrefeceram e solidificaram-se primeiro os menores planetas adstrictos ao seu *centro* de *atração*; mas são ainda hoje uns luminosos, outros opacos, e entre todos elles, indefinidos, forçoso é aceitar a abstracção da *unidade cosmica*.

O *movimento continuo* foi produzindo formas novas, por adaptação mesologica, por selecção.

A diversidade atomica originou a heterogeneidade dos seres; as circumstancias mesologicas, as resultantes *dynamicas*, a sequencia vital, a hereditariedade, fizeram tambem a variedade *morphologica*.

Entre os mineraes, os vegetaes e os animaes, cuja constituição elemental e quimicamente igual é manifesta, ha apenas a diversidade *dynamica* e *compositiva*, porque a *força* que actúa nos mineraes como *coesão* e *afinidade*, apenas toma formas novas nos vegetaes e animaes, e chama-se *vida*. E esta ainda se manifesta nas formas superiores da *sensibilidade*, do *raciocinio*, da *sociabilidade*. Porque a *força* não é um principio absoluto, é uma qualidade inherente á *materia*, e para a percepção philosophica é antes um resultado do que um principio.

Laplace, Darwin e H. Spencer seguiram successivamente com minuciosa e systematica observação a infinda cadeia evolucionista, complexamente progressiva, que veiu

da nebulosa, passou pelas formas astraes e pelo protoplasma, seguiu pelo antropopitheco e foi até ao *homo sapiens* de Linneu.

Esta *evolução*, que é um facto se a considerarmos dentro do mobilismo cosmico,



NEWTON

deixa de ser verdadeira no emtanto como lei progressiva absoluta.

A *evolução* não é o mesmo que o *progresso*, que corresponde a um criterio humano de perfectibilidade. No mundo astronomico, como no mundo physico e social, a força e a materia, em constante movimento, operam sob tão complexas formas de mobilismo que ao espirito humano escapa a vista de conjuncto, e o rigor de abstracção e generalisação para uma synthese final tem sido impossivel. Até em meteorologia a previsão do tempo a distancia é impossivel, porque são tantos os elementos que concorrem para a solução do problema da previsão do tempo, aliás *theoricamente* possivel, são tantos e tão complexos esses elementos que de facto não se póde achar uma formula, uma lei, que dê o andamento do mobilismo meteorologico.

Assim tambem, são tão variados os elementos que influem na marcha geral da vida dos povos que é impossivel fixar a lei historica que dê a formula da previsão integra da evolução social.

Em astronomia pódem estudar-se certas leis que regulam o movimento astral, como na physica, na chimica, na biologia se consegue constituir um corpo de leis verificadas, por exacta generalisação, de certos phenomenos. Mas a relatividade da força e da materia, não obsta, por exemplo, ao desaparecimento imprevisito d'um planeta, e essa relatividade e a incompleta observação phenomenal obstarão sempre a que o espirito philosophico possa elevar-se até á verificação d'uma lei absoluta.

II

Tem errado todos os que procuram com o estudo da vida dos povos formular leis historicas indefectiveis como a do *progresso*. Nem ainda a observação, tão incompleta, da vida das sociedades humanas póde constituir definitivamente a historia como sciencia abstracta, nem os diversos povos da terra têm ainda hoje uma correlação unitaria tão intensa e conhecida que possa dar



LEIBNITZ

o elemento final do objecto da historia universal como sciencia abstracta, pois que a sua parte descriptiva é tão complexa e incerta.

Que a vida dos povos está constante-

mente em movimento. em evolução, isso não é uma lei historica, é uma lei cosmica. Mas que a evolução social se dê no sentido d'uma marcha indefinidamente progressiva, ou seja — n'uma serie infinda de crescente perfectibilidade, esse facto não está verificado, embora corresponda a um ideal educativo e moral.

Dado o poder da tradição, da hereditariedade e da lucta pela vida, é natural que as gerações successivas guardem o que as gerações anteriores lhes legaram, e aproveitem os proprios esforços para accrescentar novas qualidades e perfeições ao espirito humano e ás suas conquistas. Isto seria o progresso indefinido, se os factos não provassem como no caminho ascencional das sociedade apparecem elementos perturbadores, não já como casos excepçionaes, mas como modalidades inherentes à lucta social.

No estimulo vital reconhece-se a utilidade da investigação scientifica como elemento

O homem precisa de *saber* para ser mais progressivo, para se defender na lucta contra os elementos adversos. Na selecção fica



DIDEROT



J. J. ROUSSEAU

progressivo. No determinismo da vida o espirito humano caminha mais rapido quando entra na consciencia das leis que o regulam e que regulam todas as esferas de phenomenos.

o mais forte. E o equilibrio dá-se entre os que venceram.

O espirito investigador do homem começou naturalmente por estudar a vida physica. A astronomia e a physica foram, depois dos raciocinios mathematicos, perante os phenomenos de grandeza e extensão, as primeiras *sciencias* que o espirito humano coordenou pela associação, comparação, decomposição e generalisação dos phenomenos.

O conhecimento integral dos phenomenos sociaes revelados na historia, dependente da constituição das sciencias mathematicas, astronomicas, physicas, chemicas e biologicas, esse conhecimento só pôde iniciar-se como coordenação philosophica depois que o homem adquiriu a ideia da universalidade e da unidade da especie humana.

III

A constituição da *historia universal* como sciencia é um facto scientifico moderno.

Os gregos não puderam, por maiores que

fossem as suas qualidades especulativas. elevar-se á comprehensão da historia universal. Herodoto, como Thucidides e Xenofonte, limitaram-se a historiar a vida do povo hellenico e dos povos com que os gregos mantiveram relações, e que consideravam barbaros, *extrangeiros*. A historiographia hellenica regista apenas episodios, casos incoordenados de luctas entre povos visinhos; e nunca os gregos se elevaram até á comprehensão da vida *una* da especie humana, evoluindo, de *etape* em *etape*, as tribus, as nações, as raças, dependentes umas das outras como a vida das cellulas na unidade morphologica e vital dos seres de funções complexas.

Os hebreus, que conheceram os babilonios, os egypcios, os medas, os persas, os romanos, tambem elles até á revolução do christianismo foram extranhos á ideia da comunidade da especie humana. O exclusivismo de Moyses pôde fazer crêr aos hebreus na superioridade providencial da sua raça, mas não lhes deu a noção do cosmopolitismo correlativo de todos os povos do mundo.

Os romanos, apesar de haverem dominado o mundo conhecido, apesar de haverem alargado pela conquista o ambito social de Cyro, Alexandre e Annibal, apesar de associarem ao seu imperio os celtas e os indios, os carthaginezes e os gregos, os hebreus e os bretões, nunca deixaram de considerar os *extrangeiros* como seres extranhos á *grandeza humana* de que os romanos se consideravam os exclusivos e independentes representantes.

A historia da humanidade é bem larga e bem complexa.

Longa devia ser a observação de espirito humano para chegar á comprehensão da força que liga e associa organicamente todos os individuos, todas as raças, todas as

nações n'um todo, n'um *ser* complexo que se chama a *humanidade* e cujas leis vitaes, reveladas no espaço e no tempo como formas geraes da vida collectiva e cosmopolita da especie ainda hoje a sciencia as procura desvendar por meio de arrojadas hypotheses.

A evolução social vem do individualismo anarchico, passa para a integração cesarista, manifesta-se depois n'uma nova desintegração individualista de garantismo e tende para a futura integração socialista.

Pouco mais alcança a investigação historica para além dos ultimos vinte e cinco seculos da vida da humanidade parcellada. Faltam sufficientes documentos para investigar os primordios e a genese da vida social do homem sobre a terra.

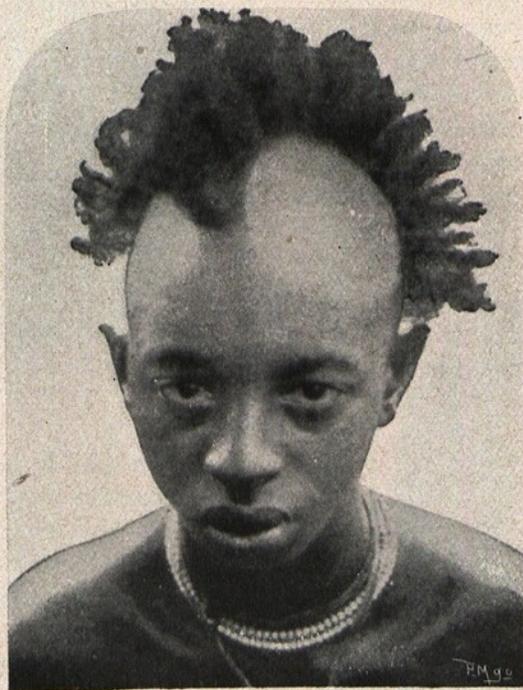
A prehistoria não pôde dar-nos a exacta chronologia que marque a lucta titanica da especie humana atravez dos seculos até á epocha em que o espirito humano entra na consciencia da sua existencia social, revelada vagamente no *Pentateucho* de Moyses, nas lendas indianas dos *Vedas* e dos *Puranas*, nas narrativas de Homero, e nas tradições e my-

thos dos mongoes e dos hindus.

Ainda hoje a *historia universal* não pôde ir além do registo dos povos cujo conhecimento chegou até nós pelo maior brilho das suas façanhas militares ou litterarias. Mas quantos povos desconhecidos não concorreram como ancestraes ou até como cooperadores das civilizações da China, da Judeia, da Phenicia, da Persia, da Germania, da Iberia, da Grecia, da Etruria e do Lacio?

A historia das primitivas migrações humanas está por fazer.

A paleontologia, a mythologia, a linguistica, a egyptologia, a sciencia das religiões, tem nos ultimos tempos alargado o ambito



UM CAFFRE

das investigações historicas, mas a verdade é que ainda não se pôde estabelecer um quadro exacto em que verificadamente se prove quando primeiro e onde appareceu o homem sobre a terra originando por migrações a população humana sobre o globo.

A diversidade de raças que a mesologia explica, não se oppõe á hypothese da unidade da especie humana, e a prehistoria indica as relações migrativas que poderiam levar, segundo a tradição biblica, os filhos do primeiro homem ou de qualquer dos seus descendentes a espalharem-se, nomadas, pastores, caçadores ou agricultores, por sobre o mundo conhecido. E então os filhos do mesmo homem, fosse elle Pygmaeão, Adão ou o descendente Noé, adquiririam as qualidades dos *amarells* no Levante onde fizeram a civilisação dos filhos do Sol, em fulgurações exquisitas de litteratura e de arte, hoje extintas; fixar-se-hiam na cultura mais movel e correlacionada, poetica e religiosa, dos hindus, dos celtas, dos iberos, dos ethruscos, dos gaulezes, dos phenicios, dos carthaginezes, dos hebreus... e foram até á America pelo norte ou por continentes hoje *submersos* onde se isolaram, perdidos, com a côr bronzeada que o sol americano lhes imprimiu, menos calcinante do que o que na Libya ardente, aos que porventura foram visitados pela rainha de Sabah, occasionou as qualidades da raça negra, que já hoje entra no cosmopolitismo associativo e laborioso da especie.

«Je suis convainçu — disse Guizot — qu'il y a, en effet, une destinée generale de l'humanité, une transmission du depôt de la civilisation, et, par consequence une histoire universelle de la civilisation à ecrire.»

Hoje a concepção da humanidade como um organismo, é um facto scientifico, indiscutivel. A correlação entre as raças, as creações e os povos é inilludivel.

IV

A historia antiga é apenas, pela deficiencia de dados, o registo da vida dos nucleos humanos aparentemente isolados, ou rivaes, que mais se salientaram ou que mais facilmente puderam deixar memoria das suas façanhas. Os povos que não puderam deixar documentos sufficientes desappareceram para o estudo tão conveniente da constituição da historia universal.

A França, no principio do seculo XIX, com o estudo dos hieroglyphos, pôde alargar e precisar chronologicamente a historia dos egypcios. Os philologos allemães e mui-

tôs outros, estudando as linguas, puderam desvendar as relações entre os povos, as suas affinidades ethnicas e sociaes. Mas isto não é tudo, apesar dos ultimos progressos da critica historica.

Os chinezes parece manterem a tradição da sua existencia para além da era de Christo — 3:000 annos. Os hebreus reivindicam para si 4:000 annos antes de Christo. Os gregos pretendem remontar a existencia da população na Hellada para um periodo de 2:000 annos antes de Christo.

Mas só cinco seculos *ant. J. Ch.* é que os documentos historicos são menos incertos e affirmam claramente a existencia das mais brilhantes civilisações,

Dois seculos depois da fundação de Roma é que a civilisação latina se affirma, e tambem é então que a Grecia entra no seu periodo de cultismo brilhante. E' provavel que a civilisação dos chinezes e japonezes não fosse extranha á da India, como esta não o foi á dos persas, phenicios, gregos e arabes, mas a descripção exacta dos contactos entre os povos primitivos escapa á nitida investigação historica. Alexandre pertence já ao periodo de menos obscura



RAÇA VERMELHA

lucta social entre os povos. Depois Roma conquista a Grecia, o Egypto, a Persia; chega á India, influe na Arabia, domina todo o norte d'África, apropria-se da península iberica, da Galia, da Germania, da Britania. Mas o mundo conhecido ainda era pequeno para o espirito do homem poder alar-se até á concepção da fraternidade de todas as raças. Ainda o homem culto não conhecia a America, nem a Australia, nem a Africa austral.

A primeira concepção da historia universal apparece com o christianismo. Christo mandou ensinar o Evangelho a *todos os povos*. Acabava assim o approbrio dos *extrangeiros*. Tito Livio e todos os historiadores romanos não tiveram, como tambem os historiadores gregos, a concepção da unidade da especie humana. Retalharam a historia em episodios sem coordenação que os levasse á concepção geral da historia da humanidade.

O christianismo trouxe em verdade a ideia da universalidade, fraternidade e unidade dos povos sobre a terra. Mas só depois que o homem nos seculos xv e xvi foi conhecedor e dominador da esphera, e só depois que o mundo pôde ser no seculo xix percorrido e dominado pelo vapor, pela electricidade e pela imprensa periodica, só então é que a humanidade entrou n'uma phase intensa, e integra, de cooperação e fraternidade que permittiu ao historiador a ampla concepção da historia universal, já na posse do seu integral objecto.

V

O mundo romano, como todos os grandes nucleos de concentração, passara á phase de desintegração pela acção directa do christianismo e dos barbaros. Tudo muda.

Dez seculos depois da grandeza do mundo antigo, revelada principalmente na ci-

vilisação grega e latina, succedia, no seculo v depois de Christo, a anarchia das invasões dos barbaros, a que o espirito romano-christão pôde, seis seculos depois, dar disciplina.

Os povos que até então tinham vivido na Germania uma vida quasi desconhecida e desprezada, pela lei da emigração que é de physiologia social, saturado o seu territorio, invadiram o imperio romano impotente para os reprimir.

Os imperadores de Roma desapareceram, e o imperio do Oriente ia passar por dez seculos de mollesa. A Roma dissoluta passara para Constantinopla.

Os barbaros, sob a influencia do christianismo a que se convertem, e sob a tradicção do municipalismo romano tão agradável ao espirito livre dos invasores, constituem dominios senhoriaes, feudaes, municipaes e reaes conforme as circumstancias, durante as luctas intestinas, os chaques de raças e os exodos das cruzadas.

Estabelecem-se os barbaros no imperio visigotico da Hespanha, com os Capetos preparam-se para o imperio carlovingio, e quando são passados quatro seculos depois das principaes invasões, e depois da lucta contra os arabes, os

francos criam um grande imperio. Na Alemanha a tradicção imperial romana estonteia o espirito teutonico. A Gallia fica á parte, e constitue a França; a Austria desiste da hegemonia allemã. Na Germania cria-se a origem do actual imperio allemão; os papas luctam pelo seu predominio e aterrorisam pela crença e pelos anathemas; a Italia fragmenta-se, como acontece na Alemanha, em dominios feudaes e municipaes.

Os *senhores*, pela força, conquistam a terra e os *vassallos*. Mas os servos da gleba vão-se emancipando pela protecção egoista dos reis, e criam-se municipios *reaes* e até autonomos.

O progresso e a necessidade das indus-



RAÇA AMARELLA

trias dá representação e força ao povo industrial. Vão subindo as classes pela sua força e pela fraqueza ou inutilidade das velhas classes que se arrogavam privilegios.

Estes factos provam como as nações e as classes se mobilisam e se coordenam ascensionalmente n'um destino geral que a historia universal regista.

VI

Aos arabes deve muito a civilização do occidente. Durante seis seculos são elles grande estimulo da vida social da Europa. Mahomet engrandeceu o espirito arabe, e com o elan dos crentes saiu da Arabia, dominou o norte da Africa e foi até á India e á costa da Africa oriental, governou na Hespanha, pôz em perigo o imperio dos Capetos, e quando a Europa do occidente já descobrira o novo mundo, tendo aproveitado muito do saber dos arabes, estes entraram em Constantinopla onde caíram em mollesa e substituiram-se ao imperio romano do oriente.

Vê-se como é uma lei culminante da historia a integração de todas as classes e de todas as nações, pela ascensão gradual, na organização intensa da humanidade em lucta.

Hoje todas as classes e todos os povos entram na lucta e no respeito da humanidade, todas as acções e todos os povos são reconhecidamente uteis, para os resultados finaes da civilização onde todos cooperam, sem distincção exclusivista de individuos ou de raças.

VII

Esta comprehensão da historia universal que o espirito christão e as descobertas

geographicas prepararam para a verificação scientifica, não pôde preceder portanto o seculo da Renascença e até só um seculo mais tarde é que Bossuet fez uma larga synthese sob um criterio theologico em que apparece a comprehensão da historia universal, dominada pela acção providencial.

Depois, na Italia, Vico tambem formula principios de historia universal, na sua *sciencia nova* acreditando nos periodos indefinidamente repetidos, da *idade divina, heroica e humana*. Vico dá assim á historia uma comprehensão scientifica pela *universalidade* e pela *previsão* que são características essenciaes da sciencia.

Condorcet, com o seu criterio da perfectibilidade indefinida da especie, eleva-se tambem a uma concepção da historia universal, abrangendo todos os povos e todos os individuos. Montesquieu, percorrendo a Europa, desvenda o espirito das leis e affirma a organicidade da especie.

A' historia strictamente descriptiva succede com o nome de philosophia da historia, uma concepção abstracto-concreta de esta sciencia, e depois com o criterio philosophico de Saint-Simon e Comte coincidem os trabalhos

historicos dos inglezes com Buckle e Macaulay, dos francezes com Guisot e Thierry e dos allemães com Mommesen.

O seculo XIX foi o seculo dos historiadores, que reconheceram os destinos communs da humanidade e o poder ascensional de todas as classes.

Macaulay, verificando que os operarios vão conquistar o mundo, chamou-lhes «os barbaros do seculo XIX» para asseverar que tambem elles vão ascender á integração d'uma nova phase humana, invadindo os dominios da plutocracia.



BOSSUET

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

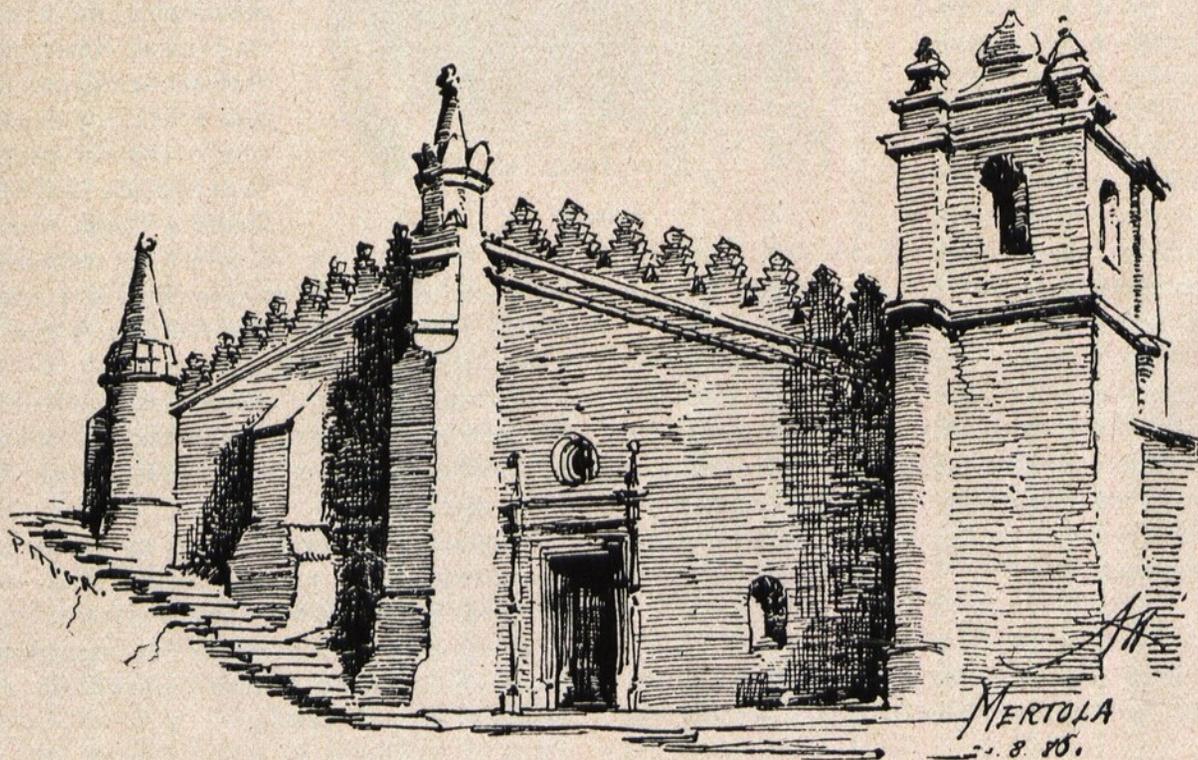
Parte II—O PAIZ

ALGARVE

Reino do Algarve, provincia occupando a região ao sul de Portugal, apresenta-nos muito pouco assunto digno de attenção.

Separada do restante Portugal por uma serra alcantilada, da Hespanha pelo caudaloso Guadiana, e muito mais, ainda, pelo odio nacional, a sua população, genuinamente mourisca, reconcentrada n'aquelle cantinho do mundo reparte a sua actividade entre a carreira maritima e a agricultura.

E' fertil e espontaneo o torrão, a população destituida de ambições, e assim vae seguindo, desde eras remotas, o trilho de seus maiores. Os edificios nesta região são pois mesquinhos, acanhados e desprezenciosos; os mais d'elles, de taipa. Em todo o Algarve apenas se nos depara um edificio de verdadeira importancia no ponto de vista da Arte, a saber: a cathedral de Silves, antiga séde archiepiscopal, hoje esquecida e votada ao abandono,



EGREJA EM MERTOLA

desde que a cathedra dos arcebispos foi transferida para Faro, cuja Sé é um edificio gothico, parente proximo da Sé de Evora, parente mais novo, com-tudo. El-rei D. Manuel fundou aqui, tambem, uma

comtudo, e no maior numero d'esses trabalhos distinguindo-se a influencia da vizinha Hespanha, como em nenhuma outra região de Portugal.

A velha cidade de Tavira (Tavila), é de todas aquella que mais importante assunto nos ministra, a saber, o convento das Irmãs de S. Bernardo. E' instituição de D. Manuel e encontra-se actualmente em estado de ruina total.

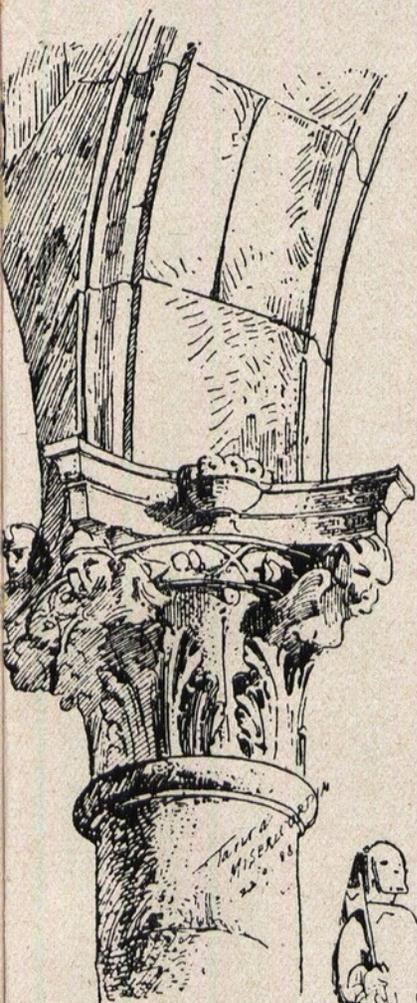
Era gothica ter-cearia a igreja, os-

tentando um portico manuelino, algo

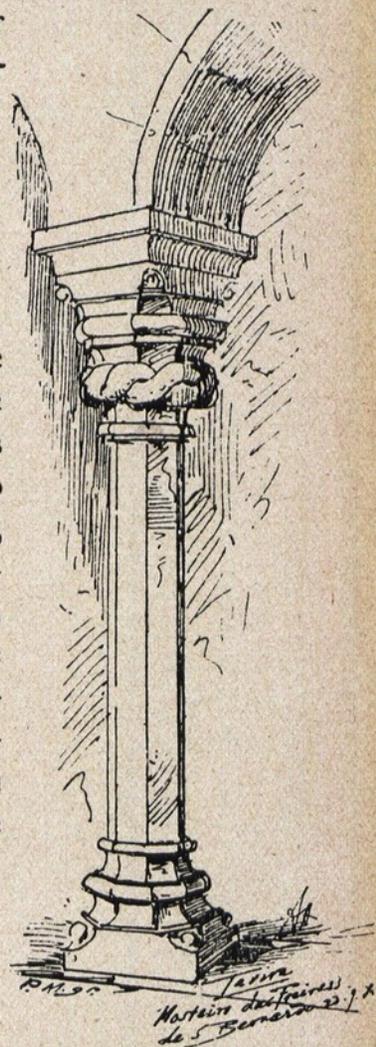
tosco; conserva-se ainda de pé o claustro, de dois pavimentos com as suas formosas columnas oitavadas, de capiteis com calabres entransados.

Encontramos, aliás, pouco distante, na cidade, uma delicada estrutura da Renascença na igreja da Misericordia. Os três tectos de maceira da sua nave descansam sobre arcos, escorados por seis columnas com uns guapos capiteis.

E' uma quadra formosa,



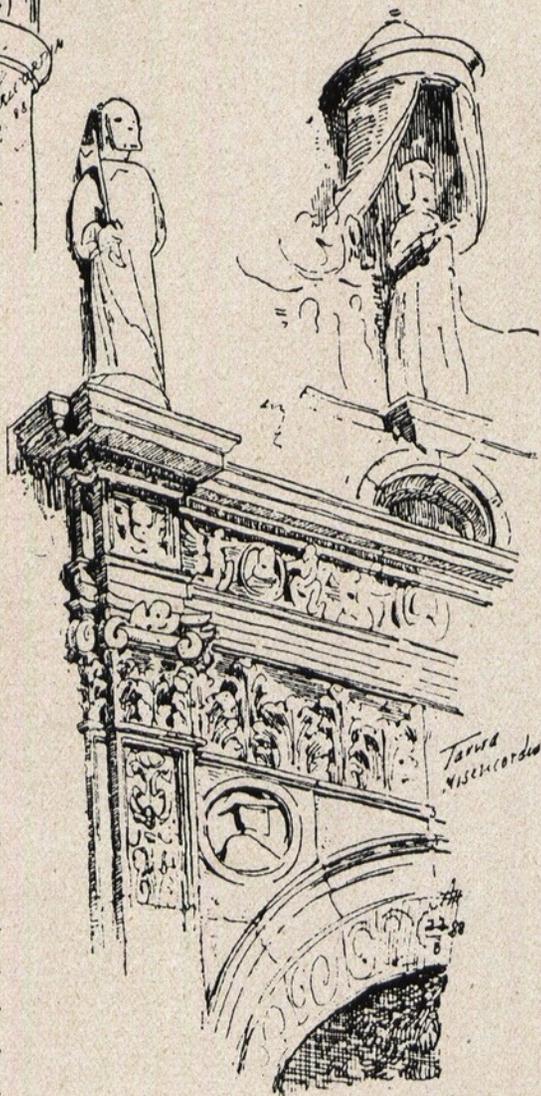
COLUMNA DA EGREJA DA MISERICORDIA DE TAVIRA



COLUMNA DO CONVENTO DAS BERNARDAS, EM TAVIRA

quantidade de igrejas, e de outras edificações; intervieram porém as condições locais, e são todos, pois, de mediana importancia.

A era de D. João III, alguma coisa deixou, ainda assim; apresentando valor, muitissimo pouco,



PORTICO DA EGREJA DA MISERICORDIA, EM TAVIRA

com estar dilapidada; o portico, com a sua preciosa architectura de pilastras molduradas, e as infeitadas impostas da sua arcada, encimada por um friso de folhagem e de figuras, é o melhor especimen da Renascença em todo o Algarve.

No seu todo manifesta fortemente influencia hespanhola, e o lavor é devéras magistral.

Deparam-se-nos ainda nesta cidade, cingida pelas soberbas muralhas das velhas fortificações mouriscas, uma quantidade de janellinhas e portinhas com moldurados coêvos da era manuelina, como, por exemplo, a originalissima janella da Cadeia, a uma esquina do vetusto castello, acairelada por um bocelão enastrado e nodoso, infeitado de cogulhos; topa-se aliás com mais de uma janella ou porta contornada por uma craca atufada de ornato floral.

A estampa annexa ministra-nos um exemplo de uma graciosa janella geminada de uma época algo mais recente.

A cathedral, em Faro, é uma construção singela de três naves, columnas doricas e tecto de sostra, delicado o trabalho no côro, com abobada de caixotões, e architrave assente em mi-sulas, opulentamente pin-

tada e doirada, e de effeito encantador. Apresenta muita semelhança á igreja de S. Pedro, com um portico da Renascença, de nimia singeleza.

O melhor edificio de quantos por aqui existem, é o convento, aliás deruido, naturalmente, das freiras de S. Bento, do qual resta apenas, até certo ponto, o respectivo claustro. Este, manifestando a data do reinado de D. João III, e em estreita afinidade com o pateo de Penha Longa em Cintra.

Independencia a par de originalidade nos apresentam os angulos, chanfrados. E' lindissimo um porticozinho com pilastras corinthias ornatadas; por cima da cornija campeia um brazão de armas.

Os trechos restantes são manuelinos, rudes; a igreja, que mal se reconhece, deve de ter sido muito semelhante á de Penha Longa.

A egrejinha manuelina, em Alcantarilha, merece ser apontada, mercê do seu côro abobadado.

Em Villa Nova de Portimão é digna de nota a igreja matriz, igualmente com columnas doricas, de três naves, e o côro abobadado, a nave central apresentando um tecto de madeira de esquêma identico ao de Gollegan-Tho-



JANELLA DE UMA CASA,
EM TAVIRA

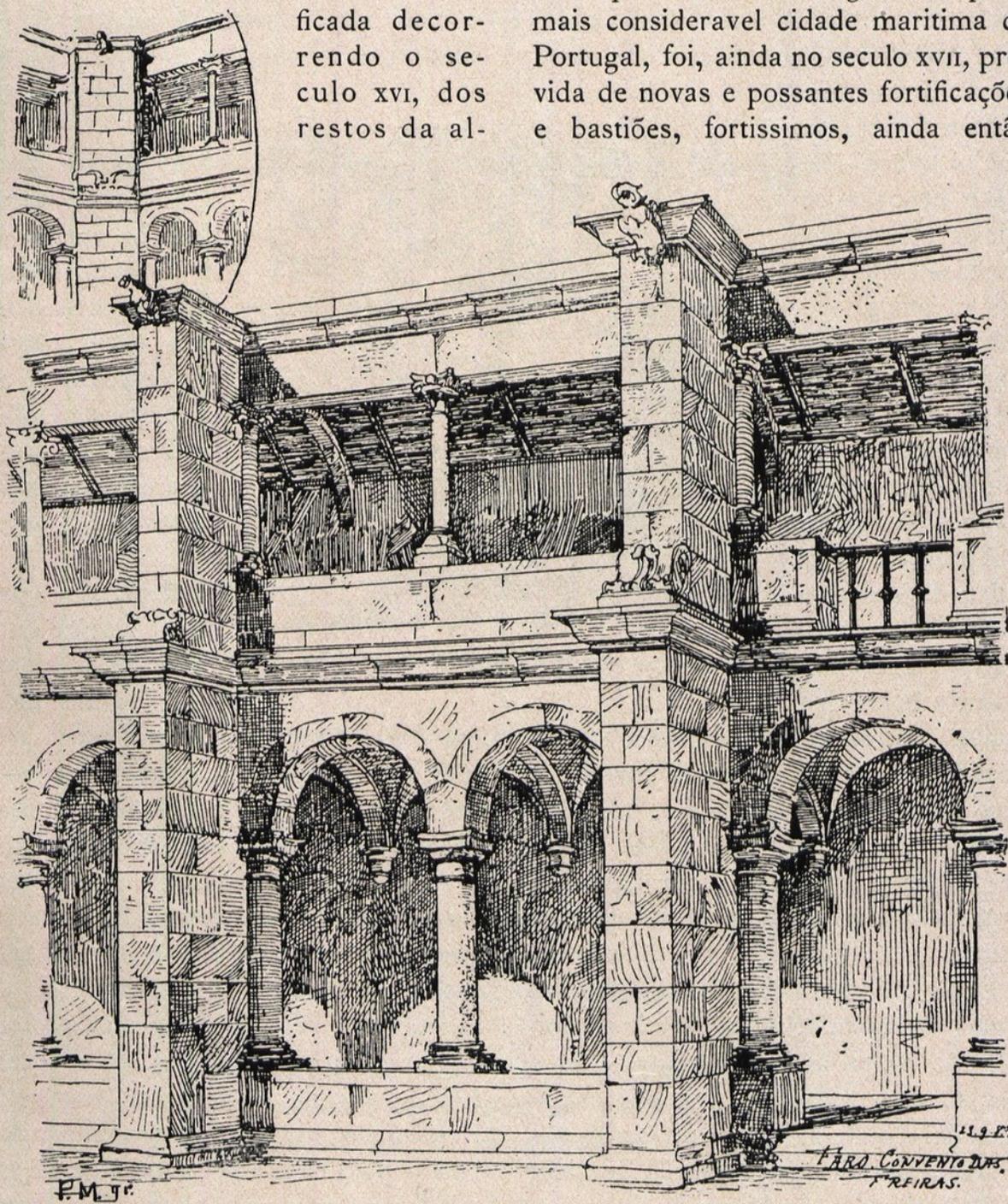
mar; de data mais recente, aliás, se é que não foi reconstruído; apenas conserva o portico manuelino, da primitiva. E' da origem, também, a pia da água benta.

Albufeira, verdadeiro ninho mourisco entre fragas, apresenta um trço do seu conjunto, de aspecto antigo, acastellado, pojando sobre o frago-

do, e, no seu aspecto actual, deverá ter sido reedificada decorrendo o seculo xvi, dos restos da al-

deia arabica. Um acervo de trechos e fragmentos architectonicos, portas, janelas e quejandos, accusam a época alludida. A pequena igreja, com o seu côro á feição de cupula, edificio luxuoso, é oriunda dos fins do seculo. A situação, da banda do mar, muito em especial, é pinturesca o mais possível.

Lagos, a cidade portugêsa que fica mais para sudeste, algum tempo a mais consideravel cidade maritima de Portugal, foi, ainda no seculo xvii, provida de novas e possantes fortificações e bastiões, fortissimos, ainda então



CLAUSTRO DO CONVENTO DE S. BENTO, EM FARO

construidos segundo a antiga technica mourisca, a taipa.

Das abundantes egrejas, uma unica nos interessa, de algum modo; a de S. Sebastião, de três naves, sobre quatro columnas doricas, por dentro toda forrada de formosos azulejos, de padrões variegados, e o seu portico olhando ao sul.

E' comparativamente mais tosca do que as da mesma época, na região do norte, e todavia, as suas fórmulas intonsas, primitivas, não deixam de apresentar uma certa rudeza pinturesca, que a olhos allemães evoca a reminiscencia já dos porticos silesios, já dos saxonios.

Na do Sagrado Compromisso, devastada pelas chammas, depara-se-nos um portico do mesmo genero.

Apresenta singular delicadeza o côro da igreja do Carmo, com uma cupula espherica, apainelada, de marmore branco e lanternim encimando uma fina cornija; o arco do côro, tambem de marmore. As fórmulas, correspondendo ás da igreja de Penha Longa. E' quadrangular a singelissima nave, com tecto de madeira.

Estas cidades ficam todas ellas ao longo da costa. Silves, outróra capital, um tanto mais internada, com a sua soberba cêrca de vetustas muralhas do tempo dos mouros, a não ser a sua grandiosa sé de estilo gothico, nada mais encerra digno de interesse.

Mencionarei apenas a egrejinha de Nossa Senhora dos Martyres, visto pertencer a era de D. Manuel. E' quadrado o côro, com sumptuosa abobada, e o arco cruzeiro, ogival, com a archivolta de torsal; externamente, é pinturesca, patenteando, na sua origem, o typo tão geral por aqui das já mencionadas egrejas com uma só nave, cujo altar é encimado por uma construcção á feição de cupula, exalçada: é mais particularmente adaptada por aqui esta disposição áquellas a que

dão o nome de ermidas.

Ainda mais para o interior topamos, na igreja de S. Bartholomeu dos Armesines, com outro exemplo cingindo-se ao esquêma da Golligan, os tão originaes esteios entrelaçados da nave.

Resta-me apenas relancear a vista pelas construcções da mes-

ma era, não existentes no patrio torrão, mas sim que possam ter existido nas colonias cada vez mais extensas desde os dias do Infante D. Henrique.

A Madeira, os Açores e as Canárias, Ceuta e uma parte da costa no sueste da Africa eram já portuguezas muito antes de 1500; A viagem do descobridor Vasco da Gama prolongou-se muito a festo da costa africana. Este, transpoz Madagascar, e o golfo Persico, as Indias mais proximas, deixando pelo caminho quantidade de estabelecimentos portuguezes, de forta-



PIA DE AGUA-BENTA NA EGREJA DE PORTIMÃO

zas e de castellos bem reparados para defêsa das vidas, e outras tantas fundações votadas ao serviço divino para salvação das almas. Na chronica de Damião de Goes, capitulo 86, (1) e podem ler a infinidade de nomes dos edificios levantados por el-rei nas colonias, desde o Funchal até Malaca. Posteriormente foram emparelhando

(1) Chronica do Serenissimo Senhor Rei D. Manoel.

com os primeiros os que se construíram no Brazil, descoberto por Cabral.

Da sua obra gigantesca, o bastião de Mazagão, a norte de Africa, transmitiu nos João de Castilho a fama; mas com que assombro não contemplará, em nossos dias, o conquistador allemão na Africa Oriental, naquellas paragens, ainda virgens, a seus olhos, e não adquiridas para a civilização as esbeltas ogivas.

(Continúa.)



A nympha na floresta

A EUGENIO DE CASTRO

Do argenteo lago a nympha descuidosa,
Que um fauno arteiro e rude traz rendida,
Da frauta ouvindo a voz melodiosa,
Salta veloz sobre a relva florida.

Para ouvir mais de perto a nympha airosa
Corre de prado em prado e, de corrida,
Perde-se na floresta tenebrosa,
Onde é cruel o amôr e curta a vida.

As sombras a rodeiam. Anoiteee,
Erra á beira dos pantanos e chora,
Caminha ás cegas doida de ansiedade

Cae nos braços do fauno e adormecee!
— Assim, mortal, consumes de hora a hora,
Na chamma da illusão a mocidade!



ARSENAL DE MARINHA — ASPECTO EXTERIOR

(Segundo photographia de A. Fonseca)

Arsenal da Marinha



o actual momento em que de novo se volta a falar — e agora com maior insistencia — na transferencia d'este importante estabelecimento do Estado para a margem esquerda do nosso formoso Tejo, afigura-se-nos interessante dar umas breves notas ácerca do Arsenal da Marinha.

Antes, porém, de tractarmos do Arsenal propriamente dicto, parece-nos curioso deixar aqui uns ligeiros apontamentos com respeito aos antigos estabelecimentos, origem do Arsenal, essa construcção pombalina, que, para o tempo, era uma das mais notaveis da Europa.

Tercena naval era o nome que os primitivos estabelecimentos d'este genero tiveram em Portugal.

Não é facil, porém, precisar rigorosamente o local d'essas antigas *Taracenas*. Os vestigios de uma especie de marinha de guerra, senão navios de estado, remontam ao tempo de D. Thereza, e são bem palpaveis no reinado de D. Sancho, a quando da tomada de Silves. Mas na epocha de D. Sancho II, é que a construcção de navios tomou maior incremento. Onde se construíram, em que estabelecimento, esses navios que — segundo a Historia — figuraram na conquista de Silves e em outras emprezas até 1223, é que os nossos chronistas nos não indicam. O que de positivo se sabe é que no reinado de D. Sancho II já havia um arsenal da marinha em Lisboa, ignorando-se, porém, tudo quanto diga respeito á sua organizaçãõ, recursos, de que, certamente, tinha de dispôr para manter umas esquadras, para aquella epocha, tão numerosa.

O local d'esse estabelecimento pôde supôr-se que seria ahí pelas alturas da Ribeira Velha e isto se infere de se dizer que as casas da Judiaria eram edificadas juncto ás *Taracenas* e de se saber que a Judiaria tomava o bairro de Alfama, fronteiro áquelle local.

Foi sobre as *Tercenas navaes* que D. Manuel mandou edificar o actual Arsenal da Marinha que — ao tempo — não era exclusivamente estabelecimento naval, pois possuía armazens d'armas para o exercito. Nos reinados de D. Manuel e D. João III, guardava-se n'estes depositos armamentos completos para quarenta mil homens de pé e trinta mil de cavallo, além de muitas peças d'artilheria.

A 30 de janeiro de 1396, um grande incendio destruiu toda a parte da Ribeira Velha e a Confeitaria de Vêr-o-peso, que ficava para a banda do mar. Parece que a mudança do Arsenal para o sitio em que está edificado, foi motivada por essa calamidade. Esse edificio — desde aquella epocha até 1755 — foi conhecido pelo nome de Ribeira das Naus. N'esse anno terrivel foi destruido pelo pavoroso terremoto de 1 de novembro.

Por alvará de 16 de novembro d'esse mesmo anno, ficou determinado que a sua reconstrucção fosse feita no mesmo local que occupára antes do terremoto, seguindo-se o risco de João Eugenio dos Santos de Carvalho. N'essa occasião, solicitaram os carpinteiros licença para se erguer uma capella sob a invocação de S. Roque.

No ultimo domingo, segunda e terça-feira de setembro costuma realizar-se uma festa promovida por esses operarios em honra do orago, havendo no ultimo dia uma procissão que sae da capella aonde torna a entrar depois de dar uma pequena volta. E' interessante a fórma por que se fazem esses festejos. Arma-se uma especie de torre com respecti-

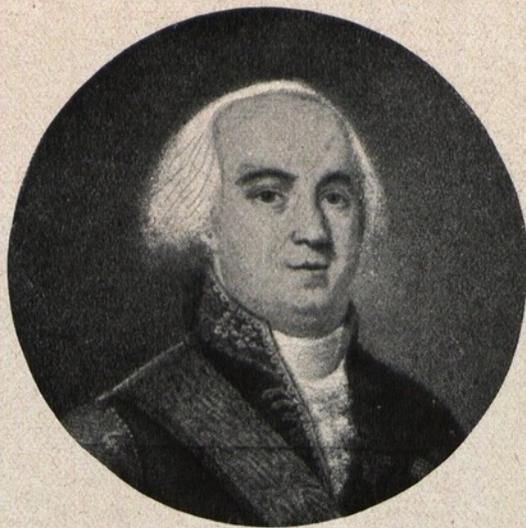
vos sino grande e sino pequeno, que, acabada a festa — que é publica — logo se desarma, a seguir á procissão ter entrado na capella.

Tanto este edificio como outros destruidos pelo terremoto, foram reconstruidos com o imposto de 4 0/0 lançado a todas as mercadorias que entravam na capital e que — como está de prevêr — rendeu quantias enormissimas.

A infinidade de providencias decretadas até 1761 demonstram o desejo de collocar este estabelecimento á altura condigna que lhe competia.

E' curioso, porém, que — sendo a administração do Marquez de Pombal tão fecunda para o paiz — se descursasse um pouco d'este importante assumpto, pois apenas se occupou d'elle quasi no periodo final da sua vida de ministro. Parece, porém, que o grande estadista já havia escolhido o homem que no futuro devia ser collocado á testa da administração da marinha, pois que no reinado de D. Maria I foi chamado a ministro da [marinha] Martinho de Mello e Castro que, havia pouco, chegára de visitar os arsenaes estrangeiros, missão que lhe fôra confiada. Este ministro —

a quem a marinha de guerra portugueza tanto deve — conhecendo os defeitos da fiscalização, a maneira pouca propria por que nos almoxarifados se encontravam os objectos da fazenda, a falta de uma nomenclatura n'um estabelecimento naval, a imperfeição e pouca nitidez em inventarios, viu-se forçado a chamar pessoas devidamente habilitadas para se fazer a bem combinada e util reforma de 3 de junho de 1793. D'essa reforma resultou o apresamento de trinta e nove navios de guerra e mais vinte-seis embarcações de serviço, inclusas seis grandes *charruas*. A 24 de março de 1795 — tendo fallecido Martinho de Mello e Castro — foi chamado para substi-



D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO
CONDE DE LINHARES

Reproduzido de um soberbo retrato, desenho de Sequeira, gravura de F. T. d'Almeida, corrigida por Bartolozzi.

tuíl-o D. Rodrigo de Sousa Coutinho que — não tendo o genio do seu antecessor — teve todavia o magnifico bom-criterio de desenvolver as medidas já decretadas e ampliá-las com outras de sua lavra e de grande alcance practico.

Sob as boas disposições administrativas d'esses excellentes ministros, a marinha de guerra foi creando forças, parecendo querer regressar ao seu primitivo brilho, e a ban-

tugal e passando outra para o Rio de Janeiro, aonde apodreceu nas aguas da ilha das Cabras, porque se incutiu no espirito fraco de D. João VI a ideia de que Portugal não carecia de marinha de guerra e que todas as vezes que precisassemos empregar forças navaes recorressemos á nossa antiga alliada, a Inglaterra.

Uma das boas construcções do Arsenal era o dique; pois este mesmo — abandonado



ADMINISTRAÇÃO E CARREIRA, VISTOS DA PONTE DO RIO

(Segun' o Photographia aguarellada)

deira das quinas — quasi esquecida — fluctuava de novo quer nos navios que faziam serviço de guarda-costa, quer nos comboios das frótas mercantes da India e Brazil, quer na passagem dos piratas barbarescos, quer no bombardeamento de Tripoli, em que — a par d'uma esquadra hespanhola — figurou uma divisão naval portugueza, comandada por Bernardo Ramires.

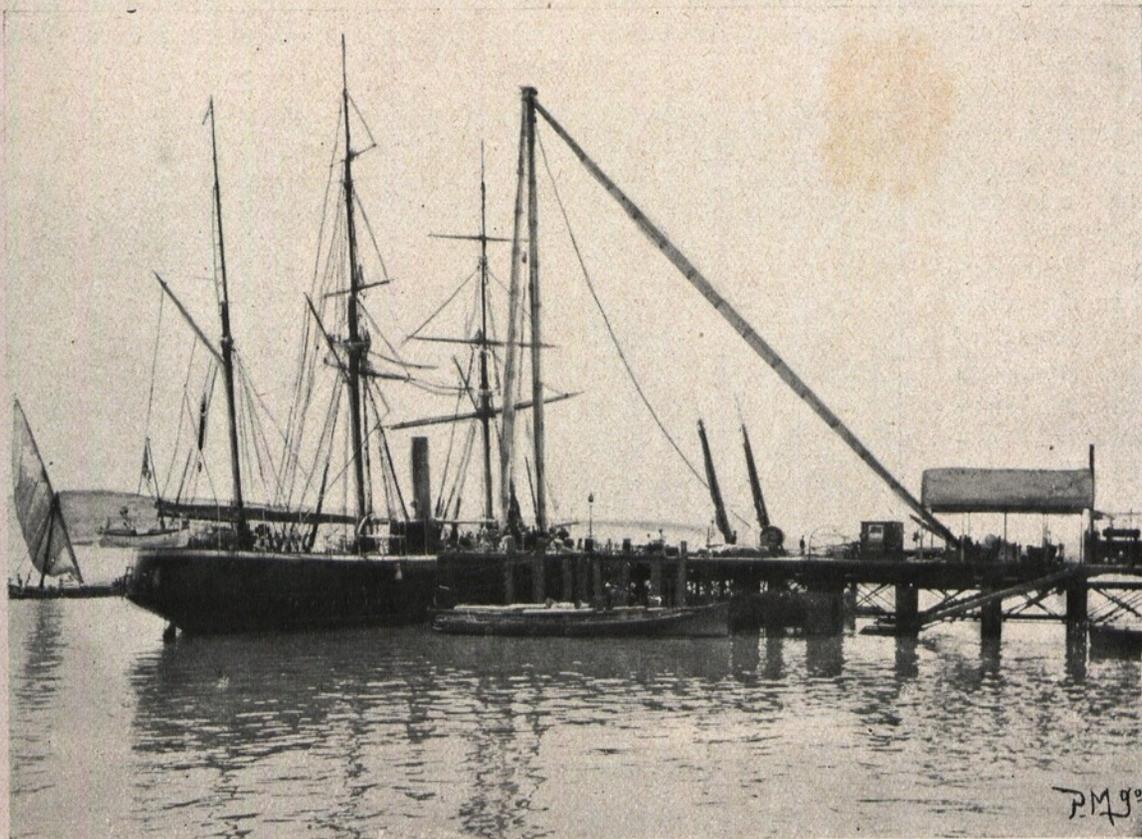
A retirada da familia real para o Brazil, em 1807, deu um golpe mortal na marinha portugueza, visto como a esquadra foi dividida, ficando uma pequena parte em Por-

pelo desleixo que reinava em todas as repartições de Estado — foi-se entulhando até ficar completamente obstruido pelo lodo e pela areia, visto que não podendo as comportas aguentar o embâte das aguas, e não se providenciando, como era dever — o lodo e a areia iam entrando e agglomerando-se a ponto de o taparem. Por varias vezes se tentou o trabalho do desaterro que resultava inutil pela difficuldade de se conseguir fabricar portas que soffressem o bater das aguas. N'este estado se conservou o dique, até que em 1845 — sendo ministro da ma-

rinha Joaquim José Falcão — se fez nova tentativa, que deu resultado mais propício. O trabalho de desobstrução foi planejado e dirigido por um engenheiro hollandez — Pieter-son. O dique ficou, pois, fechado com umas portas solidamente construidas e em optimas condições de serviço.

Mais tarde assentou-se uma machina a vapor para exgottar rapidamente as aguas, e, pelo lado de fóra, collocou-se uma draga, tambem a vapor para conservar sempre

do engenheiro João Evangelista d'Abreu — uma obra importantissima: a ponte e a cabrea, ambas as construcções em ferro, e muito notaveis pela sua structura e solidez. Por muito grande que seja a tonnellation d'um navio, póde facilmente atracar á ponte, emquanto que a cabrea permite o descarregamento dos mais pesados volumes, pois póde levantar até sessenta tonnellationas, tirar ou receber mastros, artilheria, sendo a conducção feita para o Arsenal em zorras de ferro.



PONTE E CABREA DO ARSENAL DA MARINHA

(Phot. de Paulo Guedes)

desobstruida a entrada. Só muito posteriormente — em 1873 — é que o dique ficou ainda em condições melhores com a collocação de um *batel-porta*.

As officinas do importante estabelecimento fabril são construidas sobre um plano regular e têm um aspecto agradável; o desenvolvimento do trabalho artistico honra os operarios, o Arsenal da Marinha e o paiz. A officina de serração é vastissima, de estylo moderno e elegante, sendo o trabalho feito por meio de machinas a vapor.

Em 1865, executou-se — sob a direcção

A primeira embarcação que esteve na ponte foi, em 1865, a fragata *D. Fernando* que veio alli receber os mastros.

O Arsenal tem um caes todo em cantaria, denominado a *Inspecção*, porque é ao centro d'elle que está collocada a secretaria da *Inspecção*, hoje arvorada em Administração dos Serviços Fabris, e dirigida agora (maio de 1909) pelo digno contra-almirante, sr. João Botto, secretariado pelo sr. Castro Moreira.

A Administração dos Serviços Fabris tem sob sua alçada a Direcção das Construcções Navaes e esta, por seu turno, tem a Direc-

ção dos Serviços Marítimos. Uma das Direcções tem a seu cargo: a policia, fiscalização dos depositos, marinheiros, gente do talhame da artilheria, navios desarmados, guarnição dos hiates, barçaças, barcas d'agua, falúas, dragas, pontões, vapores, rebocadores, escaleres e as officinas de apparelho, pintores, tanoeiros; a outra tem a responsabilidade do corpo de engenheiros machinistas, e as officinas de machinas, serração, ferraria, fundição de bronze, latão e ferro, caldeiras de vapor, moldes, caldeiros de cobre, poleeiros, torneiros, entalhadores, calafates e carpinteiros de branco e de machado.

O serviço das Construções Navaes tem actualmente como director tecnico, o engenheiro naval sr. Mancellos Ferraz; e os Serviços Marítimos têm como director o sr. Francisco Vieira de Sá, sendo subdirector o sr. Julio Cardoso Pacheco Moreira, capitão de fragata; chefe da secção de contabilidade o sr. Adelino da Costa Barradas, commissario de

2.^a classe, e sub-chefe o sr. Miguel Pinto-Homem, aspirante de 1.^a classe.

Além do que fica exposto, o Arsenal da Marinha tem ainda — como dependencia — ao sul do Tejo os depositos de Valle de Zebro e da Azinheira.

Como nota historica, temos a accrescentar que ainda existe n'este edificio um recanto dos antigos paços da Ribeira: um grande portal em cantaria, que se vê no extremo oriental do edificio, conhecido pelo nome das galés. Este portal era pertença das obras comprehendidas nos citados paços de D. João V.

Foram, pois, durante seculos, construidos n'este Arsenal centenas de barcos, sendo as

ultimas construcções ali realizadas a do cruzador *D. Amelia*, sob a direcção de A. Croneau que fôra especialmente contractado em França para dirigir technicamente os serviços de construcção naval n'aquelle estabelecimento do estado, e em 1908, as canhoneiras *Save* e *Lurio*, destinadas principalmente ás estações africanas e que foram feitas sob a direcção do engenheiro-naval sr. Mancellos Ferraz.

Este vastissimo e importante estabelecimento fabril tem no andar nobre a Relação de Lisboa e a Eschola Naval, onde ha de importante a Bibliotheca, a Sala do Risco



BERGANTIM REAL OU GALEOTA GRANDE

(Phot. de Arnaldo Fonseca)

— ao fundo da qual existe uma corveta em que os alumnos fazem exercicio e que é conhecida pela typica designação de *Paciencia* — e o Museu.

Ahi se vêem alguns modelos de grandes embarcações construidas no Arsenal da Marinha, o modelo em madeira de uma esttua — que nunca chegou a fazer-se — de D. João V, e um grande quadro a oleo representando uma baleia, copia de uma que entrou o Tejo em 11 de janeiro de 1783 e que deu á costa na praia do Alfeite.

Como noticia da ultima hora accrescentamos aqui que no estaleiro d'este Arsenal

está em construcção a canhoneira *Beira*, especialmente destinada para serviços em Africa.

Para finalizar e como compensação da obsequiosidade com que os amáveis leitores dos *Serões* nos têm acompanhado, recomendamos-lhes a agua da ponte do Arsenal, estomacal e digestiva, cujas virtudes therapeuticas o Dr. Alfredo Luiz Lopes men-

ciona a paginas 147-148 do seu livro publicado em 1896, *Agua minero-medicinaes de Lisboa*.

Não conseguimos talvez realizar o que a indole ligeira d'esta elegante publicação requer — dizer muito em poucas palavras; em todo o caso confiamos em que o assumpto não desagradasse por completo, ainda que descripto monotonamente.

Maio, 1909.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.



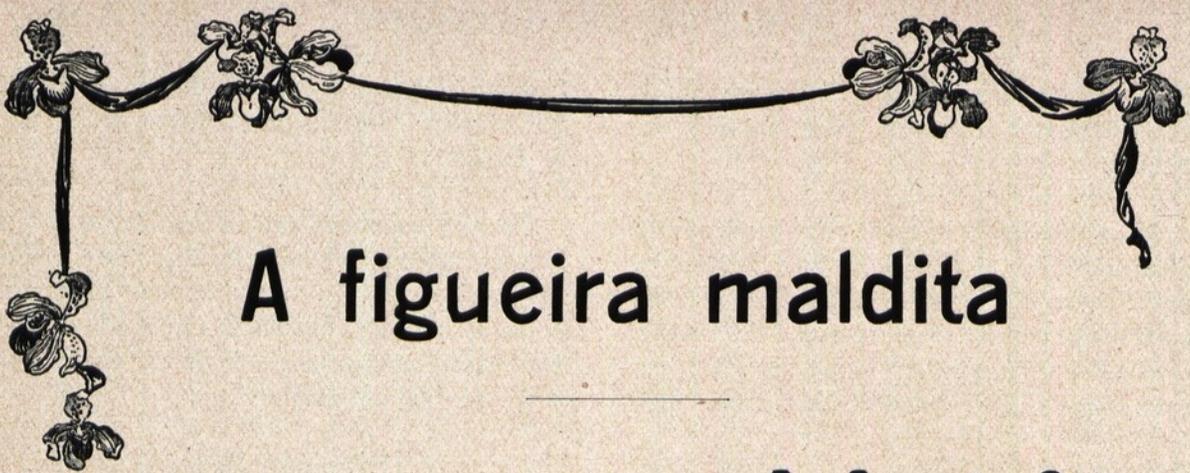
Phases do Amôr

O Amôr tem, como a Lua, tambem phases.
Atravessou já todas, minha amante,
O nosso: foi crescente e hoje é minguate,
Attente de quem quer fazer as pazes!

Na primeira, de tudo são capazes
Os que amam! O amôr principiante
Os sonhos veste de oiro coruscante
E os beijos nos perfuma de lilazes...

Depois, como são frios e tranquillos
(Bem melhor fôra nunca possuil-os!)
Os carinhos do amôr entediado!

Tanto é verdade, immenso desconforto,
Que um beijo dado é sempre um beijo morto,
E o melhor beijo é o que nunca foi dado!



A figueira maldita

A Augusto Cid

D'UM e d'outro lado d'um regato que corria em terras de Judá, erguiam-se n'aquelle tempo duas arvores. Uma era uma figueira colossal. Dominava o oiteiro onde assentava, e a sua cópa verde-negra debruçava-se na larga faixa de cristal, que mais abaixo cantava e fugia sobre um leito pedregoso.

A' volta d'ella, um grande tapete de seáras e vinhas, que subia por um lado até o alto da collina, onde avultava um lagar, pintado a vermelho, e por outro descia a mergulhar nas aguas da torrente. Parallela a esta, corria a estrada poeirenta que vai da cidade de David a Joppé a formosa, nas praias do Grande Mar.

Esta figueira era feliz. Trez vezes no anno se vestia de folhas, e trez vezes se tocava de fructos. As aves do céu construíam lá os ninhos, e vestiam-na de azas. Os viajantes vinham cançados recolher-se á sua beira, durante as grandes jornadas. Querendo ter quinhão n'este bem estar, uma cêpa que nasceu perto estendeu para ella os seus ramos, e subiu, enrolando-lhe milhares de gavinhos aos braços arrugados.

Não assim o pobre cédro, que na outra margem, enfézado e triste, vegetava penosamente. Servira-lhe de berço uma fenda caváda na rocha, onde em tempos germinou, n'uma pouca de terra levada pelo vento, o ovário que lhe deu o ser. Raro uma gôta de agua lhe refrigerava as raizes, mergulhando anciosamente n'aquelle chão estéril, que por toda a parte descarnava um esqueleto de pedra. O murmúrio

da agua proxima cravava-lhe mais fundo o agulhão da sêde. Algum cardo agréste, uma ou outra rosácea espinhosa, cresciam a custo em redór da arvore solitária. Ninguem se aventurava sobre aquellas penedias, onde os lichens alastravam como hérpes monstruosos, e os olhos das hyénas phosphoresciam entre fragas, em noites impenetráveis.

Mas o cédro, assim despresado e miseravel, era bom. Raramente alguma ave, antes de se abalançar á passagem para além do rio, poisava n'elle uns instantes. Mas era certo que a seiva palpitava mais apressada, no ramo onde os pés da ave descansavam. Os animaes silvestres, que vagueavam n'aquella aridês, triste como o campo de ossos das visões de Ezequiel, acoitavam-se ás vezes aos seus ramos, que desciam quasi junto ao chão; os xofrangos vinham alli n'um vóo de pesadello despedaçar as présas, ou repousar das aventuras nocturnas. E todos quantos appareciam eram bem vindos, todos acolhidos como irmãos que eram no Criador commum.

Passava do outro lado, no verão, a chusma ruidósa dos ceifeiros; as caravanas que vinham de negocios em Samaría e em Tyro, os romeiros que de Jerusalém desciam no mez de Nisan apertando os mólhos do trigo verde da Paschoa; agrupavam-se os caminheiros á sombra da figueira, como em logar de grato repouso, provando a doçura dos seus fructos, e contando maravilhas dos paizes distantes; desciam as aves a visitar os seus ninhos e a enchê-la de musicas, á hora a que vaidosamente misturava, no regato murmurante, os tons verdes da folha-

gem com o azulado das aguas. O cédro nada invejava.

Só a figueira era soberba e má. Quando a paizagem adormecia na paz das sombras, ella, na linguagem das arvores, mysteriosa aos homens, escarnecia a sua irmã, perdida, esquecida n'uma préga das escarpas fronteiras. Humilhava-a no confronto com os seus iguaes, que coalhavam ao norte as cumiadas do Líbano, magnificamente magestosos, resistindo aos seculos roazes e ao assalto das tempestades. Porisso, ao cair sobre elles a machada do lenhador, era para com os seus arômas purificar os immundos da lépra, ou para com a sua carcassa levantar os templos dos Deuses e os palacios dos reis.

Quando os homens ou as aves lhe traziam um testemunho de sympathia, quando as folhas e os fructos, que trez vezes no anno a visitavam, lhe faziam vergar os ramos, quando o sol a envolvia em carícias, a odienta figueira enviava ao cédro, no sópro da brisa, um vago rumorejar de vaidade e desprêso.

Uma nova razão de motejo nascia em cada madrugada. Agóra, porque da magra folhagem do cédro saíra toda a noite o estridor agoirento da coruja, emquanto o rouxinol, n'um galho da figueira, levantara aos primeiros alvôres, no dilúculo-lactescente, um gorgeio de saudação. E o cédro, sombriamente inclinado sobre o granito não menos sombrio, sem invejar nem odiar, continuava, silencioso, a estender a sua cópa sobre os répteis e os abutres.

Atravessava então os montes e os valles tranquilllos que vão da Samaria ao Mar Morto um homem estranho, que dizia uma palavra tão estranha como elle. Quantos o ouviam, contavam d'elle maravilhas. Falava d'uma nova terra promettida, que em breve havia de apparecer; igualava o escravo ao senhor, e preceituava o amor entre os homens, como complemento do amor entre as coisas criadas. Porque o amor era para elle o alicerce e a razão da futura sociedade universal.

Naturalmente, a Synagoga odiava-o. O poder constituido via n'elle a dissolução social, a inundação que devasta os campos e os povoados. E ambos procuravam perdê-lo. Mas o povo adorava-o, porque esse homem, que era seu filho, trazia-lhe a pa-

lavra de amor, e personificava o seu soffrimento e a sua esperança.

Tinha uma existencia simples; falava como um Deus e vivia como um homem. Quando a sua túnica, da cór dos lirios brancos, alvejava nos campos e nas estradas, corriam homens, mulheres e crianças a saudá-lo, e a ouvir a sua palavra e o seu consêlho, que elles entendiam melhor que a rhetórica balôfa dos phariseus e dos saduceus. Por onde quer que elle passasse, só ou entre os seus amigos fieis, que um a um escolhêra, como trigo do meio do jóio, immensa turba o seguia de aldeia em aldeia, de castello em castello.

Ora certa manhan acertou de passar este homem n'aquella estrada, e junto d'aquella figueira. Como o calor apertava, desceu abaixo a beber a agua clara do regato no cóncavo da mão direita, e veio depois procurar entre a folhagem espessa algum fructo que o reconfortasse. Mas não lhe encontrou senão folhas, porque não era esse o tempo de fructificar. Sentou-se na relva, os companheiros imitaram-no, e reclinou a cabeça fatigada no tronco revestido de vinha.

A figueira julgou o viajante adormecido, e disse ao cédro:

— Repara, arvore despresivel. Mais uma vez estes homens veem descançar á minha sombra. Já aqui estiveram o anno passado — recordas-te? — e agora, como então, não se dignaram levantar para ti os seus olhos. Não sei quem são, nem isso me importa; mas pelo trãjar, que não é daqui, e pela poeira que os cobre, parece que veem de longe. E tu ahi ficas, esquecido, despresado, sem um rasto humano á tua beira, sem fructos que saciem nem folhas que refrigerem.

Assim falou a figueira, do alto da sua vaidade. O recémvindo vigiava, e ouviu-lhe o discurso, porque entendia, á semelhança do rei Salomão, a linguagem secreta das coisas. Ouviu-se ao longe o cantar dos lagareiros, que ao cimo da collina recalçavam nas cubas de pedra os cachos reluzentes. No alto crusavam-se pombos, leves como sonhos de ante manhan. Através do claro da folhagem, um raio de sol beijou a relva, e logo um bando sussurrante de insectos veio abrir de gôso, n'aquella luz amiga, as suas asas de oiro. A' roda, os companheiros dormiam.

Acordou-os e contou-lhes o que ouvira.

— Que vos parece? perguntou.

Um d'elles; de face torrada pelas soa-lheiras e longa barba grisalha pendente sobre o peito, adiantou-se e respondeu:

— Mestre, eu acho que tal proceder é condemnavel e digno de censura. Ninguém deve humilhar o seu irmão por fraco e inutil que pareça. Acaso não foste tu quem disse que devemos amar-nos uns aos outros?

— Em boa verdade te digo, Céphas, que é esse um optimo discurso. Entrou no teu coração o espirito da justiça.

E fallou á figueira:

— O teu orgulho te perdeu. Tu que eras insignia da paz, serás hoje signal de discórdia; symbolo da abundancia, ficarás de óra ávante o phantasma da esterilidade. Porisso te amaldiçôo, e jámais nasça fructo de ti!

Depois, voltou-se para os amigos:

— Vamos! Cingi os vossos rins, tomae os vossos bordões, e lancemo-nos ao caminho, para longe d'esta arvore maldita!

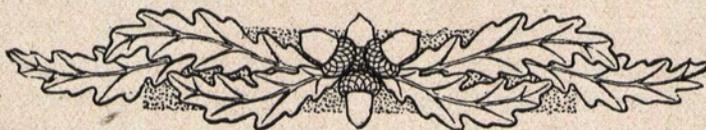
◊ A viração d'essa tarde levou para a agua

fugitiva as ultimas folhas encárquilhadas; os sarmentos da vide desprenderam-se d'aquelle cadáver e caíram; toda a erva seccou em volta; e apenas os ramos nús da figueira se erguiam no ar, contorcidos como os braços dos condemnados ao fogo. Nunca mais as aves do céu lá cantaram o poema dos seus amores. E no dia seguinte o lagareiro que pisava as uvas cantando, os semeadores do campo que passavam nas seáras, os mercadores de púrpura que voltavam dos pontos longinquos, os pastores que levavam os rebanhos intonsos a beber á torrente, perguntavam-se pasmados:

— Como em tão breves horas morreu esta arvore, que nossos olhos ainda hontem viram tão alta e tão viçosa?

Tambem o dono da figueira maldita ali veiu. E chamando os servos, ordenou-lhes que a fossem arrancar e d'ella fizessem lenha, cumprindo assim a letra sagrada, onde diz que «a arvore estéril será cortada, e lançada ao fogo».

M. CARDOSO MARTHA.



A TEIA

*O mais pequenino insecto
cahido em teia d'aranha,
não sente prisão tamanha
como o d'este meu affecto*

*Prêso na tua amisade,
n'esse amôr, n'esses teus beijos,
em que eu sonho mil desejos
d'uma grande felicidade!*

*E assim, se o pequeno insecto
foge da teia, medrôso...
mais eu me enrêdo no gôso
da teia do teu affecto.*

Porto.

Julio Coutinho.

*Numerosas celebridades
clinicas e medicas de to-
dos os paizes, recommen-
dam muitissimo a*

Somatose

*de cujos effeitos estimulantes,
tônicos e reconstituintes do sys-
tema nervoso formaram um ju-
zo allamente favoravel.
Vende-se em pó ou liquida
nas pharmacias e drogarias.*



Senhoras em evidencia

Litteratura

A sr.^a D. Margarida de Sequeira e Luiza são uma e a mesma entidade. Estremamente modesta, d'uma modestia que toca as raias do culto, a sr.^a D. Margarida de Sequeira não quiz impôr aos vóos da publicidade o seu verdadeiro nome e d'esse delicadissimo

Mais tarde, uns requintes finissimos de intelligencia e de bondade, creou essa personalidade fina e graciosa de *Luiza* que tão querida foi das leitoras d'esta revista. No seu *Consultorio*, como ella despretençiosamente denominava a sua secção nos *Serões*, acorreram todas as mulheres que vibram com as alegrias da vida e tambem todas as que provavam nas suas torturas mais amargas. Nenhuma d'ellas ficou sem um conselho, sem um lenitivo, sem um sorriso ou uma lagrima que fosse aljofrar o estado de uma alma que se patenteasse a *Luiza*.

E ao escrevermos rapidamente estas linhas para acompanhar o seu retrato, homenagem fervorosa e justa d'uma publicação a que ella tanto emprestou do seu prestigio intellectual, não sabemos a que mais vimos se a pôr em relevo uma individualidade a quem muitos já devem as letras patrias, se a exaltar um coração diamantino para quem a humanidade tem contrahida uma divida enorme de amor e de complacencia.



D. MARGARIDA DE SEQUEIRA

A força naval da Inglaterra

sentimento suggeriram os seus dois pseudonyms tão carinhosamente conhecidos pelo publico que lê.

Com o nome de *Margarida de Sequeira* firmou numerosas novellas vibrantes de phantasia e de vivacidade profundas na essencia e subtilmente polvilhadas de graça e do colorido na fôrma, e que, sem duvida, representam documentos eloquentes d'uma intellectualidade que deve orgulhar o sexo a que pertence e a amavel creatura que as escreve.

A recente visita da esquadra ingleza, que, com uma carta autographa de Eduardo VII a el-rei D. Manuel, representa mais uma manifestação da velha e tradicional alliança luso-britannica, trouxe por alguns dias uma nota interessante e movimentada á nossa capital. Os typos caracteristicos dos seus marinheiros e officiaes, typos viris e louros, percorriam as praças publicas por entre a attenção de todos, que admiravam a sua compostura, contrastando com os proverbias desmandos, que tão peculiares lhes eram em terras peninsulares.

Dos pontos altos da cidade, que são como que minaretes olhando o Tejo, grande numero de pessoas foram presenciar a entrada dos colossos da marinha de guerra ingleza, que eram, ainda assim, uma parte minima da grandiosa força nava: do Reino-Unido, por certo a mais poderosa, a mais forte, a mais rica do mundo inteiro.

A Inglaterra teve sempre a preocupação de não só manter íntegra a sua supremacia naval, como ainda augmental-a dia a dia, e cada vez mais. E' conhecida a velha rivalidade, que sob esse ponto de vista, existe entre a Alemanha e a Inglaterra.

O imperio germanico procura attingir o grau de prosperidade marítima da Inglaterra, e justiça é dizer que, sob o ponto de vista commercial, o tem conseguido. As suas victorias de navegação mercantil sobre a Inglaterra trazem esta seriamente preocupada, não só porque representa um desequilibrio commercial a favor do imperio allemão, como ainda porque, se-

tegidos, 55 *destroyers* e torpedeiros, 35 submarinos e 6 navios auxiliares — ao todo 150 navios.

E toda esta força monstruosa não representa mais que uma parte do seu poder naval. Ao passo que no Tamisa entram estas duas poderosissimas esquadras, visitava Lisboa a esquadra do vice-almirante Jackson, que circula no Mediterraneo, e que foi mandado fazer essa visita official, após as monobras nos mares de Malta.

D'esta visita, por tantos titulos agradável, deve ter ficado no espirito dos valentes marinheiros inglezes uma impressão agradabilissima, dada a cordealidade



O ALMIRANTE JAKSON EM CINTRA

gundo a lei que estabelece e rege a navegação commercial allemã, cada um dos grande transatlanticos que navegam sob a bandeira tricolor é, em caso de guerra, um navio militar. Apesar d'isso, porém, a Alemanha ainda não conseguiu uma tão grandiosa força naval como a que hoje possui a Inglaterra, com os seus quatro *Dreadnoughts*, que ainda ha dias entraram triumphantemente em Londres, pela primeira vez. Foi um dia de orgulho para o patriotismo inglez. Cortando céleres as aguas negras do Tamisa, o povo londrino viu approximar-se, assombrado, essa parte da força naval do Reino-Unido, que só por si era uma força consideravel. Foram 24 navios de combate, entre os quaes entraram quatro *Dreadnoughts*, de 18:500 toneladas e 10 canhões; 3 cruzadores-*dreadnoughts*, de 17:500 toneladas; cruzadores dos typos *Lord Nelson* e *Eduardo VII*, que vem decrescendo de 16:500 toneladas; 16 cruzadores coraçados, 14 cruzadores pro-

com que foram recebidos e tratados pelos nossos distinctissimos officiaes de marinha, que são em qualquer parte do mundo figuras de destaque, pela sua intelligencia, pela sua cultura e pela sua educação.

Chronica da moda

Viajar de automovel — Os chapéos para automobilistas — Côres e tecidos — O que vae usar-se?

Estamos na época das thermas, das praias, das villegiaturas.

As revistas do grande tom, feitas para as damas ricas, para as privilegiadas da fortuna, só se occupam das *toilettes* luxuosas dos casinos, dos costumes apropriados para os varios *sports*, do vestuario usado nos automoveis.

Presentemente todos viajam em automovel, ainda

que não seja senão em ligeiro passelo pelos arredores de Lisboa quem se ha de apresentar sem *toilette* apropriada dentro d'essas bocetas almofadadas, d'um ar distincto, que mais parecem lindos gabinetes de repouso, do que monstros de tentáculos gigantescos, destinados a devorar centenas de kilometros por hora?

Levam em si o conforto e a elegancia, offerecendo por todos os lados os seus pequenos bolsos recheados dos accessorios indispensaveis á *toilette* feminina:—o espelho, a borla de pó de arroz, cremes, escovas, livros; na frente, em bella cornucopia de crystal, geralmente um ramo de flores derrama em torno o seu aroma fresco. Não é um vehiculo, é um *boudoir* que nos leva por essas estradas fóra, n'um arrebatamento de sonho.

Raras vezes se deita um olhar á paisagem, que mal se distingue na rapida visão que nos dá.

Dentro conversa-se, risse, joga-se o *bridge* aproveitando-se as pequenas *tablettes* que o auto tambem offerece; antegosa-se a chegada ao ponto do destino; dá-se uma nova vista de olhos ao espelho; entretanto tem-se chegado, e sae-se do lindo cofre que, diga-se de passagem, é muito mais lindo por dentro do que por fóra.

Como geralmente se não póde sair limpinha e fresca como se entrou, porque os solavancos e o pó das estradas tudo amarrotam e enxovalham, procuram as modistas attenuar este reverso da medalha, inventando protectores para as *toilettes* em amplos casacos abotoados até ao pescoço n'um rigor de resguardo exagerado, sem comtudo affectar a elegancia.

*

Os chapéos, na sua fragilidade quando não são propriamente largas boinas de fazenda sem guarnições, são as victimas mais lesadas nos *precalços* da viagem.

Como remedio a moda inventou o seguinte subterfugio: a viajante automobilista leva dois véos, um fino e leve que lhe envolve directamente o chapéu e se conserva sempre limpo e fresco, outro mais grosso de *mousseline*, mais impenetravel e envolvente, onde se fixam as lunetas que lhe resguardam os olhos e que se tiram rapidamente com o véo ao saltar abaixo do auto, dando a impressão de que nem o pó nem as inclemencias da travessia ousaram tocar-lhe.

E' uma illusão que só serve para en-

ganar os outros... mas... raras vezes é preciso mais para uma elegante ficar satisfeita.

Como nem todas podemos ter as delicias do automobilismo, não tendo comtudo menos direito ás confidencias da moda, vamos informar as leitoras sobre outros pontos que podem interessal-a, baseando-nos nas auctoridades que mais despoticamente decretam sobre tão monumental assumpto.



VESTIDO DE TARDE

Côr de malva e «foulard» branco com decote
guarnecido de rendas e camisete

A fraqueza do corpo, dibilidade dos membros e nervosismo das senhoras, dissipam-se por completo com a **SOMATOSE**.

O branco é n'este momento a côr mais usada, mas ha tambem quem lhe prefira o preto: são as senhoras nutridas, porque, como é sabido, o preto adelgaça a figura, faz parecer menos gordas e mais altas as pessoas gordas e baixas.

Para as viuvas e senhoras de idade a moda desencontou um *foulard* especial e lindo, todo preto com pintas brancas, que tem tido grande voga.

Em contraposição para as senhoras novas, ha tambem um *foulard* branco com pintas pretas, cheio de originalidade e muito procurado pelas pessoas amantes de novidades.

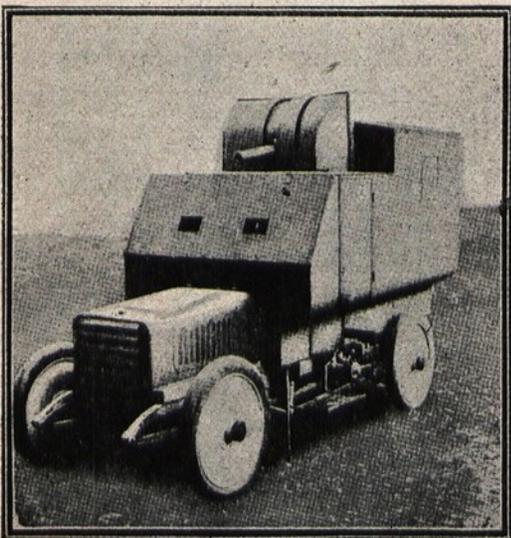
Começa já a falar-se nos tecidos e côres que irão usar-se no proximo outomno.

Os linguaeiros dizem que o tecido mais adoptado será a *cachemire* e a côr mais escolhida será a gamma do rôxo ao côr de rosa.

Tudo pode ser, mas por enquanto é prematura qualquer afirmação categorica; limitamo-nos pois a dar a noticia como mero boato, porque se na vida o *homem põe e Deus dispõe*, na moda muitas vezes a *modista propõe e a elegante resolve*.

O que ella resolverá ao certo, é por enquanto mysterio impenetravel...

O automobilismo na guerra



UM AUTOMOVEL PARA DESTRUIR OS BALÕES

Os balões estão destinados a fazer uma revolta completa na guerra. A estampa agora inserta representa um automovel armado de um canhão, ao qual se pode dar a inclinação precisa para atirar sobre os aerostatos. Uma peça de artilharia dispara projecteis armados de navalhas que rasgam o envolvero do balão e que o põe em circumstancias de não se poder aguentar no ar.

«Beijos Perdidos»

M. Duarte de Almeida, o glorioso poeta lyrico d'A *Mosca Morta* — essa encantadora aguarella pantheista, rescendendo perfumes delicados e irradiando scintilações de arte esmeradissima da sua cinzeladura cheia



MANOEL DUARTE D'ALMEIDA

de animo e de graça, acaba de publicar um delicado poemeto intitulado *Beijos Perdidos*, que são mais uma afirmação radiosa dos seus altos meritos de artista, mais uma demonstração de quanto a sua musa é delicada, altruista, cheia de mimo e de ideaes anhelos pela suprema perfeição.

*Despedem beijos ao ar,
Beijos que perdidos são,
As senhoras, que, ao beijar,
Só fingem que beijos dão.
No espaço, a peregrinar,
Taes beijos — aonde irão?*

.....
*Assim perdidos no ar...
E' crime sem remissão.*

*Senhoras! Peço perdão
De... não poder perdoar!*

M. Duarte d'Almeida tem um dever a cumprir para com todos quantos amam as boas letras e os bons poetas d'este paiz, qual é a colleção em volume dos seus lindos versos lyricos — essas joias da mais pura filigrana de oiro precioso, que andam por ahi dispersas, tão longe dos seus cuidados...

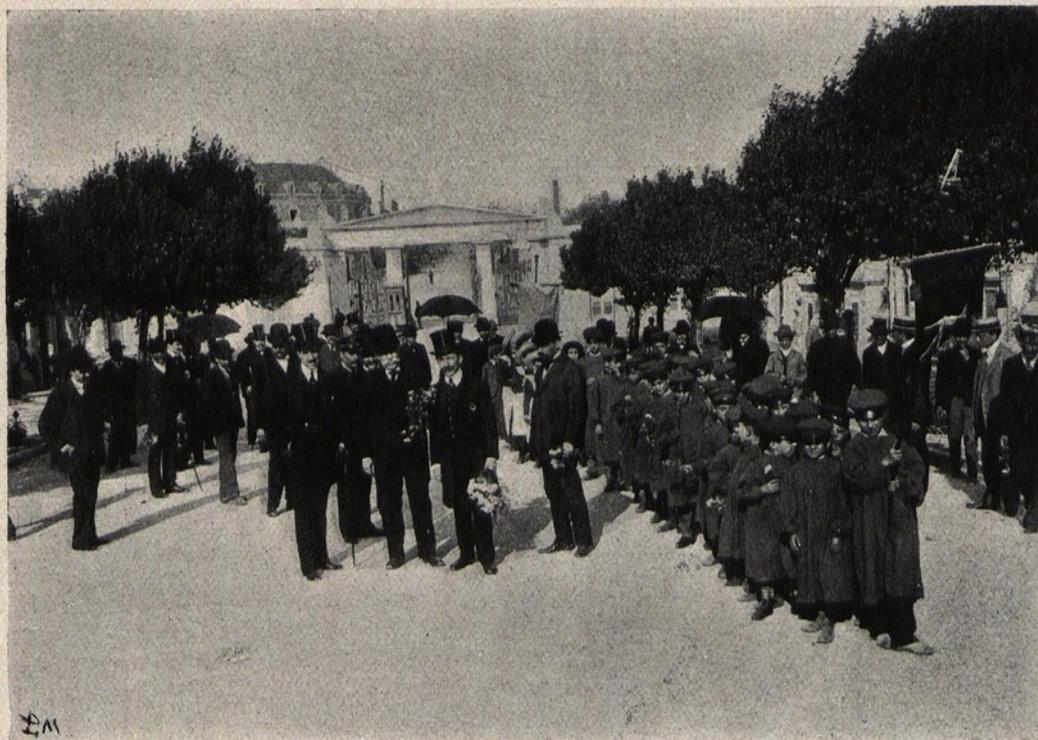
Recordando-lh'o, affirmamos-lhe o nosso affecto e a nossa carinhosa admiração pela nobreza da sua alma e pela superioridade do seu talento.

A família do general Craveiro Lopes



Grupo, tirado em 1891, onde na sua maioria se destaca a família do general Craveiro Lopes, chefe da casa militar d'El-Rei, fallecido a 11 de agosto ultimo

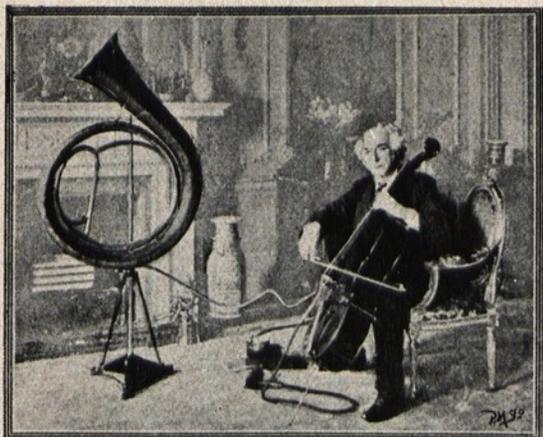
Homenagem a Trindade Coelho



No 1.º plano, o Dr. Magalhães de Lima, o Dr. Costa Ferreira e Henrique Trindade Coelho (filho de Trindade Coelho)

Novo invento

Mr. Charles Parsons, que tem o seu nome vinculado à gloria da invenção da turbina a vapor, fez recentemente conhecer bem o seu novo invento denominado



O AUXOPHONE

Auxetophone. Por meio d'este aparelho, o ar comprimido po- te ser utilizado para communicar o som a algum instrumento a que esteja ligado. Applicado ao *cello*, a valvula é presa por um tubo de aluminio ao instrumento, sendo a compressão do ar que, ao passar pela referida valvula, produz as vibrações que se tornam notavelmento caracteristicas.

O som que são da trompa, embora se assemelhe muito ao proprio som do instrumento, apresenta um cunho original pelo augmento de volume e intensidade.

Ha cêrea de dois annos o interessantissimo engenho foi applicado ao gramophone com grande exito.

No anno passado teve a sua applicação a um pequeno instrumento, que, d'esta fórma, foi facilmente ouvido em toda a vasta sala de Albert Hall.

A assistencia numerosissima dos concertos symphonicos do Queen's Hall discutiu, com assombro, a extraordinaria invenção prognosticando-lhe um lugar de destaques entre as descobertas scientificas do futuro.

Regatas no Tejo

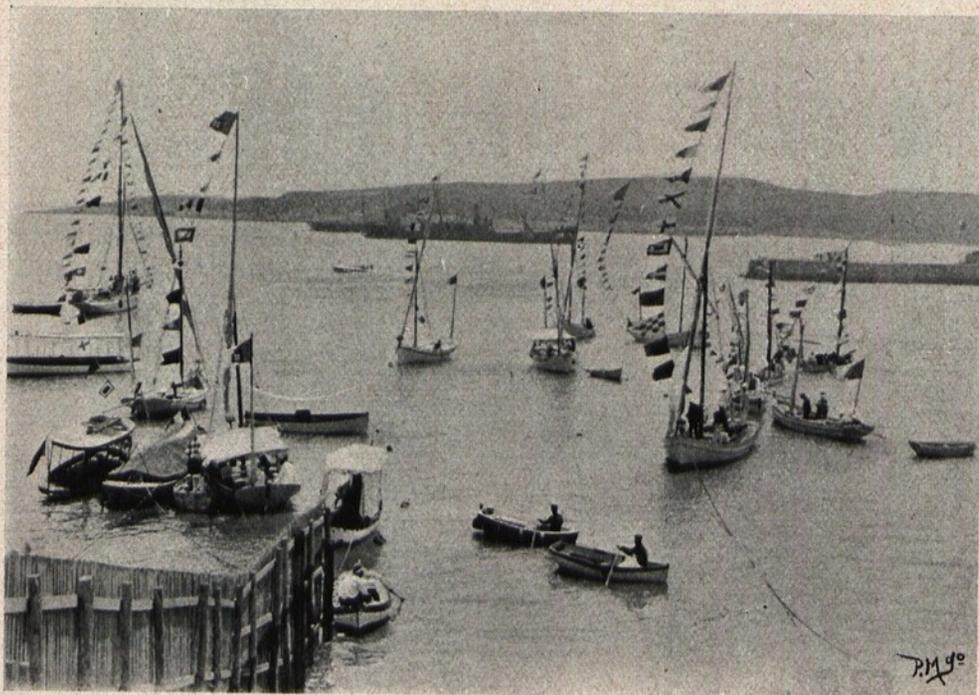
A disputa da taça «Lisboa»

O *sport* tem-se desenvolvido extraordinariamente, nos ultimos tempos, no nosso paiz. E, se bem que se não deve desecurar de modo algum a educação intellectual e moral, a verdade é que a cultura dos exercicios *sportivos* contribuem grandemente para a felicidade do homem.

Na velha Grecia, suprema civilização da belleza e da força, a educação physica era um dos pontos essenciaes em que assentava a belleza moral e a requintada concepção artistica da Hellada, vinha-lhe do amor á proporcionalidade da fórma, á suprema belleza e correção das linhas. *Uma alma sã n'um corpo são*, é o axioma predilecto das mais elevadas civilizações. Um corpo desenvolvido harmonicamente, em um conjuncto proporcional de forças, na libertação absoluta da doença e da fraqueza, encerra de ordinario (e quando não encerra devia encerrar) uma alma generosa, grande, feliz, vendo a vida pelo lado bello, pelo lado optimista, o que representa meio caminho andado para a felicidade. Interessa-nos pois, sobre-

modo, vêr desenvolver-se d'esta maneira o gosto pelos exercicios physicos, mórmente se não visarem apenas a fins exhibicionistas de *snoobs* e tenderem para o aperfeiçoamento da raça.

Em Lisboa realisa-se todos os annos uma prova nautica interessantissima a regata, para a disputa da taça *Lisboa*, que fica em poder do ven-



OS BARCOS EMBANDEIRADOS A' CHEGADA DE SUA ALTEZA O SR. INFANTE D. AFFONSO

cedor até ao anno seguinte, em que este organisa a regata, para novamente ser disputada a taça em seu poder. E' por assim dizer a unica prova regulamentada que existe entre nós e a que concorre ordinariamente a fina flôr dos *sportsmen* nauticos.

A taça foi este anno disputada pela Real Associação Naval e Real Club Naval de Lisboa. A festa, que decorreu brilhantemente e com enthusiasmo, foi organizada pela Real Associação Naval, em poder de quem estava a taça *Lisboa*. A prestante collectividade desempenhou-se distinctissimamente d'esse encargo, conseguindo organisar um programma attrahente de veras, e inscrevendo-se no desafio das tripulações do Porto e da Figueira, o que augmentou extraordinariamente o interesse na sympathica lucta.

O percurso foi de dois mil metros e a largada realisou-se pela 1,40 da

tarde. O signal da partida, devido á precipitação, foi dado antes das duas embarcações estarem alinhadas, o que deu em resultado o *outrigger* da Associação Naval sair, quando os remadores do Club Naval se estavam preparando. Isto não impediu no emtanto que os segundos avançassem sobre os primeiros e os vencessem.

Foram entusiasticos os applausos com que se receberam os vencedores: treinador da tripulação, sr. João Motta Marques; guia, sr. Albano dos Santos; timoneiro, sr. Vasco de Almeida. Ficou, pois, a taça *Lisboa* este anno em poder do Real Club Naval.

Realisaram-se ainda as seguintes provas, cujos premios eram medalhas de *vermeil*:

Inriggers de quatro remos, tripulados por alumnos dos lyceus da Lapa e do Carmo. Venceram os alumnos do lyceu da Lapa.

Outriggers de quatro remos, em que entravam a Real Associação Naval, Real Club Naval e Oporto Boating-Club, ganhando a primeira n'um percurso de dois mil metros.

Outringgers de quatro remos, em que tomaram parte as duas collectividades de Lisboa, Real Club e Real Associação, vencendo esta com as suas embarcações *Douro e Tejo*.

Inriggers de quatro remos (a ultima prova), tomando parte a Real Associação, o Real Club e Gymnasio Figueirense. Venceu ainda mais uma vez o *inrigger* da Real Associação Naval.

As provas d'este anno, embora não attingissem o maximo luzimento e o alto brilhantismo de algumas



SUA ALTEZA O SR. INFANTE D. AFFONSO DIRIGINDO-SE A' CANÔA D'ONDE DIRIGIU O PASSEIO

realizadas em annos anteriores, foram de molde, ainda assim, a deixar contentes e satisfeitos os seus louvaveis promotores.

O «Mensur»

São interessantissimos os duellos que em Heidelberg os estudantes realisam, tantas são as condições extraordinarias em que elles se praticam.

O nosso desenho representa uma d'essas originallissimas scenas, em que não é raro que um dos contendores caia mortalmente ferido, apesar das cautelas de que lançam mão, defendendo com resguardos todas as partes mais perigosas do corpo. Do que não resta duvida é que representa um importante elemento de educação, attendendo a que o duello, ainda que não reconhecido officialmente, faz parte integrante da educação nacional na Alemanha.

Esta fórma de duello, ou «Mensur», não deriva d'uma questão pessoal, não se conhecendo os combatentes de antemão. Os presidentes dos corpos são

quem organisa os combates, e como não ha nenhuma grande injuria a vingar, assim não ha desejo de ferir gravemente o adversario.

Os combatentes tem protegidas todas as partes vitaes. do corpo, deixando apenas expostas as faces, as maxillas, o nariz e o alto da cabeça.

ridas estão fóra da convenção para o effeito de pôr termo ao duello. O *Schlaeger*, ou espadim allemão, é uma arma terrivel, cujos golpes é preciso desviar com rapidez, para que o rosto não seja attingido pelo seu fio terrivel. Emfim, comquanto perigosa, a prova é de molde a fazer desenvolver a agilidade, a presteza,



DUELLO ENTRE ESTUDANTES EM HEIDELBERG

A despeito d'estas precauções o «Mensur» entre estudantes allemães está longe de ser um negocio infantil. A lucta tem de durar um bom quarto d'hora e os combatentes não abandonam o campo, sem que um d'elles seja tocado n'um osso. Todas as outras fe-

a rapidez com que os golpes tem de ser aparados, para que, no dia seguinte, entre os seus camaradas, o estudante não offereça a face golpeada, o que é uma demonstração de fraqueza e ainda por cima significa pretexto para desapiedados gracejos.

**FARINHA
LACTEA NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.



LUIZ FILGUEIRAS

Distinto regente da orchestra do theatro da Trindade

Musica

DOS

Serões

Ninharia

PIZZICATTI

POR

Luiz Filgueiras

NINHARIA

Pizzicatti por Luiz FILGUEIRAS

Moderato

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a common time signature (C). It begins with a melodic line of eighth notes, followed by a series of chords. The lower staff is in bass clef with the same key signature and time signature. It features a bass line with a 'P. sempre staccato' instruction and a dynamic marking of 'f' (forte) towards the end of the system.

The second system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the melodic line with eighth notes and chords. The lower staff continues the bass line with staccato chords. A dynamic marking of 'p.' (piano) is present in the upper staff.

The third system of musical notation consists of two staves. The upper staff features a melodic line with a 'rallentando' (rallentando) marking and a 'p.' dynamic marking. The lower staff continues the bass line with staccato chords. The tempo marking 'a tempo' is also present.

The fourth system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the melodic line with eighth notes and chords. The lower staff continues the bass line with staccato chords. A dynamic marking of 'p.' is present in the upper staff.

The fifth system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the melodic line with eighth notes and chords. The lower staff continues the bass line with staccato chords. Dynamic markings of 'p.' are present in both staves.

First system of a musical score, consisting of two staves. The upper staff contains a melodic line with eighth and sixteenth notes. The lower staff contains a harmonic accompaniment with chords and moving lines. Dynamic markings include *f* (forte) and *p* (piano). A hairpin crescendo is shown above the lower staff with the text *rall° e cresc*. A *p* marking is also present at the end of the system.

Second system of the musical score, consisting of two staves. It continues the melodic and harmonic material from the first system. Dynamic markings include *f* and *p*.

Third system of the musical score, consisting of two staves. It features a hairpin decrescendo followed by a hairpin crescendo, with the text *rall° a tempo* written above the lower staff. Dynamic markings include *f*.

Fourth system of the musical score, consisting of two staves. It continues the melodic and harmonic material. A *p* marking is present at the beginning of the system.

Fifth system of the musical score, consisting of two staves. It continues the melodic and harmonic material. A *p* marking is present at the beginning of the system.

The first system of music consists of two staves. The upper staff contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, while the lower staff provides a harmonic accompaniment with chords and single notes.

The second system continues the piece and includes dynamic markings: *rall.* (rallentando), *a tempo*, *p* (piano), *f* (forte), and *p* (piano). The notation shows a mix of melodic movement and sustained chords.

The third system features a *rall.* marking followed by *a tempo*. The musical texture remains consistent with the previous systems, showing melodic lines and accompaniment.

The fourth system includes a *f* (forte) dynamic marking. The notation continues with melodic and harmonic development.

The fifth system concludes the piece with a *Coda* section followed by a final *Fim.* (Fine) marking. The notation shows the final chords and melodic fragments of the piece.

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz
remedio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — Só se vende em Gottas e em Pilulas

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO

~~~~~  
**GOTA**  
~~~~~

NEURALGIAS

D^r BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



LOÇÃO DEQUEANT

**CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS**

Umco producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo
L. DEQUEANT, Pharmaceutico, 38, Rue Clignancourt, Paris

Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se
dirigir para todas as informações gratuitas

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL

Em LISBOA, Rua dos Sapateiros, 15, 1.º, direito,
a quem devem dirigir-se para todas as informações gratuitas.

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, **128, Faubourg Poissonnière — PARIS.**

Grandes vantagens

Aos assignantes dos

SERÕES

BRINDE: Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.^a classe, partida de Lisboa), em epocha á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente.

BONUS

Desejosa a administração dos "SERÕES" por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos nossos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — a todos que assignarem a revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre —, o poderem adquirir qualquer volume publicado ou todos os dez, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos "SERÕES" é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha.....	{ Anno.....	2\$200 réis
	{ Semestre ...	1\$200 »
	{ Trimestre...	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca)	- Anno.....	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	- Anno.....	15 fr.

Pedidos á

Administração dos "SERÕES"

30, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

Mais vantagens aos nossos assignantes e compradores dos SERÕES

A todos os nossos assignantes e compradores dos SERÕES offerecemos o **Bonus de 10 %**, sobre o preço da venda, de um exemplar do **ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**, edição 1909, para o que, bastará a apresentação d'este bilhete na administração do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 30, (Palacio Foz).



AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os saos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.:

LISBOA

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 30.

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 8.º volume da 2.ª serie.

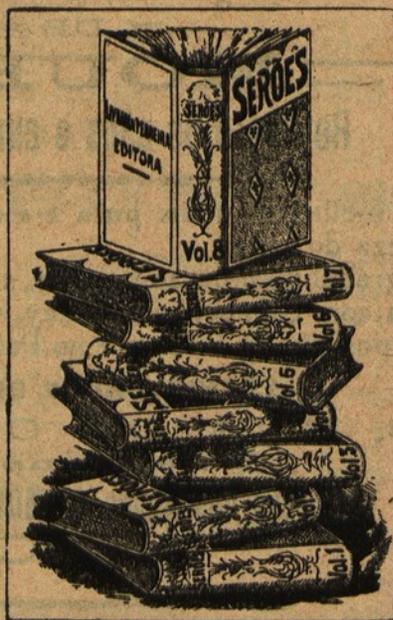
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1\$200 réis cada



A 1\$200 réis cada

OITO VOLUMES

2.ª Série

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA